

# Contos

1ª Coletânea



# Contos

1ª Coletânea

PRIMEIRA EDIÇÃO

SÃO PAULO

2017

*Apparere*

## Copyright by Autores (as)

Todos os direitos reservados aos (às) Autores (as). Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos, atualmente existentes ou que venham a ser inventados. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal, Lei nº 6.895, de 17/12/80) com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão, e indenizações diversas (artigos 122 a 124 e 126 da Lei nº 5.988, de 14/12/73, Lei dos Direitos Autorais).

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Projeto Apparere

Contos : coletânea Apparere -- São Paulo : PerSe, 2017.

Vários autores.

ISBN XXXXXXXX

1. 1. Contos brasileiros – Coletâneas , Apparere

CDD - 869.9308

### Índices para Catálogo Sistemático

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira 869.9308

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>HORA DE VOAR</b>	<b>11</b>
ADNELSON BORGES DE CAMPOS	
<b>O DIÁRIO NA ESCRIVANINHA</b>	<b>16</b>
ADRIANA IGREJAS	
<b>O CORONEL E SEU CAVALO GANCHO, AQUELE MAL EDUCADO!</b>	<b>28</b>
ALEXANDRO MOLLERI REIS	
<b>UMA FESTA</b>	<b>31</b>
ANTONIO IVAN RODRIGUES BARRETO	
<b>O DIA FINITO</b>	<b>32</b>
ARISSON TAVARES DA SILVA	
<b>DESEMPREGO</b>	<b>34</b>
DAVI M GONZALES	
<b>AS MAÇÃS</b>	<b>39</b>
DAYANNE SAMPAIO	
<b>A BREVE HISTÓRIA DE ZÉ NINGUÉM E PÉ-DE-CHINELO OU O MENTECAPTO E A DADEIRA</b>	<b>41</b>
ELIANA PACCO	
<b>NÃO ERA TIPO ASSIM</b>	<b>45</b>
FRANCIRENE GRIPP DE OLIVEIRA	
<b>ENTRE O AMARELO E O ROSA</b>	<b>48</b>
GERSON SILVESTRE	
<b>NA MOENDA E NA BAIÁ</b>	<b>58</b>
GUILHERME GIUBLIN	

<b>A NEBLINA DO SILÊNCIO</b>	<b>61</b>
GUILHERME MAPELLI VENTURI	
<b>O TALENTO ESTÁ NO SANGUE</b>	<b>64</b>
HELDER GUASTTI	
<b>MEMÓRIA OFUSCADA</b>	<b>68</b>
HERMÍNIO NETO	
<b>DEU A LOUCA NA MORTE!</b>	<b>73</b>
JANAINA CAIXETA DE OLIVEIRA	
<b>FAÇA-ME SANGRAR</b>	<b>78</b>
JANA LOPES	
<b>A IGREJA, O CINEMA E O ÁLCOOL</b>	<b>83</b>
KAROL FONSECA	
<b>ELA E ELE</b>	<b>88</b>
KELLY CRISTINA ARAUJO	
<b>MÃOS, UNHAS COMPRIDAS E ESMALTE VERMELHO</b>	<b>91</b>
LAILTON ARAÚJO	
<b>NO PARQUE</b>	<b>95</b>
LUIZ LOUREIRO	
<b>A VELHA GORDURA DO SERROTE BRANCO</b>	<b>96</b>
MARA GABRIELLY BATISTA DE MACEDO	
<b>MEGA CENA</b>	<b>98</b>
MARCO ANTONIO CAMPOS	
<b>UMA LOUCA VERDADE</b>	<b>102</b>
MARIANA ZAMBON FERREIRA BRAGA	

<b>JASMINE</b>	<b>105</b>
MICHAEL HEARTBORN	
<b>UM FIM DE INFÂNCIA</b>	<b>109</b>
MILA OLIVIER	
<b>AVENTURAS DE FELICIDADE</b>	<b>110</b>
NEYD MONTINGELLI	
<b>DAEDALUS</b>	<b>113</b>
RODRIGO C. SANTOS	
<b>A AMANTE</b>	<b>122</b>
SANDRA WERNECK	
<b>“MEU PRÍNCIPE”</b>	<b>126</b>
VALÉRIA GUERRA REITER	
<b>CAPITAL DE SÃO PAULO – 2016 – QUINTA-FEIRA – 15H30</b>	<b>129</b>
WANDA LIBERATORE	
<b>SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)</b>	<b>134</b>

## SUMÁRIO



## APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar a primeira Coletânea Apparere<sup>1</sup> de Contos. Aqui você encontrará as 30 melhores Obras (na visão dos julgadores) dentre as mais de 90 que se inscreveram para participar desta Coletânea. A ordem de apresentação das obras é alfabética pelo nome do Autor, assim não existindo nenhuma hierarquia entre elas.

Essa experiência de editar nossa Coletânea foi muito prazerosa, pois a princípio imaginávamos que por se tratar da primeira teríamos uma Coletânea Mista de Poemas, Contos e Crônicas e para nossa surpresa recebemos 368 inscrições. Com essa quantidade de inscrições decidimos dividi-la em três:

1. Coletâneas de Poemas;
2. Coletânea de Contos; e
3. Coletânea de Crônicas mais alguns Contos.

Nós do Projeto Apparere ficamos muito felizes pois o Projeto surgiu com o objetivo de “incentivar novos Autores e Autores em geral, a tirar seus Textos/Obras (Poesia, Trova, Haikai, Conto, Crônica, etc.) da gaveta e publicá-los em uma Coletânea, dando visibilidade a eles e compartilhando-os com o Mundo”; e pudemos fazer isso com 159 Autores.

Queremos agradecer a confiança depositada, e entregamos agora o produto final.

Muito obrigado.

---

<sup>1</sup> **Apparere** em latim significa aparecer; sair à luz; vir a lume; publicar-se ... e o objetivo do projeto é justamente este, o de revelar novos talentos da literatura.

## Projeto Aparecer

## HORA DE VOAR

ADNELSON BORGES DE CAMPOS

Amanhã teremos uma nova missão. O comandante recomendou que descansássemos, mas o sono não vem. Sempre sonhei em voar, ver a Terra lá de cima, sentir o frescor do vento em meu rosto e desafiar a Física. Eu queria subir cada vez mais alto, ficar mais próximo das estrelas, conquistar o espaço. As histórias de um amigo de meu pai me motivaram para isso.

Desde que me conheço por gente eu ouvia falar dele. Era uma das pessoas mais famosas no início deste século XX, um herói nacional. Ele e meu pai se conheceram ainda criança, em Ribeirão Preto. Meu pai cresceu e tornou-se um empregado na fazenda da Família Dumont. Lá se produzia muito café. O pai do seu Alberto, o “Rei do Café” era um engenheiro que substituirá a mão de obra escrava por muitas máquinas movidas a vapor. O lugar era um paraíso da mecânica e a diversão dele e de meu pai era pilotar e ajudar na manutenção daquelas fantásticas engenhocas.

Meu pai sempre viu nele um grande amigo, amizade que conservaram até o dia da morte do grande aeronauta.

Embora seus encontros fossem eventuais, depois que Santos Dumont praticamente mudou-se para a França, meu pai era uma espécie de confidente, mesmo distante. Agora com um pouco mais de experiência de vida penso que os sentimentos dele por meu pai foram além da amizade, algo impossível de ser retribuído por meu pai e que também naquela época e ainda hoje é difícil de ser aceito.

A primeira vez que o vi foi em 1915, quando o mundo enfrentava a sua Primeira Grande Guerra. Ele era um sujeito muito elegante, vestia roupas finas, muito diferente das pessoas simples da minha cidade. Diziam que ele ditava a moda em Paris e no Rio de Janeiro, a Capital da República. Enquanto minha mãe servia um café para os dois eu os espiava pela fresta, escondido atrás da porta.

Embora não se vissem há muitos anos, o Seu Alberto falava com meu pai como se nunca tivessem se separado e era possível ver um brilho em seu olhar, muito embora ele se dissesse muito triste com os acontecimentos no mundo. De fato, sempre estiveram próximos. Meu pai apanhou a caixa de madeira onde guardava as cartas recebidas dele

## Projeto Apparere

desde 1897 quando ele se mudou para a França. Junto com as cartas ele sempre enviava recortes de jornal com as fotos de seus feitos. Tudo bem guardado e organizado por meu pai. Passaram a recordar cada momento, espalhando os papéis por sobre a mesa.

Um dia tive a coragem de perguntar ao meu pai sobre a amizade dos dois e pedi que me contasse um pouco da infância no sítio. Eu estava curioso em saber como o Seu Aberto tinha se interessado em voar. Meu pai me contou que ele e o Seu Alberto costumavam deitar na grama e olhar para o céu. Durante os dias invejavam os pássaros em seus voos, durante a noite sonhavam em alcançar as estrelas. Eles procuravam as árvores mais altas, nas mais altas colinas e se imaginavam voando a partir delas. Havia uma casa na árvore onde a mesa da refeição ficava num ponto mais alto em relação ao piso, não havia telhado, para que a casa ficasse aberta para o céu.

Certa noite, de céu límpido, eles tentavam localizar as estrelas com base num mapa celeste que o Seu Henrique, pai do Alberto, trouxera em uma de suas viagens. Algumas das estrelas que não encontraram no mapa começaram a se mover. Elas pareciam mais próximas, de coloração diferente. Em certo momento uma delas pareceu ficar ainda mais perto e ofuscou a visão deles. Assustados correram para casa. Combinaram não contar nada para ninguém. Meu pai nunca mais viu o fenômeno se repetir, já Seu Alberto contou que durante o dia viu os contornos do que parecia ser um balão como os descritos nos livros de Júlio Verne, histórias que o Seu Alberto lia e relia e discutia com meu pai e que mais tarde eu pude ler também, nos mesmos exemplares dos livros que nos foram presenteados pela família Dumont no dia que o Seu Henrique vendeu a propriedade, depois do acidente de charrete.

Seu Alberto estava ansioso para descobrir mais. Sabia que na Europa muitos cientistas estavam pesquisando os balões e alguns tentavam voar num objeto mais pesado que o ar. Ele teve certeza do que queria quando em 1891 visitou o velho continente, a terra de seu avô.

Depois que meu pai se foi eu li as cartas que recebeu do Seu Alberto. Numa das primeiras o Seu Alberto comentava que conhecerá um professor, chamado Garcia, que além de ser seu mestre nas ciências da mecânica, no tempo de convivência desenvolveram uma amizade especial. Contava que, como eles, Garcia também observava os céus, passou por experiência similar a deles, vendo os pontos luminosos que se

moviam. Além disso, ele tivera uma experiência muito interessante, viajara a bordo de uma máquina que flutuava por sobre o planeta. Garcia descrevia a Terra como um planeta azul e o espaço com um local de silêncio absoluto. Isto despertou em Alberto ainda mais vontade de voar, de construir novas máquinas.

Garcia tinha informações, não possuía desenhos nem a tecnologia para reproduzir o que virá a bordo da grande nave, assim, dedicava a sua vida às pesquisas e a busca de pessoas que pudessem ter tido a mesma experiência. Dividiu o que aprendeu com Alberto até o dia em que doente voltou para a sua Espanha.

Seu Alberto isolou-se ainda mais depois que o amigo partiu. Assim, muitas vezes num trabalho solitário desenvolvia seus balões, dirigíveis, motores e máquinas voadoras. Ambicionava conquistar o espaço, porém sabia das limitações técnicas de sua época. Em suas cartas falava da sua solidão, mesmo quando rodeado por pessoas da alta sociedade parisiense, meio em que vivia graças à fortuna da família. Ele precisava daquelas pessoas para divulgar suas ideias, destacar o seu Brasil. Rapidamente ele alcançou muitas conquistas e reconhecimento internacional. Possuía muitos seguidores, todos queriam se parecer com o grande herói.

Certo dia ele realizou mais um de seus desejos: encontrou-se com Júlio Verne, que não era um cientista, mas suas histórias de ficção direcionaram o trabalho de muitos pesquisadores. Descobriu que Verne não era só um sonhador, um inventor de histórias. Verne contou-lhe que havia experimentado o contato com o que ele chamava de seres especiais que povoavam seus sonhos. Na realidade ele preferia acreditar tratar-se de sonhos, caso contrário ele mesmo precisaria reconhecer um pouco da sua loucura. Afinal, quem acreditaria em civilizações avançadas em máquinas fantásticas se tudo não pudesse ser provado. Verne confessou estar muito interessado nos trabalhos de Dumont e o invejava, afinal, ele apenas escrevia, não tinha habilidades ou conhecimento para reproduzir o que ocupava sua mente, capacidade que Alberto tinha de sobra. Verne morreu dois meses depois do encontro.

Seu Alberto teve um sonho noturno: um homem vindo do espaço lhe mostrava o futuro e apontava que as máquinas com as quais sonhava poderiam destruir o mundo, mas que ele poderia vender suas ideias para construir a paz entre os homens. Foi esse o ideal que Santos

## Projeto Appareve

Dumont perseguiu. Mas para defendê-las ele precisava estar na vanguarda, pois outros poderiam desenvolver as máquinas voadoras e usá-las de maneira inadequada. Ele buscava mais seguidores e trabalhava freneticamente para aperfeiçoar seus inventos, incentivava os desafios tecnológicos. Pensava que talvez assim as disputas evitassem conflitos e aproximasse as pessoas, tornando os objetivos comuns.

Porém em 1914 teve início a Primeira Grande Guerra e os inventos como as máquinas voadoras foram adaptados para matar, destruir. Ele que já apresentava uma doença degenerativa, buscou o isolamento, voltou ao Brasil e assim eu pude conhecê-lo.

Aprendi a gostar de muitas coisas que ele e meu pai também gostavam. Como eu queria voar também e não dispunha dos recursos de Seu Alberto, a única maneira que encontrei foi ingressar na aeronáutica. Alguns anos mais tarde eu me tornei um piloto, logo depois que os aviões foram usados por Getúlio Vargas para bombardear São Paulo e acabar de vez com a saúde do Seu Alberto. Como ele eu ainda acreditava que os aviões pudessem aproximar as pessoas e continuei a minha carreira. Tornei-me um piloto experiente, comandante de uma esquadrilha.

O mundo mais uma vez está em guerra. No final do ano passado, após treinamentos no Panamá e nos estados Unidos eu e meu grupo nos juntamos a FEB, para combate aos nazifascistas na Itália. Foram muitas missões a bordo do meu P47 onde sobrepujamos a Flak, poderosa artilharia alemã.

Bateu a saudade de casa, o sono ainda não veio e amanhã será a minha última missão em ares italianos. Como será este dia 14 de abril de 1945? Precisamos destruir um depósito de munições e uma fábrica em Bologna. Teremos que voar baixo e a artilharia deles estará bem posicionada.

O dia chegou, sairemos as 9h10min. O meu caça e os outros três aviões já estão prontos. Estou no céu, num dia límpido e de um azul especial. Tudo calmo até então. No horizonte um dos caças avistou um objeto diferente, talvez um balão. Pedimos autorização para observação, que foi concedida. Segui na frente, os outros três na escolta. Mal tentamos nos aproximar e o objeto deslocou-se para a direita numa velocidade incrível. Corrigimos nossa rota e a máquina voadora veio em nossa direção e não nos deixou tempo para qualquer reação. Passou

por sobre nossas cabeças e desapareceu no infinito. Não tínhamos explicação para o fato. Lembrei-me dos avistamentos de meu pai e de Seu Alberto. Continuamos em nossa missão.

Estávamos perto dos alvos. De repente, do nada, surge um caça alemão. Ele não deveria estar ali! Nós nos separamos e a aeronave girou na minha retaguarda. Eu carregava muitos explosivos, o que dificultava minhas manobras. Tentei várias evasivas para melhor me posicionar, sem sucesso. Quando tudo parecia perdido, avistei na linha do horizonte, mais acima, o estranho objeto veloz. Ele disparou uma espécie de raio que desintegrou o caça alemão. Meus companheiros assistiam a tudo espantados.

Nosso alvo estava bem à frente. Fiz uma primeira investida e atingi um deles. Subi para me repositonar. Quando efetuava a curva fui atingido. Tentei controlar a aeronave, sem sucesso. Tentei ejetar, o sistema não funcionou. Com muito esforço consegui colocar meu avião na rota do depósito de munição. Nos meus últimos instantes avistei o estranho objeto, os aviões de meus companheiros. Lá embaixo apreciei a paisagem, comparei-a com as lembranças das descrições das cartas de Seu Alberto quando voava em seus balões. Como um pássaro ferido, fiz meu último voo. Lembrei-me do meu filho. Quem sabe ele conseguisse realizar o meu sonho de voar mais alto, até o espaço, sonho que dividi com Santos Dumont e meu pai.

Relatório da Missão: 14/05/1945. Na missão de número 35 os alvos foram atingidos e destruídos. Durante as manobras o caça líder foi atingido por um tiro da Flak. O piloto não ejetou, direcionando-se em direção a um dos alvos, porém antes de chocar-se contra o solo, um intenso clarão tomou conta do local onde ocorreria o impacto e a aeronave e seu piloto não foram mais visualizados. O estranho objeto, avistado no céu, instantes antes, surgiu próximo do local e desapareceu rapidamente com velocidade aparentemente superior a qual se movimentava quando foi inicialmente avistado.

Foram feitos outros dois voos de reconhecimento, por segurança, antes que o alvo fosse novamente bombardeado.

## O DIÁRIO NA ESCRIVANINHA

ADRIANA IGREJAS

Giovana pisou os primeiros degraus de sua nova casa com imenso desgosto. Aquele casarão em Santa Teresa era o sonho de sua mãe e seu pesadelo. Morara a vida toda no Engenho Novo e, embora o bairro do subúrbio do Rio de Janeiro não tivesse muito glamour, era seu lar, onde tinha sua vida, sua escola, seus amigos.

Quando seu bisavô morreu e deixou uma fortuna para sua mãe, que era a única neta do rico comerciante, Giovana pensou em várias formas de gastar aquele dinheiro, mas nenhuma delas comungou com as ideias de sua mãe: mudar-se do apartamento para uma casa. Tudo bem, se fosse uma casa moderna, em condomínio no Recreio ou Barra da Tijuca, que era o que os novos ricos sempre faziam. Ou ainda uma cobertura nesses bairros ou na Zona Sul, que ainda era um lugar chique para se morar. Mas Santa Teresa? No alto de um morro? Numa casa pra lá de velha? Tá, ela sabia que o lugar tinha seus encantos, certo prestígio entre intelectuais e artistas e podia entender o charme que isso exercia para sua mãe, Camila Novaes – historiadora, pesquisadora e professora universitária. Mas e ela? Ela não tinha direito a opinar?

O casarão fazia jus ao “ão” de aumentativo. Tinha cinco quartos e três banheiros. Fora recém reformado e pintado, o que era um dos motivos da escolha de sua mãe. A cor salmão com detalhes em branco ressaltava ainda mais o ar histórico da construção, o que para Giovana só reforçava a ideia de que estava se mudando para um museu. Para completar, também teria que mudar de escola, ou seja, mudar toda a sua vida! Logo agora, no segundo ano do ensino médio! Tinha dezesseis anos e queria ter direito a escolhas. Já podia votar como cidadã do país, mas não podia votar em sua própria casa! Sentiu-se tão traída que pensou em ir morar com seu pai. Mas pior que se mudar para Santa Teresa era se mudar para São Paulo, onde o pai morava desde o divórcio.

Subiu o restante das escadas até a varanda por onde era a entrada principal da casa, carregando duas malas com suas roupas e objetos pessoais. Aquelas eram as últimas. Sua mãe que se virasse com o resto. Havia os carregadores da transportadora para ajudar e a Jandira, empregada da casa há doze anos, que havia sido convocada para trabalhar naquele domingo de mudança. Ela até poderia ajudar depois na arrumação, mas só depois que tivesse terminado de arrumar seu quarto.



Parou um pouco na varanda, surpresa com a vista. Por mais que quisesse odiar o lugar, tinha que admitir que a vista era incrível e o bairro tinha aquele ar histórico cheio de charme. Logo entrou, decidida a não se impressionar por uma paisagem. Seu quarto era grande, o que lhe agradou. Bem diferente do minúsculo cômodo que tinha no apartamento do Engenho Novo. Despejou suas coisas no chão do quarto. Não poderia arrumar nada enquanto a equipe de mudanças não montasse os móveis. Acabou indo para a cozinha ajudar sua mãe a arrumar coisas nos armários embutidos. Jandira, por sua vez não parava de limpar tudo, os móveis desmontados, objetos, o chão... Como mudança fazia aparecer poeira!

Giovana desempacotava e sua mãe arrumava, mas não em silêncio. Entusiasmada, Camila não parava de falar:

– Giovana, isso aqui é um pedaço da história do Rio de Janeiro, sabia? Aliás, não sei se você sabe, mas o bairro de Santa Teresa já foi chamado de Morro do Desterro, ele só foi batizado de Santa Teresa depois que construíram o convento de Santa Teresa de Jesus, em 1750. Aí o bairro foi crescendo nos arredores. Esse convento foi o primeiro convento feminino na época, imagina! A ordem das Carmelitas Descalças. O bondinho só veio em 1872. A classe alta é que vinha morar aqui, construindo esses casarões, mansões seguindo o estilo da arquitetura francesa.

– Tá, mãe. Valeu pela aula de história. – Giovana detestava quando sua mãe tagarelava como se estivesse em uma aula na universidade. Será que todo filho de professor sofria com aquilo? Até ficou curiosa com a coisa das freiras sem sapato, mas se perguntasse, se demonstrasse interesse, aí viria uma avalanche de explicações, datas, uma tremenda palestra! Preferiu se calar com aquele comentário que só ratificava o seu natural desinteresse adolescente.

\* \* \*

Durante a semana, chegaram móveis novos e toda a parafernália de decoração que Dona Camila adquirira. No entanto, o mais esperado só chegou na sexta-feira. O espólio de móveis antigos de uma família com descendência real. Camila comprou pela Internet, pagou uma verdadeira fortuna por aquilo que os olhos de Giovana classificaram como “velharia podre”. A adolescente não podia entender. Sabia que coisas velhas podiam ter valor histórico, mas o que sua mãe faria com elas? Era bom que depois daquilo, sua mãezinha concordasse em lhe

## Projeto Appareere

pagar um bom banho de loja em um shopping, com direito a pelo menos uns trinta pares de sapatos! Ai dela se tivesse gastado toda a herança na casa velha e com os cacarecos!

Felizmente sua mãe concordou e Giovana passou uma tarde animada no shopping do seu coração – o Norte Shopping – com suas colegas do Engenho Novo e um cartão de crédito com um limite para lá de alto, que incrivelmente ela não conseguiu estourar. Agora não poderia mais reclamar das excentricidades de sua progenitora. Ainda assim, não pôde evitar os comentários sarcásticos quando viu que sua mãe transformara um dos quartos da casa, o maior, em um museu.

Camila levou a filha ao quarto com ares solenes de quem lhe mostraria uma grande surpresa. Tratava-se do quarto arrumado com todos os móveis e objetos do espólio. A menina ficou de queixo caído. Era realmente como se estivesse em um museu, ou transportada para outra época. Sua mãe caprichara! Até as cortinas tinham cara de outro século! Giovana pôs-se a perambular pelo cômodo espaçoso preenchido de peças e cheiro do passado, enquanto sua mãe começava sua ladainha histórica cheia de euforia.

– O Rio de Janeiro foi fundado em 1565, dessa época, consegui apenas aquela mesinha, olha. – Giovana olhou e tocou. – Consegui mais objetos dos séculos XVIII e XIX, que são a minha paixão: do final do período colonial, da época da família real no Brasil a partir de 1808, do período imperial quando o Rio era chamado de Província e tivemos grande desenvolvimento da agricultura canavieira em Campos e do café no Vale do Paraíba. Você sabia que o Rio foi palco de grandes eventos históricos, como as lutas dos movimentos abolicionista e republicano?

Do período seguinte, da República, a partir de 1889, não comprei objetos nem móveis. Quis deixar este quarto com a cara de uma época específica. A que acho mais pomposa, porque a nossa República trouxe problemas sociais, crescimento rápido desordenado, pobreza, doenças como a febre amarela e a varíola. Também, o Rio era um lugar muito sujo... Não que não fosse na época imperial... Mas com o aumento da população, piorou. Aí vieram as vacinas, reformas urbanas impopulares, demolição dos cortiços e os pobres foram sendo expulsos. Daí, temos favelas hoje...

– Meu professor de Literatura comentou que até hoje fazem isso. Enfeitam as áreas centrais onde os turistas veem e empurram o

que é pobre e feio sempre para adiante. Tipo aquelas placas com desenhos na Linha Vermelha para esconder a favela que está atrás – Giovana não resistiu a comentar.

– É, isso mesmo. E toda vez que precisam fazer uma obra grandiosa, desapropriam as casas da população. Aconteceu a mesma coisa com as obras para as Olimpíadas de 2016, esse ano, no Rio.

– Mas, mãe, você falou em coisa pra turista ver... Mas já tinha turista no Rio naquela época?

– Bem, o próprio conceito de Turismo é um tanto novo. Mas não, não era como hoje. Até porque os marcos turísticos do Rio de Janeiro só foram inaugurados bem depois: o Pão de Açúcar em 1912, o Cristo Redentor em 1931 e o Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, em 1950.

Camila então se calou e observou as reações da filha ao analisar todos os móveis e objetos. Havia uma cadeira de braços rococó com armação entalhada e dourada com assento estofado; uma estante de mogno; uma mesa de carvalho; uma cristaleira cheia de louça também da época; uma cadeira de descanso; um oratório com uma Nossa Senhora de madeira medindo meio metro e uma escrivaninha. Giovana prosseguiu seu exame olhando e tocando.

– Mãe, esta santa está oca... – observou quando a tocou e sentiu-a leve; em seguida deu umas batidinhas, comprovando o fato.

– É, nunca ouviu a expressão “santo do pau oco”? – E resolveu prosseguir diante do gesto negativo que a filha fez com a cabeça. – Na época das minerações, para fugir dos impostos altos que a coroa cobrava, os contrabandistas escondiam ouro e pedras preciosas dentro de estátuas como essa...

– Interessante... Será que não sobrou uma pedrinha preciosa aí dentro? Tesouros escondidoos... – brincou com um tom de ator canastrão.

– Fique à vontade. Pode explorar à vontade todos os móveis... desde que não quebre... Mas acho que se houvesse algum tesouro, já teriam achado...

– É, mas pode ser divertido! – exclamou num genuíno tom travesso, que sua mãe adorou, porque um interesse qualquer pela sua paixão histórica era melhor que interesse nenhum. – O que é aquilo? – per-

## Projeto Aparecer

guntou sobre um objeto que lhe chamou a atenção em seguida. Trabalhava-se de uma espécie de penico de louça decorada, com uma tampa com um buraco pequeno em cima.

– Ah, é uma escarradeira.

– Escarradeira? Que nome feio! Parece que tem a ver com escarro...

– E tem mesmo.

– Escarro? Tipo assim cuspe?

– É, para que você acha que serve?

– Eca! – exclamou com cara de nojo. – Isso aí é para cuspir dentro?

– É, era bastante comum no século XIX.

– Que nojo! Mas então ficava tipo escondidinho no banheiro?

– Não. Na sala. Aparentemente era considerado de bom-tom o hábito de expelir secreções em público. Ter uma escarradeira na sala era um luxo, coisa de gente rica...

– Gente porca! Por que eles faziam isso?

– Escarrar era uma prática comum, também por causa do hábito de mascar fumo. Então, preferiram transformar o costume em algo não só tolerado, mas elegante.

– Elegante? Já sei onde não vou procurar nenhum tesouro... Aí dentro só deve ter germes do século XIX...

Camila riu.

\* \* \*

Naquela noite, Giovana começou a escutar barulhos. Seria sua imaginação? A casa era velha, com aparência fantasmagórica à noite, apresentaria novidades sonoras, mas nas primeiras noites não estranhara nada, além um ou outro som da vizinhança. Entretanto aqueles ruídos agora a estavam assustando. E ela podia jurar que vinham daquele cômodo, aquele que ela apelidara de “museu da Dona Camila”. Pensou em acordar sua mãe, sabia que ela tinha sono pesado e nenhum barulho a incomodaria. Mas ficou imaginando a cara que ela faria. E se o barulho cessasse? Aí ela seria a maluca. Típico. Era um som de “arrastar de móveis”. Deus! E se fosse um ladrão?

Giovana levantou-se, armou-se de coragem. Pegou o celular. Se fosse um ladrão, ligaria para a polícia. Levou também seu maior guarda-chuva fechado, a primeira coisa que pensou em usar como arma. Pé ante pé, foi até lá. Abriu a porta do aposento movida apenas por adrenalina. Olhou. Nada. Nadinha. Entrou e acendeu a luz. Novamente nada. Seriam ratos? Diante desse pensamento, saiu correndo de volta para o quarto. Tinha pavor de ratos. Ignorou os sons que se seguiram e, em algum momento, adormeceu.

Na manhã seguinte, Giovana foi para a nova escola pela primeira vez. Na volta, dentro do ônibus, um rapaz que a observava sorriu para ela. Como o rapaz era bonito e carregava uma apostila de cursinho pré-ENEM, ela sorriu de volta. A apostila significava que era estudante como ela e não podia ser tão mais velho, apesar da aparência bastante adulta e masculina. Começaram a conversar e ela notou que era um flerte, mas não desgostou da coisa toda, porque ele era eloquente, divertido e inteligente. Ele saltou junto com ela no bairro e subiram a ladeira juntos e continuaram conversando até que ele a deixou na porta de sua casa. Ela já sabia que ele se chamava Ulisses, tinha dezoito anos, terminara o ensino médio e estava se preparando para o ENEM, assim como ele sabia o nome, a série e a idade da menina.

– É aqui que moro. E você?

– Cinco casas adiante. Aquela amarela.

Giovana avistou a casa e guardou a informação no coração. Pronto. Arrumara uma paquera. Aquilo significava que não ficaria mais brava com sua mãe por tê-la feito mudar de escola e de ares?

Prometeram se falar pelo Facebook e WhatsApp e marcar de talvez voltarem juntos para casa todos os dias. E naquele espírito romântico, Giovana decidiu que uma caça a um tesouro do século XIX, seria apropriadamente coisa de mocinha aventureira, mesmo que corresse o risco de encontrar alguns ratos. Passou a tarde fossando aqueles móveis. O mais interessante foi um fundo falso que achou na escrivaninha. Contudo, estava vazio. Sua mãe tinha razão. Se houvesse alguma coisa ali, já teriam achado há anos.

Naquela noite e nas noites seguintes, Giovana não escutou mais nenhum barulho, mas teve sonhos estranhos. Para uma garota do século XXI, sonhar com o século XVIII ou XIX era no mínimo, peculiar. O ambiente onírico retratava fazendas, casas, sobrados e praças. Ela viu moradores buscando água em bicas e fontes nas praças; o vaivém de bondes

## Projeto Appareere

puxados por cavalos; homens negros vendendo água que transportavam em carroças. Viu ambientes sujos e insalubres e pessoas de aspecto horrendo vestindo roupas de aparência deplorável. Havia tatuadores perto de um cais e, nas praças, mercadores e também pintores populares fazendo retratos por ninharia. Mulheres pobres observavam as ricas dentro das lojas através de vitrines em uma rua só de lojas... Rua do Ouvidor... Mesmo no sonho e no século diferente, Giovana reconheceu.

Na manhã seguinte, Giovana queria muito falar com a mãe. Contou-lhe seu sonho e esperou por um veredicto.

– O interessante é você ter visto tantos detalhes... De coisas que nem conhece... Por exemplo, você já tinha ouvido falar dos “aguadeiros”?

– Hein?

– Aguadeiros. Os escravos que vendiam água.

– Claro que não. Estranho, né? Tipo, água não era uma coisa fácil naquela época, né?

– Você assistiu a algum filme desse tipo recentemente?

– Não que eu me lembre.

– Leu em algum livro? Estudou na escola?

– Não. Na escola é tudo meio rápido, não tem esses detalhes.

– Mistério... Bem, só posso crer que sua investigação no meu museu particular te deixou impressionada...

– Pode ser...

Podia ser, mas o sonho não foi apenas na primeira noite. Ele foi recorrente nas noites seguintes e com mais detalhes até se concentrar numa menina. A garota tinha uns treze anos, cabelos escuros e compridos, penteados em longos cachos. Giovana a via frequentemente brincando em um quintal arborizado e, por outras vezes, escrevendo um diário com capa de couro marrom, sentada a uma escrivaninha... Acordou assustada com o peito palpitando ao reconhecer que escrivaninha era aquela.

\* \* \*

Ela mal pôde esperar para confrontar o objeto de seu sonho. Teve que aguentar até a tarde, quando voltou da escola, para ter tempo de fazer o que queria. Tateou toda aquela escrivaninha de novo. Não

pensava racionalmente. Se pensasse racionalmente, veria que agia como uma personagem de filme de terror, assombrada por um fantasma que queria passar uma mensagem. E não era aquilo mesmo? Sendo que não havia fantasma nenhum, só um barulho no meio da noite e sonhos esquisitos.

Lá estava o fundo falso. Vazio. Se, e apenas se, tivesse existido uma menina que guardava seu diário secreto em um fundo falso, ele já teria sido revirado e o diário estaria em outro lugar, um museu provavelmente. Ainda assim, enquanto pensava, continuava a alisar a escrivinha e começou a dar batidinhas em toda ela. Aí, teve a impressão de que debaixo do fundo falso, havia outro fundo falso. Seria possível? Mas estaria pregado, colado, sabia-se lá como... Um martelo resolveria tudo. E sua mãe teria um ataque cardíaco se ela destruísse sua preciosidade histórica! Ulisses! Sim, em uma de suas conversas, ele disse que era bom com essas coisas manuais...

Giovana correu rua acima, animada porque tinha um motivo para ir até a casa dele, coisa de que tinha se absterido de fazer até aquele dia. Quando ele a viu pela janela, esbaforida e despenteada, sorriu e correu para o portão.

– Ulisses, você tem tempo?

\* \* \*

Havia um fundo falso por baixo do fundo falso. Genial? Bem, o fato é que enganou gerações. E lá estava ele – o diário da menina. Ulisses não parava de dizer “Nossa!” e Giovana estava muda de pavor. O rapaz era realmente bom com carpintaria e fez um estrago mínimo para abrir o compartimento secreto. E agora? Expectativa, medo do desconhecido, adrenalina impactando em audácia desbravadora. Juntos, sentaram-se na cadeira de descanso e começaram a ler.

Era o diário de uma menina. Aquela menina. Giovana não podia ter certeza, mas não fora o sonho que a conduzira à escrivinha? Naturalmente teve que contar tudo a Ulisses que, como ela, não sabia no que acreditar.

O início do diário tratava de coisas corriqueiras na vida da menina, como aulas de bordado, piano, visitas de familiares, estudos. Ainda assim, despertavam interesse no jovem casal de amigos pelas diferenças que a vida do outro século trazia em relação à deles. Descobriram que ela se chamava Leocádia Guimarães Pena, que morava em uma

## Projeto Aparecer

chácara em Botafogo em 1885 e que era filha de um rico comerciante, o Senhor Manuel Guimarães Pena.

Algo que suscitou uma discussão de ideias entre os jovens foi a obsessão da menina Leocádia por se casar. Com treze anos! Ao prosseguir a leitura, entenderam que era bem comum que as meninas se casassem aos quatorze ou quinze anos e que aquele era praticamente o único objetivo na vida de uma mulher.

Ao cair da noite, cansaram da leitura e Ulisses se despediu, indo embora antes que Camila chegasse, o que geraria todo um interrogatório sobre a presença de um rapaz ali. Giovana continuaria a ler sozinha, mas prometeu que contaria a ele tudo o que fosse interessante.

O diário era extenso, um caderno grosso. A leitura prosseguiu e os sonhos também. Em uma semana de leitura e sonhos, Giovana acompanhou tudo o que envolveu o noivado e casamento de Leocádia, aos dezesseis anos. Na segunda semana, avançou na leitura até o nascimento do primeiro filho, quando ela tinha apenas dezessete anos. Até então, os registros no diário eram pelo menos semanais. Depois disso, escassearam e às vezes davam saltos de meses e até anos. Ela registrou as datas dos nascimentos dos filhos: 1889, 1891, 1899 e 1902. Foram três meninos e uma menina, a ççula. O mais surpreendente, era que conforme Giovana acompanhava a vida de Leocádia, ela também a via ficar mais velha nos sonhos. Já não sabia se sonhava influenciada pela leitura do diário, ou se realmente havia algo de sobrenatural naquelas imagens.

Leocádia tinha uma vida bem tranquila, entretanto mostrava certa insatisfação e tédio com o casamento e enfado com a vida doméstica. Por vezes narrava que perdia a paciência com os filhos e lhes infligia castigos corporais severos. Giovana horrorizou-se com as descrições de surras e castigos humilhantes que as crianças sofriam. Contou tudo a Ulisses, para desabafar. Mas ainda não foi suficiente. Teve que contar a sua mãe.

Camila ficou empolgadíssima com a história toda e até consultou livros sobre espiritualismo para entender o fenômeno dos sonhos da filha. Nesse ínterim, Giovana apresentou-lhe Ulisses, que passou a frequentar a casa da amiga com mais liberdade. Como historiadora, Camila se propôs a investigar a existência de Leocádia, confirmar o nome do pai, marido e filhos em registros. Após uma semana, ela deu a notícia à filha – era tudo verdade. A família realmente existiu e as informações



batiam perfeitamente com os registros. Ela prometeu continuar procurando informações e, não pôde evitar, sondar o interesse e valor histórico que aquele diário poderia ter.

O diário terminava com um acontecimento terrível e suas consequências – a morte do terceiro filho de Leocádia, Lúcio, aos sete anos de idade. Aparentemente, o terreno de trás da chácara onde moravam acabava em um barranco com uma vala no fundo. Ela descrevia o acidente como tendo sido causado pela filha mais nova, de quatro anos, Clotilde. Ela teria empurrado o irmão no meio de uma brincadeira na qual se desentenderam. Ele rolou barranco abaixo, bateu com a cabeça em uma pedra e caiu na vala.

Mas o último parágrafo do diário desmentia isso. Leocádia confessava:

– Fui eu. Eu bati forte nele e ele caiu. Aquele capeta, sempre me irritando e me desobedecendo. Clotilde estava lá, então eu gritei para ela “Você empurrou seu irmão!” E continuei gritando e repetindo isso para ela até ela ficar mais velha, até que ela não tivesse dúvida nenhuma de que tinha sido culpada. Eu sofro de remorsos por isso, mas não posso nunca contar a verdade. Meu marido matar-me-ia. Talvez depois que o desgraçado morrer, eu possa contar a ela e tirar o peso dos ombros da coitadinha.

Giovana sentiu-se enjoada, tamanha foi sua sensação de repulsa. Desgraçada! E ela sonhava com aquela vaca! Que ela fosse para o inferno! E a droga do diário terminava sem ela saber se Leocádia tirou ou não a responsabilidade da menina! Queria tacar fogo no diário e na escrivani-nha! Malditos objetos assombrados que lhe deram aqueles sonhos!

Quando Ulisses a encontrou na varanda naquela tarde, flagrou-a com os olhos cheios de lágrimas. Chegou mais perto, levantou-lhe o rosto e fitou-a nos olhos. Em seguida consolou-a com um beijo nos lábios. Giovana correspondeu ao beijo e a partir daquele momento, deixavam de ser amigos e tornavam-se namorados. Após vários beijos e afagos, ela choramingou a queixa do que a tinha deixado triste.

– Ela matou o filho de sete anos! Aquela mulher horrível...

\* \* \*

## Projeto Apareere

– Aquela mulher horrível nunca contou à filha. Ela morreu durante a epidemia de febre amarela, antes do marido. Então, se ela estava esperando pela morte dele, se deu mal – relatou Camila, de acordo com sua pesquisa.

– No meu último sonho, ela dizia “conte a ela, conte a ela”. Era como se estivesse me pedindo para contar pra Clotilde que ela não tem culpa...

– Que loucura! Tipo coisa de resolver assuntos pendentes para poder descansar? – interrompeu Ulisses.

– Tô nem aí pro descanso dela! Só quero o meu descanso. Quero parar de sonhar com isso...

– Mas acho que Ulisses tem razão. Tem um motivo para você ter os sonhos e ter achado o diário. Ela quer que você conte a ela. Leocádia não merece descanso, mas a Clotilde, coitada, merecia tirar esse peso da consciência, não acha?

– Só que não vai dar. Ela já deve ter morrido faz tempo...

– Você se engana. Ela está viva... – anunciou Camila – sorridente balançando um pedaço de papel em suas mãos.

– Como assim, mãe? Ela teria uns... cento e quatorze anos! É impossível.

– Pois é, mas está.

– Mas aí, Dona Camila, ela não seria, tipo assim, famosa? Dessas pessoas muito velhas...

– Exatamente. Ela já apareceu em um documentário da tevê sobre longevidade.

– E o que é esse papel aí, mãe?

– O endereço dela – concluiu Camila triunfante.

\* \* \*

Os momentos de lucidez de Dona Clotilde iam e vinham. Ao explicarem para a família dela do que se tratava, deixaram que tentassem se comunicar com a idosa. Obviamente mencionaram apenas o diário, não a parte dos sonhos, por que esta poderia fazê-los serem expulsos como malucos.

“Não foi culpa sua” foram as palavras que a deixaram lúcida e arrancaram de seus olhos lágrimas de alívio e emoção. A história foi

contada e recontada até terem certeza de que ela tinha entendido. Após as lágrimas, suas palavras também confirmaram que a missão havia sido cumprida.

– Obrigada, obrigada – repetia ela emocionada num fio de voz.  
– Não fui eu... não fui eu... Foi minha mãe... Eu perdoei minha mãe... Tô muito velha pra guardar rancor. Obrigada, obrigada. – Ela insistia enquanto as gotas salgadas rolavam por sua face enrugada.

Camila, Giovana e Ulisses voltaram para Santa Teresa em silêncio. Todos pareciam absortos naquela atmosfera de profundidade emocional. Comemoraram o feito com um jantar, que quebrou o clima taciturno. Camila apenas lamentou ter deixado o diário com Clotilde. Não pôde recusar, quando a senhora lhe pediu, afinal, era herança dela. Era pessoal, de sua mãe. Felizmente tinha tirado cópias antes, para sua pesquisa. Interessava-lhe não a parte dramática, mas a histórica, as descrições de costumes e as menções a fatos da época.

Naquela noite e nas seguintes, Giovana sonhou com o namorado, com suas amigas, teve um pesadelo sobre uma prova de matemática para a qual não tinha estudado, enfim: coisas normais da vida de uma adolescente do século XXI. Não sabia se Leocádia tinha conseguido descansar, nem se importava muito. O principal é que a tinha deixado em paz e que Clotilde tinha conseguido sua merecida isenção de culpa.

Na manhã seguinte, sua mãe tinha uma notícia para lhe dar.

– Consegui um comprador para o espólio completo. É um francês rico, dono de um antiquário. Parece que ele também já tem um comprador.

– Mãe! Mas não era o seu sonho? Seu museu particular?

– Que! – exclamou com um muxoxo. – Sonho eu arrumo um novo todo dia... O que eu não quero é correr o risco de você ou eu sonhar com defunto de novo... DE-AS-PE-GUEI! Pronto! – concluiu fazendo um gesto com as duas mãos se abrindo. – Chega de coisas velhas mal-assombradas! Vou deixar o Rio antigo e suas histórias no trabalho... Aqui em casa não... Já basta esta casa velha...

– E o quarto vai ficar vazio?

– A gente pensa em alguma coisa...

Riram juntas. Tudo ficaria muito bem.

## O CORONEL E SEU CAVALO GANCHO, AQUELE MAL EDUCADO!

ALEXANDRO MOLLERI REIS

O coronel Gumercindo Neto mateava pensativo, lagarteando ao sol outonal de uma manhã de domingo, sentado no banquinho de madeira presente do seu compadre, com as pernas cruzadas esticadas e as costas apoiadas na parede de tábuas do galpão. Olhava o vazio enquanto o brilho morno esquentava as pedras da calçada estreita e os pés sem meia sobre os chinelos de couro. Nem percebeu a Tetê chegar trazendo outro banquinho que ajustou nas pedras irregulares, e sentar-se ao seu lado com um suspiro sonolento.

- Quíe que tá tão quieto, marido? – perguntou enquanto enchia a cuia ainda na mão do coronel.

- O Gancho entende o que eu falo... – deixou a frase no ar, quase um sussurro, o olhar ainda longe.

- Ora, é claro que entende. É um cavalo velho, está aqui desde potrilho, tem que entender...

- Mas não assim, Tetê, essas coisas de todo dia, que os bichos aprendem pelo costume. Não estou dizendo isso. Estou dizendo que o Gancho entende as palavras, as frases, as coisas que a gente fala...

- iih... A troco do quê isso agora?

- Eu nunca me dei conta disso. Mas ontem à noite, enquanto a gente proseava ali no galpão com o primo Ptolomeu, lembra? O Gancho tava ali fora perto do galpão. Continuamos proseando depois que você foi deitar, entre um palheiro e outro, até quase meia noite. Puis, quando me dei conta o Gancho estava com o pescoço todo prá dentro do galpão, por cima do portão, e acompanhava a conversa olhando prum lado e pro outro, atentando quem estava falando. Volta e meia balançava a cabeça pra cima e pra baixo concordando com o assunto, às vezes pros lados, decerto dizendo que não era bem assim, sei lá. Não comentei nada com o primo pra ele não pensar que eu estava variando. Te juro, Tuinha, ele até ria com os causos mais engraçados...

- Mas que bobagem, homem, é bem capaz mesmo um bicho entender as palavras! Rir de piada, então, era só o que faltava... É melhor mesmo não falar com mais ninguém sobre isso, vão querer te internar!

Levantou-se rindo.

- Vou dar milho para as galinhas. Se mexa, senão daqui a pouco o pessoal chega e não tem nada arrumado...

Aquele domingo prometia ser movimentado.

Ali pelas nove e meia chegaram o arrumadinho de olho azul, o esquentadinho da cidade e o doutorzinho casca grossa, todos trazendo suas respectivas famílias incluindo cachorros, genros e noras. O enrugadinho transcendental apareceu trazendo a namorada nova e, de carona, o engatadinho tântrico que há tempos andava desaparecido. Segundo seu relato, que durou seis horas sem parar, andou por lugares incertos e impróprios para menores atrás de novas experiências tântricas, místicas e esotéricas, e que numa dessas andanças encontrou um chazinho maneiro com cor de água suja que é ótimo para limpar o trato digestivo, desde a entrada até a saída. O único problema, disse ele, é que depois você não lembra muito bem como é que as coisas aconteceram. Fora isso, tudo bem. O bostinha colafina chegou mais tarde pra parecer mais importante que os outros só porque tem a chave do portão.

Depois do churrasco assado pelo Vassourinha embebido em água de privada – o Vassourinha, não o churrasco – e muita cerveja, o povo todo esparramou-se no gramado pra aproveitar o sol uns, e curar a ressaca outros. Bem perto, o Gancho pastava absorto a grama curta. A conversa corria solta e sem compromisso até que um daqueles genros arriscou:

- Seu coronel, podemos dar umas voltas a cavalo?

- Mas é claro. Vassourinha, encilha o Gancho pro vivente aqui...

O cavalo trocou orelhas pressentindo a roubada que se avizinhava.

- Me leva na garupa, amor? – suplicou dengosa a filha correspondente ao genro aquele.

O Gancho arregalou os olhos e parou de mastigar, mas com os beiços ainda roçando o capim ralo. O coronel percebeu a reação e fez um sinal com a cabeça para a Tetê, e ficaram os dois olhando atentos o animal.

- Também quero andar nele! – guinchou um guri gordinho.

Levantou a cabeça e uma das patas dianteiras deslizou devagar para trás. Nem respirava.

- Depois sou eu! – determinou um dos esparramados.

O bicho deu um passo atrás já olhando pro lado.

## Projeto Apareere

- Tô na vez! – alertou outro, coçando o barrigão.

A passo lento, meio disfarçado e olhando de revesgueio, o cavalo velho começou a se afastar, e o jeitão dele chamou a atenção dos amigos do Arrudão, que também ficaram cuidando do Gancho até chegar em frente ao portão.

- Prondié que ele tá indo, tio? – guinchou de novo o gurizote.

- Prá lugar nenhum, piá, não tá vendo que o portão está fechado?

Então, todos os olhos se voltaram para o cavalo parado em frente ao portão que estava fechado. Ele olhou devagar para trás como se pedisse “– *Me deixem sair daqui!*”. Como ninguém se mexeu, voltou novamente a cabeça, e sob a clara luz do sol daquele dia de céu limpo todos testemunharam boquiabertos o Gancho enfiar o focinho entre as duas tábuas mais de cima, abocanhar a travessa com os dentes, levantá-la até desencaixar da trava no palanque, deslizá-la para o lado liberando o portão, depois soltá-la e, com todo cuidado, tirar o focinho dentre as tábuas e dar uma olhada rápida para trás, como se desdenhasse “– *Tudo bem, eu mesmo abro!*”. Ainda de queixos caídos, viram o Gancho empurrar de leve o portão com a testa, passar para o lado de fora e começar a subir a passo em direção ao capão da Santinha. Lá em cima do morrote o Gancho parou, virou-se para o bando de pasmados, relinchou debouchado, deu meia volta, empinou o rabo e o topete e saiu a galopito, rindo descaradamente da fila de trouxas que esperavam um cavalo para passear, como se dissesse “– *Eu, hein? No meu lombo não, violão!*”.

Há quem diga que nem o coronel acreditou no que o Gancho tinha acabado de fazer, mas a Tetê desconversa e não confirma! A verdade é que o coronel nunca tinha visto mesmo o Gancho fazer aquilo. Mas... ele era o coronel Arrudão! Conversador incansável desde nascença e exímio contador de causos acontecidos e outros nem tanto, é claro que não ia deixar escapar uma chance dessas de reforçar a fama que o precedia em toda a região da Coxilha Rica e dos Campos da Vacaria. Aprumou o queixo caído e, se fazendo de nervoso, deu alguns passos na direção do cavalo que chispava faceiro campo afora, estaqueou e virou-se com as mãos na cintura apontando o narigão adunco para a Tetê:

- Tetê, precisamos ter uma conversa séria com o Gancho, aquele mal educado! Não é que ele deixou o portão aberto... *de novo?*

## UMA FESTA

ANTONIO IVAN RODRIGUES BARRETO

Tem início o baile. Um meio grosseiras outras mais elegantes; umas desbocadas, outras politicamente corretas. Uma a uma, entram na roda as palavras. Elas não sabem, mas não estão ali por acaso; são de alguma forma as eleitas.

Aos poucos, arranjos aparentemente aleatórios vão se delineando. Sem pressa. São todas estranhas ainda. Mas, passo a passo as afinidades vão aparecendo. Afinal, são todas farinha, quer dizer, palavras do mesmo saco, do mesmo léxico. Algumas, um pouco mais determinadas, tomam as iniciativas para que tudo possa fazer sentido naquele grande salão (em) branco. Outras ficam de acompanhantes, complementares; não obstante, muitas delas ainda preferem o anonimato. Ficam pelos cantos, meio elípticas. Talvez aguardando serem cortejadas, solicitadas a uma dança.

Não demora e umazinha, mais atirada, promove encontros pelo salão, e logo se formam laços mais consistentes, mais íntimos. Surgem a seguir as dependências e subordinações. As mais nominativas, explícitas, dão nomes aos bois, e às vacas; aos bezerros, ao campo, às árvores também. A todo o cenário, enfim. Revelam suas qualidades e defeitos. Aquelas bem preposicionadas comandam os movimentos em cena: pra lá, pra cá, pra cima, pra baixo, assim, assado, pra dentro, pra fora, e outras mais íntimas, inconfessas.

Firmadas as posições, as conjunções se processam: sintáticas, vocabulares, quase carnisais. Uma vai com esse, outra com aquele; sem medo, perante todos, com fé, sobretudo.

A noite avança. A roda gira. O baile continua e múltiplos arranjos se dão. O salão agora está cheio. As donas do baile, as palavras, estão fadadas a essa eterna reorganização molecular, vocabular, semântica, discursiva, infinita. Mas, ao final de cada dança elas já são bem íntimas, cheias de afinidades, pelo menos até que a roda gire outra vez e dê outros sentidos às suas vidas.

Tire uma delas para dançar, convide-a para esta imensa pista de dança branca e, logo que a conheça melhor, construirá com ela um discurso inédito, lindo, que se realizará plenamente ao ser lido. Assim é o mundo das palavras: infinitos arranjos e parcerias. Uma festa!

## O DIA FINITO

ARISSON TAVARES DA SILVA

Pereira abriu os olhos e reconheceu o teto do seu quarto. Mais um dia e a luta já começava cedo. O relógio na parede da sala provou o que o sol lá fora já denunciara. De pé, ele já estava havia um tempo, mas acordado mesmo só depois do banho gelado e do café da manhã reforçado oferecido por Pilar, sua esposa.

Como já era de costume, só deu tempo de beliscar algumas coisas sobre a farta mesa, enquanto falava ao celular. Ainda com o aparelho no ouvido, abraçou a mulher e lhe deu um beijo apressado. Ela ajeitou sua gravata e ele saiu como em todas as manhãs. Se soubesse o valor desse momento talvez tivesse aproveitado um pouco mais.

O dia foi estressante, mas, para sua sorte, finito. Ele colocou o carro na garagem e, ao fechar a porta, percebeu que o carro não parecia mais tão novo. Após um processo de rotação ao redor do veículo e uma análise apurada, o homem da casa entrou em seu refúgio. Lar, doce lar. Naquele local, estava livre da corrida do cotidiano de um funcionário público. Enquanto afrouxava um pouco a gravata que o sufocava, sentia o cheiro do jantar servido na mesa.

– Hoje eu fiz lasanha – disse uma senhora caminhando em sua direção.

Pilar trocava de empregada como se troca fralda de bebê. Bastava uma merda ser feita e lá estava uma nova, em ambas as situações.

– Olá! Sou Pereira. Você deve ser a...

A velha lhe deu um beijo e a frase ficou inacabada. Mais estranho que uma velha te beijar do nada é saber que aquele beijo não tinha nada de diferente. Ele conhecia bem aqueles lábios. O sorriso belo que deixara de manhã foi substituído por uma dentadura. O gosto de Correga na boca ainda incomodava o rapaz.

– Você deve estar cansado. Vamos comer antes que esfrie.

Ele lavou as mãos e se sentou observando aquela senhora que não tirava os olhos dele em nenhum momento.

– Nossa! Tanta comida! – disse Pereira, desconcertado.

O jogo de pratos e talheres era diferente. A toalha da mesa era mais colorida. Ele afrouxou mais a gravata. Sentia-se sufocado.



– Crianças! Desçam logo! A comida já está na mesa!

A respiração acelerou. A causa não foi o grito da mulher, e sim o fato de não terem filhos. Três crianças desceram as escadas correndo e chegaram à mesa sorrindo. Como isso aconteceu? A gravata estava totalmente aberta, mas continuava sufocando.

– Tudo bem, amor?

Ele gesticulou com a cabeça e sorriu meio desatento com as crianças que pararam à sua frente. Não sabia o que dizer naquele momento sobrenatural.

– Hãã... Oi?

Elas saltaram sobre ele dando um forte abraço.

– Oi, vovô! Trouxemos um presente pra você.

Ele precisava de um tempo para assimilar todas aquelas informações. Pegou o copo e tentou beber um gole d'água. Não dava para engolir aquela verdade crua, mas, quem sabe, com água descia. Pilar, de certa forma, ajudou o marido:

– Depois, meninos. Depois do jantar vocês mostram. Agora se sentem para comer.

A comida estava ótima, mas ele não reparou no sabor. Não parava de observar aqueles três garotos que contavam como era legal ir durante as férias para a casa da vovó. Pilar mantinha a mesma doçura e o mesmo carinho que o fez casar tão cedo.

– O Vitor disse que vai ficar até mais tarde no trabalho e amanhã ele passa cedo aqui pra pegar os meninos.

Vitor. Aquele nome fazia parte de suas brincadeiras de namoro. Ele dizia que seria o nome do seu primeiro filho e que ele seria um grande jogador de futebol.

No fim do jantar, ele subiu e se olhou no espelho. Os cabelos brancos, as rugas, os olhos caídos... Como aquilo aconteceu tão rápido? A vida passou em um piscar de olhos. Ele saiu do banheiro e olhou alguns porta-retratos na cabeceira da cama. Seu filho, Vitor, cresceu tão rápido... As fotos do casamento retratavam o momento mais especial de sua vida como pai. Passou tão depressa... Pilar terminou de lavar a louça e os dois se deitaram. Pereira reconheceu o teto, mas apenas o teto. O cronograma já estava montado: tinha de acordar cedo e perder mais um pouco de sua história em mais um dia finito.

### DESEMPREGO

DAVI M GONZALES

- Mas que droga! Foram apenas cinco minutos!

O pior não foi perder a entrevista. O que o fez sentir-se realmente humilhado foi a recepcionista mencionar, de maneira irônica, que uma das qualificações necessárias ao cargo era a pontualidade.

Marcos empertigou-se em sua melhor postura e deixou a sala, sem sequer argumentar. Ao final da escadaria, já na rua, estacou em frente ao quadro de anúncios, aproveitando-se do reflexo do vidro para ajeitar a camisa amarrotada e recompor seus cabelos grisalhos.

Notou as manchas nas axilas, resultado da correria inútil para chegar na hora marcada. Na imagem refletida, observou sua silhueta magra e, ao baixar as vistas, percebeu alguns anúncios afixados na cortiça, com oportunidades em sua área profissional.

- Canalhas! - Não pôde conter sua indignação, mesmo diante do desconhecido que chegou junto ao quadro de anúncios naquele exato momento.

O sujeito bem-apeσοado, usando terno e gravata, sorriu-lhe com simpatia. Marcos sentiu-se na obrigação de se justificar, e então foi soltando, meio constrangido, que sua revolta se devia ao fato de encontrar, em meio àqueles anúncios de emprego, um em especial que lhe chamou a atenção justamente por se referir à empresa da qual fora demitido. Seu chefe alegara que enfrentavam uma crise, mas, após duas semanas, contratavam alguém para substituí-lo, e pela mesma remuneração.

O desconhecido, mais uma vez mostrou-se simpático e puxou conversa, de forma despreocupada:

- É este anúncio da *HZ Corporation*? Ouvi dizer que é uma ótima empresa.

A companhia mantinha um bom pacote de benefícios e o salário não era ruim quando comparado a outras firmas da região. Tudo ia razoavelmente bem até ele ser transferido de departamento e ficar sob a chefia do canalha que o demitiu, o desgraçado do Rui Vieira.

Diante desse alguém que lhe demonstra alguma solidariedade naqueles tempos tão difíceis, o rapaz passa a enumerar algumas das peripécias de seu antigo chefe, e vai dando forma a um desabafo, desatando sentimentos que há muito estavam atravessados em sua garganta.

Após algumas frases contundentes, que denotam a completa falta de consideração do Rui Vieira, o rapaz é interrompido, de forma delicada. O sujeito que acabara de conhecer interessa-se sinceramente por seu caso e, antes de se despedir, se oferece para deixá-lo na estação de metrô. Assim, poderiam concluir a conversa durante o percurso.

Marcos não possui o hábito de aceitar carona de estranhos, mas aquele homem demonstrou simpatia por sua situação, e, pela maneira distinta como se traja, é provável que ocupe alguma posição importante, e isso talvez possa render-lhe alguns contatos profissionais. Quem sabe não o ajuda.

Enquanto entra no carro de luxo, preto e top de linha, retoma sua indignação sobre o maldito Rui Vieira, seu antigo chefe. É impossível deixar de lado as humilhações pelas quais passou:

- O Rui é um grande filho da puta! Isso é o que ele é! O desgraçado nos trata como idiotas. Basta imaginar que ele gritava comigo, na frente dos clientes... Jamais cumprimenta seus subalternos e os ridiculariza, sempre que se atrevem a lhe pedir aumento. Acredita que o miserável guarda uma caderneta pessoal, onde atribui notas para cada um de seus subordinados? A nota baixa é sempre a desculpa para sequer discutir o aumento reclamado. Costuma dizer que já ganhamos bem demais, e que a concorrência é feliz por sermos empregados ali.

“Já com seus *queridinhos*, a história é bem diferente. Acontece que o crápula do Rui é pastor em uma igreja, que acaba funcionando também como um inesgotável banco de vagas, pois sempre arranja um jeito de empregar ali os frequentadores do seu culto. Uma gente desqualificada e que é posta imediatamente para ocupar as melhores posições, onde são favorecidos de todas as formas possíveis.

Juro por minha santa mãe, que se aquele pastor do demônio cruzar o meu caminho, eu passo por cima dele, sem dó, e ainda volto de marcha à ré”.

O desconhecido continua sorrindo. Dispara mais algumas perguntas ocasionais e eles chegam àquela fase em que a conversa parece

## Projeto Appareere

esgotada. O silêncio toma conta do veículo e o rádio é ligado, amenizando um pouco o embarço.

Marcos imagina que seria educado desculpar-se. Foi notório que exagerou. Também seria cortês de sua parte abandonar o monopólio da conversa e perguntar algo sobre o outro:

- Sou empresário. Considero-me bem-sucedido. Atuo na área de segurança patrimonial. Somos uma organização que emprega tecnologia de ponta em soluções revolucionárias, ou... Como eu poderia dizer... Pouco usuais... Esse é o nosso diferencial no mercado. Investimos muito em pesquisa e produzimos nossos próprios dispositivos exclusivos.

Mais por educação, que por interesse genuíno, o desempregado pede ao sujeito que cite algum exemplo, a fim de entender melhor de que se trata.

- Claro. Existe um ótimo exemplo aqui mesmo. Este veículo foi preparado com o que de mais moderno existe na prevenção a furtos. Nosso objetivo consiste não só em evitar o roubo, mas punir o meliante e desencorajá-lo, enfaticamente. Assim, além de proteger o proprietário, colaboramos com a sociedade no combate ao crime.

O equipamento aqui instalado pretende evitar o *sequestro relâmpago*. Nosso sistema é de uma simplicidade inacreditável. O tecido do banco do carona, este sobre o qual você está sentado, foi impregnado com uma solução à base de grafite, capaz de conduzir uma corrente elétrica através do corpo do sequestrador. Então, em uma situação de emergência, acionamos este botão vermelho, estrategicamente montado próximo ao motorista que, uma vez ativado, vai *desencorajar* nosso malfeitor.

O rapaz entende pouco de eletricidade, mas imagina que uma simples bateria de carro, com 12 volts, não seria capaz de causar um choque elétrico a ponto de nocautear um assaltante.

- Claro que não podemos apenas *alisar* o bandido, porque sua reação poderia ser explosiva e ele não hesitaria em colocar uma bala na sua cabeça. Na verdade, a força de uma descarga reside na *corrente* elétrica que pode ser fornecida pela bateria. Imagine que, com apenas 12 volts de *tensão* elétrica, podemos eletrocutar uma pessoa.

Você já presenciou uma eletrocussão? É muito interessante... Com o equipamento devidamente regulado, a língua se enrola e uma

espuma escorre pelos cantos da boca. Podemos até mesmo sentir o odor da carne queimada, misturado ao cheiro de urina.

É óbvio que aqui não chegamos a tais extremos. Este é apenas um protótipo, uma instalação experimental, onde a descarga foi reduzida a níveis suportáveis. Ao menos foi essa a explicação do pessoal da engenharia, mas, a bem da verdade, eles nem sempre são muito confiáveis...

Diante da expressão de perplexidade de Marcos, o sujeito dispara, de chofre:

- Então, colega? O que você me diz de participar desse nosso teste? Ficaria nervoso em experimentar um pequeno choque? Sentirá apenas um leve desconforto... E, já que procura mesmo um trabalho, posso arranjar para que receba algo por isso.

Um silêncio aterrador se instala após essa última frase, e o desempregado parece contemplar a capa lustrosa do botão, bem ao alcance das mãos do motorista. Grande, arredondado, vermelho e sensível ao mais leve toque. Depois, passa os olhos pelo teto do veículo, procurando por algo. Marcos acredita que possa trata-se de uma dessas *pegadinhas* exibidas na televisão, onde uma câmera oculta registraria as suas reações. Observa que as travas das portas são elétricas e que são acionadas pelo condutor, no lado esquerdo do volante. Sua atenção é recobrada quando percebe um incremento na velocidade do veículo, ao tomar uma estrada afastada das vias principais.

- Não seria mesmo uma ironia trabalhar para mim? O mais novo admitido na *Vieira-Forte Segurança*. Sabia que meu pai ajudou a fundar essa companhia? Trabalhou duro por toda a vida. Excelente marido, pai dedicado e, além de tudo, homem caridoso. Tornou-se pastor porque queria tirar os drogados da rua...

Só então o rapaz se dá conta de que o desconhecido bate compulsivamente com as mãos no painel do veículo. Corado como uma pimenta, passa a despejar sobre ele uma torrente de informações, impossíveis de se acompanhar. Seus olhos arregalados, quase fora das órbitas, fixam-se em algum ponto muito além da estrada. As pancadas no painel resvalam perigosamente o botão vermelho, enquanto ele altera o tom de voz, agora aos berros:

- Meu pai não é um lixo inútil como você! Um estorvo para a sociedade, que se humilha todos os dias em busca de alguns trocados

## Projeto Appareere

para não morrer de fome. Miserável! Como se atreve a julgar o meu pai? Sabe o que mais? Vou torrar as suas bolas! Vão precisar examinar a arcada dentária para reconhecê-lo.

A situação é tão surreal que o desempregado continua a acreditar que aquilo tudo não passa de alguma espécie de armação, e apenas se dá conta de que corre perigo real quando o sujeito lhe mira a arma.

Sente suas pernas bambas e as têmporas inundam-se com um suor frio. Tem o coração pulsando forte. Ainda assim, evita os movimentos bruscos, que poderiam assustar o maníaco. O veículo encosta em frente a um chalé. Sob a mira da arma, Marcos aproxima-se, aos tropeços e, assim que entra, topa com a loira sorridente, sentada no sofá da sala de estar:

- Querido, o jantar está quase pronto. O que acha de um banho relaxante? Parece que você teve um dia difícil.

Vai retirando a arma de sua mão, sem resistência, enquanto diz com naturalidade:

- Não se preocupe. Cuidarei de nosso *hóspede* para você.

O homem joga o paletó sobre a poltrona. Segue em direção ao banheiro e, antes de fechar a porta atrás de si, pergunta a respeito das toalhas. A mulher, de imediato toma o telefone e, enquanto aguarda pela confirmação do táxi, vai soltando, meio constrangida:

- Ele é um executivo brilhante, mas não conseguiu lidar muito bem com a demissão. É a terceira pessoa que traz para casa, só nesta semana. Receio que teremos que interná-lo.

## AS MAÇÃS

DAYANNE SAMPAIO

Estevão sempre teve admiração por elas, desde pequeno a parte mais excitante de passar férias no Sul na casa da avó era poder se gabar no primeiro dia de aula ao relatar sobre as macieiras. Vermelhas redondas, anatomicamente perfeitas e aparentemente deliciosas, tanto que eram paqueradas por ele antes de serem consumidas. Naquela época as maçãs carregavam um caráter lúdico. O menino nutria tal atração às escondidas de todos, afinal era como se só ele notasse a beleza e excentricidade da fruta. Perdão, para Estevão não era apenas uma fruta mas uma obra de arte esculpida cuidadosamente no momento da criação, nosso menino precoce contava com sete anos de idade quando percebeu isso, notava que os outros não se importavam, não olhavam, não cheiravam, só comiam...-Mas Deus! Era uma maçã! Uma perfeita maçã. Pensava introspectivamente cada vez que via alguém acabar com uma em segundos. Era estranho, ele sabia, só tinha dúvidas se o excêntrico era ele ou os outros.

Introspecto ou insano, o fato é que maçãs não eram apenas maçãs, principalmente desde que sem querer ele foi obrigado a escutar aquela chata e velha história da branca de neve no maternal, não culpava a mocinha, mas se estivesse em seu lugar teria olhado, lavado cheirado, guardado para só então comê-la. E aos nove quando começou a frequentar o catecismo, fez questão de chegar em casa falando pra mãe que a história do mundo estava errada, o Éden é que não aceitava bem a maçã, não tinha nada de errado com ela.

Estevão agora conta com 17 anos e perde-se em pensamentos com o olhar profundo sobre o quadro verde, a tal da matemática não lhe atrai, isso é inegável, ao quase fechar os olhos escuta a voz de Denise:

- Boa tarde turma! Hoje discutiremos Machado de Assis - Deve-se admitir que o português também não era o seu forte, mas Denise era e isso bastava. Havia ensaiado milhões de vezes frente ao espelho a melhor forma de chegar nela de modo a não parecer infantil, não queria aparentar ser só mais um bobo apaixonado pela professora. Pensou na maçã dentro da bolsa, mas não seria clichê demais?! Não ia parecer infantil?! Hoje em dia ninguém entregava mais maçãs aos professores.

## Projeto Apparere

Continuou a mirá-la, havia algo naquele rosto que o prendia desde a primeira aula, algo que o fascinava cada vez mais.... Neste momento lembrou que certo dia vira um disco dos Beatles saltando pra fora da bolsa dela, lembrava claramente da maçã verde estampada no LP. Pensou em mencionar o motivo dos Beatles terem escolhido a maçã para estampar o álbum, citaria René Magritte, o pintor belga inspirador da maçã, ela ficaria impressionada, foi aí que lembrou que vinte anos depois do lançamento desse álbum um tal de Steve Jobs manipulador havia chupado a marca criada por Paul e seus companheiros. Desistiu.

O tempo passava, a mão gelava, o coração tinha contrações ventriculares prematuras e nenhuma reação de Estevão. Não podia passar daquele dia, ele havia de conseguir. Lembrou da maçã de Newton, a salvadora, a dona da brilhante ideia. O sinal tocou, era a hora. Tirou-a de dentro da bolsa como quem se arma de um buquê de flores vermelhas, caminhou a passos lentos em direção a mesa, Denise levantou os olhos devagar por cima dos óculos, sorriu. Estevão estava pronto para mostrar ao mundo o seu amor, encheu o peito de ar como um beija flor e munido da maçã pronunciou:

- As maçãs do Éden, da Disney, dos Beatles, do Jobs e do Newton, podem ter mudado o mundo mas eu ainda prefiro as do teu rosto.

Elas coraram imediatamente.

Estevão foi trocado de turma e nunca mais voltou a falar com a professora.



## A BREVE HISTÓRIA DE ZÉ NINGUÉM E PÉ-DE-CHINELO OU O MENTECAPTO E A DADEIRA

ELIANA PACCO

Foi despejado do útero horas depois de sua mãe ser despejada do barraco miserável, fincado no coração da favela onde vivia engaiolada na penumbra da indigência.

Defecado em meio à imundície de chão barreado, envolto em abrigo improvisado erguido de madeira de caixote dependurado no morro do Gato Preto, o conjunto de longe parecia um presépio, e de perto uma desgraça. Era nada além do que inflamação expelida do ventre como se fosse matéria fecal, dejetos encapado com placenta e garoa abandonado na terra.

Depurada a entranha, a mulher parida sorriu com boca desdentada igual do filho já nascido excomungado, fisionomia congelada indicando a intensidade do alívio por ter se livrado da pústula latejante que carregava na barriga. Cuspiu resquício do cordão umbilical cortado com os seus poucos cotocos descorados e podres e saiu andando sem olhar para trás, caminhando ao encontro da próxima devassidão, destino dos que já nascem conformados sob os auspícios de sorte amputada.

Acontece que neste mundo de Iscariotes, mesmo uma criança nascida com sorte inimiga tem seu lugar ao sol, tal qual o micróbio. Vagando sem destino, procurando não se sabe o que, vinha a louca da favela pelas ruelas estreitas e soturnas sussurrando pensamentos desconexos, demente ignorante e ignorada debaixo da chuva fina que enlameava o chão de terra. Idiota em consequência da insânia abençoada que os muito sofridos recebem da benevolência divina – indulgência benevolentíssima – pelas degradantes privações a que são submetidos. Encontrou o recém-nascido atolado no lamaçal formado pela chuva, presságio de um destino.

Rápido a fina garoa transformou-se em impiedoso temporal com mil trovões ribombando simultaneamente, vento, granizo... O tempo virou tão de repente como de repente chega a temida e inclemente tempestade que tira os enfeites da vida humana, destruindo, lavando e transformando os antigos em novos ornamentos.

## Projeto Apareere

A lesada enovelou o menino no farrapo que lhe agasalhava os ombros, trapo que, muito antes, do tempo em que nem era tão ignorada, foi um lindo xale. Envolveu e enrolou, fez e desfez, desajeitadamente embrulhou e lidou com a criança até que resultou em um pacote que levou consigo para o casebre em ruínas que dividia com os ratos, latrinário úmido que lhe servia de morada.

Finda a noite os desvalidos moradores do Gato Preto esgueiravam-se pelas vielas traiçoeiras como serpentes em busca de calor. O dia a dia da ralé estava em sua plenitude quando, lá embaixo no asfalto, a cidade ainda ensaiava o despertar. Na maloca da louca, ao invés, tudo era silêncio, ensurdecador para quem soubesse e ninguém jamais o soube, que ali existia um recém-nascido que nunca esboçou o mais tímido vagido. O pacote de carne e osso permaneceu envolto em sua muidez, depositado na miséria compartilhada com a imbecil, fiel espectador de delírio esquizofrênico, mais anoréxico quanto mais madurava. Atendia pelo nome de Zé Ninguém.

Mas a vida é malabarista e o tempo oportuno. Finou-se a amalucada e já foi tarde. O enjeitado tinha então idade suficiente para se mesclar com as gentes ordinárias e salgadas que viviam submersas nas querelas diária do morro. Tomou aspecto de uma feiura impiedosa, desproporcionado, manquitola, testudo, narigão grande e arqueado, boca esparramada e beijuda, expondo à vista sua magreza malsã de desnutrido. Não dizia á nem bê e, se provocado, dava o calado como resposta. Sobrevivia à míngua, subempregado que o recomendava à desconsideração pública.

O espanto foi buscar o Zé no território cego, surdo e mudo em que sua alma ferruginosa oxidava em período integral, o assombro deceu até a solidão acéfala, curtida e sedimentada na mortificação de um dia após o outro, Zé Ninguém se apaixonou por Pé-de-Chinelo. Era uma rapariga de seus vinte e poucos anos, nem branca nem preta, ancas opulentas, olhos apertados e repuxados para as têmporas.

O mentecapto e a dadeira. Ele, cabisbaixo e obediente, cão vira lata, fedegoso, seguia mansamente a bruaca, farejando no ar o olor extasiante de cadela no cio, cheiro que mudava a temperatura do sangue do Zé. Pouco precisou para enxergar que a apetitosa carne sob trapos era mel na boca de todos e qualquer um. Então o filho de coito danado danou-se. Movido pelo doloroso sentimento da necessidade de posse

exclusiva daquela que lhe arrancara do sepulcro, mudança arrebatadora começou a acontecer no mingüado.

O remo invisível que faz existir as galés seguiu seu curso e o que se viu foi a metamorfose de Zé Ninguém em Zé Navalha. Ciúme deflorou a inocência e fez nascer um ser predatório, temido e respeitado por todos os que ainda tinham alguma coisa a perder, mesmo que sobras. Emergiu da consciência de seu pouco vigor físico a única compensação que fazia dos mais cruéis dentre os marginais seus pares: a besta-fera. Mudança completa que até seu andar lembrava cobra quando perde a peçonha.

A transformação inesperada jogou-o em um mundo de pouca luz e muita sombra, matizada por tons de tragédia anunciada pelos búzios dos babalorixás das roças de Candomblé do Gato Preto, onde agora o coisa-à-toa era rei. No pescoço trazia sempre Guia cruzada de sete fios, feita com grãos vermelhos de extremidade preta, fechada a sete nós. Eis aí outra fantástica transformação do parvo, engolida pela garganta larga da ilusão.

Alimentava especial predileção pelo coito descontrolado, praticando-o com sicraninhas e beltraninhas em constância religiosa própria dos fanáticos. Quando finalmente prenhas eram, uma após outra, escorraçadas e condenadas a levar no ventre pústula latejante até a benevolência divina permitir o consolo de expelir como se fosse matéria fecal.

Chegou fevereiro. Pé-de-Chinelo, antes tira gosto da rapaziada, como anos após ano foi para a avenida suar sob plumas e miçangas, porém agora coberta de glória com status de mulher do temido Zé Navalha. No asfalto a escola evoluía, mestre-sala e porta-bandeira, bateria, samba-enredo, harmonia e evolução, alegoria e adereço. No morro a polícia entrava em batalhão. Os chumbos trocados doíam, tiros pareciam o barulho de trovão, corre-corre, quem esperava?, o tempo virou tão de repente...

A dor foi buscar Zé Navalha quando ele se escondia em abrigo improvisado erguido de madeira de caixote, o tiro no ventre mudou a temperatura de seu sangue que lhe escorria pela barriga como lama feita de chuva. “Danou-se”, pensou o filho de coito danado, já cego, surdo e mudo farejando no ar que se aproximava a hora do sepulcro. A Guia vermelha caiu-lhe do pescoço no chão de terra, parecia sorriso de

## Projeto Apparere

boca desdentada. Um tímido vagido escapou-lhe por entre dentes descorados e podres, e não disse mais nem á nem bê.

O bafafá acabara fazia mais de hora. De volta ao morro Pé-de-Chinelo encontrou a besta-fera qual dejetos encapado com sangue e mijo abandonado no chão. Parecia um pacote de carne e ossos, e assim permaneceu, expondo à vista sua feiúra de cadáver testudo. Morto com sete tiros, um balaço fatal na garganta larga do coisa-à-toa, rei das sicraninhas e beltraninhas jogado no chão com a boca esparramada e beijada. Pé-de-Chinelo enovelou Navalha em plumas que lhe enfeitavam os ombros. O tempo para ela virava outra vez, como sempre tão de repente chega a temida e inclemente tempestade que tira os enfeites da vida humana.

Pensou melhor Pé-de-Chinelo: “Finou-se Zé Ninguém e já foi tarde. A benevolência divina há de me permitir o consolo.” Com tal pensamento, meio desconexo, saiu andando sem olhar para trás, caminhando ao encontro da próxima devassidão, destino dos que já nascem conformados sob os auspícios de sorte amputada. Afinal, neste mundo de Iscariotes, que louca vai gritar porque morreu gente ordinária e salgada?

## NÃO ERA TIPO ASSIM

FRANCIRENE GRIPP DE OLIVEIRA

Ela falou para ele que a língua não era tipo assim um código, era um enigma ainda, e que se conhecia pouco a respeito, embora alguns cientistas tivessem como líquida e certa, a propriedade por inteiro de sua ciência. *Entendo que não é assunto de sua área, é claro!*, ela disse. E apontou a particular dificuldade das pesquisas, com uma analogia: que ele pensasse em um enorme, gigantesco, animal pré-histórico, do qual pequenas, médias e grandes partes já tivessem sido catalogadas e armazenadas em palavras, milhares e milhões de livros afora. *Aarran*, disse ele, e bebeu um copo de cerveja. Para o esqueleto completo, porém, continuou ela, ainda faltava muito fóssil a ser desenterrado; na verdade, faltavam outras descobertas, melhor dizendo, muitas análises deveriam ser feitas, e pescou no prato uma mandioquinha frita; que ele pensasse em lugares remotos e feitos exóticos, *alegoricamente falando-se, entende?*; como penetrar cavernas profundas em regiões desérticas africanas, explorar o subsolo dos mares da China, escalar montanhas altas do Nepal, embrenhar-se em matas fechadas da Amazônia. Era complexa a busca pelas origens da linguagem; e o fôlego foi ficando curto entre as ilustrações, conceituações, digressões e goles de bebida.

*Aarran*, disse ele, e pediu outra ao garçom, e começou a mastigar também uma mandioquinha frita, olhando para ela como um biólogo olha para um espécime conhecido. Ela continuou explanando a respeito de como a língua era semelhante a um camaleão, o lagartinho de comportamento plácido, mas astuto, pois trocava a cor da pele para se safar de predadores, e que também podia, subitamente, lançar a língua comprida e fina sobre sua presa e enredá-la numa ação de clímax fatal. *Aarran*, disse ele, e esvaziou o copo e o encheu de novo. Naqueles exatos dias, ela esclareceu, estava preocupadíssima com o tema de uma futura pesquisa na área de línguas; que, felizmente, teria outro orientador, não aquele do mestrado, misógino e insensível, mas um docente pós-pós-doutor *ma-ra-vi-lho-so*, que já tinha apontado para ela as limitações de certa metodologia científica muito estimada por ali, diante de hipóteses a formular sobre alguns mistérios da linguagem; uma *cooiiisa* de inteligente ele, atestou ela, com uma bagagem acadêmica extraordinária, arrematou, enquanto esgotava seu copo de cerveja; a noite já correndo alta naquelas alturas.

## Projeto Apparere

Aarran, disse ele, e serviu novos copos, logo em seguida esva-ziados, fato que deu motivo a chamar o garçom: *É pra fechar, amigo?* Não era, era para que trouxesse mais cerveja, bem gelada, pedido ouvido também pelo atendente atrás do balcão, que adiantou uma resposta: *Ô Dito, a gelada garrafa, acabou, agora só tem latinha.* Ele continuou olhando para ela, que comia mandioquinha, e confirmou para o garçom que sim, viesse a latinha. Nisso, todos no bar ouviram *pi-piririn, pi-piririn*, e era o celular do atendente atrás do balcão: *Tô trabalhando, minha linda... hum... Lorelei... sei, tá tarde... depois te conto... que que eu posso fazer?;* que desligou o aparelho e olhou para o Dito; e os dois esticaram a mirada para os fregueses, final de domingo, a noite ficando velha, os outros botequins de portas abaixadas, eles ali, às horas fracas do inverno. E então o garçom Dito virou-se para o freguês que estava com a moça, ergueu um pouco as sobrancelhas e disparou: *Amigo, desculpa aí, a latinha tá quente, agora só malzebier... vai?;* logo tendo recebido de volta a resposta: *vai!*.

De fato, foram três; tempo de consumo durante o qual a professora de línguas prosseguiu com sua explanação, e ele prosseguiu sem nada dizer, e os empregados do Bar da Lete prosseguiram com suas tarefas, arrumando cadeiras por cima das mesas, botando para dentro os conjuntos, ajeitando as coisas todas direitinho conforme mandava a patroa, despachando contas, nesse meio tempo, de três gatos pingados. Viram ela então, na última mesa ocupada, renovar o copo e mordiscar mandioquinha fria; e depois ela sair meio balançante para o banheiro, caprichando na troca de pernas sobre os saltos, e também na volta sentar-se empinada e retocar o batom, cuidando no espelho se o vermelhinho estava bem demarcado nos lábios, com a mesma cara boa das últimas três horas. Em seguida, repararam ela guardar o espelhinho, cruzar e descruzar as pernas, ajeitar a saia, respirar fundo, sacudir a echarpe e o cabelo, sorrindo para ele.

Aarran, disse ele; e ela susteve sorriso e olhar abertos à espera de um comentário, enquanto alçava o copo de cerveja; mas seguiu-se um segundo *aarran*, enfático, e um terceiro *aarran*; e então, aquilo aconteceu; subitamente; isto é, ele abriu a boca e lhe mostrou os dentes e a língua; que esticou para fora, estendeu bem, *aaahhh*, dizendo, *isso é línn-guaa! Aaa lín-gu - aa!* E passou a mover a própria língua para cima e para baixo, para um lado e para o outro, para cima e para baixo, para um lado e para o outro, tesa no ar, solta e vermelha, pontuda e enrolada, solta e

vermelha. *Olha o tamanho!*, disse em voz alta, *olha o tamanho!*, disse em voz bem alta, aliando a zombaria com o olhar afunilado, tudo muito rápido; de repente, mãos a agarrar os peitos, braços a atracar o corpo, daí vindo a destampar-se um embate, ele e ela conflitando, a pique de se despencarem das cadeiras, os dois garçons estatelados, até que ela deu-lhe um tranco, o decisivo para levá-lo ao chão; e pulou fora.

Na sequência dos fatos, ele se levantou, virando-se para os lados à procura de olhares, e quando garçom se aproximou, bloco de notas na mão, berrou solenemente para a plateia ausente: *Você fala demais! É palavra demais dentro dessa sua boca! Lin-gua-ru-da!* E saiu logo, tropeçando no cadarço que não havia no sapato, o queixo esticado para cima, deixando ela lá, sem entender nada, e com a conta por pagar. *Mulher é foda! Vai entender!*, disse naquela hora o atendente da Lorelei, para o garçom Dito; que naquele momento nada disse, porque da parte dele já estava tudo resolvido; e logo os dois apresentaram a conta à moça da língua, que nem conferiu a longa lista de consumo, pagou sem solicitar explicações.

## ENTRE O AMARELO E O ROSA

GERSON SILVESTRE

Aos 68 anos, agora aposentados os baldes de tinta, as trinchas e as escadas, o gosto pela leitura trouxe-me por consequência a vontade de escrever. E a essa prática estou me entregando pouco a pouco, passando a limpo alguns fatos que vivenciei. Neste momento, um tropel de lembranças e imagens se oferecem. Entre elas, um fato ganha vulto, toma a frente dos demais e se impõe como favorito, disposto a não deixar que outros se insinuem. A princípio, reluto nessa abordagem. Ocorre que meu olhar vai ao encontro do de Tânia no porta-retratos, na estante à minha frente, neste quarto do apartamento onde estivemos juntos por quatro décadas. Ao lado da imagem da Virgem Maria, de quem era devota, a companheira de tantos anos agora é uma doce lembrança e, neste momento, parece dizer-me que desista do empreendimento a que me proponho, empurrado pela forte lembrança de algo que ela sempre me pediu, tentando me proteger, que esquecesse ou, pelo menos, evitasse lembrar. Taninha, como eu a chamava, era de gênio forte, mas profundamente temerosa no que concerne a mistérios de qualquer natureza. Não sabia lidar com o imponderável. Bastava que algo lhe atribulasse o espírito, para que corresse a acender uma vela aos pés da pequena imagem de Nossa Senhora. Aquela chama bruxuleando tinha, para ela, o poder de incinerar medo e insegurança diante do que lhe parecesse um mistério. Mas não é sobre ela que estou para fazer este relato. Sei que lhe devo muitas páginas de agradecimento, pois essa bibliotecária de uma escola do meu bairro me incentivou a trilhar o caminho da leitura. De tanto frequentar seu ambiente de trabalho, dividi minha atenção entre os livros e aquela encantadora criatura. Fui pedindo-lhe ajuda na procura de alguma obra literária, trocando ideias e pontos de vista sobre este ou aquele autor e, assim, acabamos nos tornando personagens da mesma e bela história. Mas Taninha aguardará sua vez de entrar em cena como estrela maior. Aqui, figura modestamente, coadjuvante.

Eu tinha sido contratado para pintar uma casa num bairro um pouco distante deste condomínio onde moro. O senhor Amaral, o proprietário, telefonara naquela noite de junho pedindo-me que imprimisse maior ritmo ao serviço, de modo que fosse concluído até o final do mês, ou seja, em apenas mais três dias, pois tinha planos de viajar com a família. Tarefa difícil, visto que eu conduzia o serviço sozinho,



como sempre fazia. Aliás, essa também era uma imposição do contratante, que exigia a qualidade da mão de obra deste pintor e não de outro, terceirizado. Sabendo disso, Taninha asseverou que eu deveria tomar cuidado e não me desgastar com aquela jornada de dez horas que, então, tendia a aumentar. Mas eu estava disposto a não lhe dar ouvidos numa questão em que o pedido do cliente parecia-me razoável. Levantei-me cedo no dia seguinte e, perto das seis e meia, desci em direção à garagem do prédio, este grande condomínio de quarenta apartamentos com área de estacionamento abaixo do nível da rua e, por isso, mal servida pela luz solar, o que torna imperativo o uso de lâmpadas. Ocorre que, por uma falha no sistema elétrico, o local estava às escuras naquela manhã de inverno. No trajeto até o carro, senti uma incomum apreensão por estar caminhando assim sozinho, num espaço grande e sombrio. Estava com 42 anos e não me atribulava facilmente. De porte avantajado, herança de meus ancestrais africanos, assim alto e forte eu me dispunha a enfrentar possíveis perigos contra minha integridade física. Naquele momento, entretanto, havia uma sensação diferente, como se fosse acontecer algo que estivesse além da minha capacidade de reação; sentimento que me incomodou, já que era esse comportamento que eu às vezes criticava e ironizava em Taninha.

Dia claro e seco de inverno. O senhor Amaral já me aguardava na porta da casa. Também estava lá a esposa, dona Alba. Ele tinha perto de 48 anos; ela, uns 45 e era quem decidia tudo, cabendo-lhe dar a palavra final, fosse na escolha da tinta ou nos valores a pagar. Ele opinava tão somente para dar o ar da graça, só para mostrar que estava ali. O senhor Amaral parecia impermeável ao mundo exterior. Desde meados de maio, quando iniciei a pintura do imóvel, ele tinha se comportado como se estivesse num escafandro, disposto a não ter contato com a realidade circundante. Sempre fiz da discrição uma das minhas melhores ferramentas de trabalho; assim, limitava-me a cumprimentá-lo, deixando que iniciasse a conversa. Já a esposa era um tanto rude, às vezes ríspida, não comigo, mas com ele. Nas diversas idas ao imóvel foi esse o seu comportamento, porém, em duas ocasiões, ali compareceu apática, um tanto lerda. Deu-me naqueles momentos a impressão de que fizera uso de algum medicamento que a deixara derrotada em seu vigor físico. Não chegava a ser mal-educada. Conduzia o discurso como um sargento de campanha, contudo mantinha moderado tom de voz. Algo me dizia que o marido, conhecendo-a tão bem, simplesmente aquiescia aos seus desejos, sendo esta a fórmula pela qual viviam em paz.

## Projeto Aparecer

- Clarinha! - dona Alba chamou e logo, vindo do quintal, surgiu uma jovem. Teria pouco mais de vinte anos, de singular beleza, bem vestida e maquiada como se pronta para ir a uma festa.

- Esta é nossa filha – dona Alba apresentou-a. Nem precisava, tal a semelhança com o pai.

Com refinada educação e gentileza, aquela linda figura cumprimentou-me com um sorriso e um elogio, dizendo que tudo estava perfeito. Destoava da indiferença do pai e da aspereza da mãe. Não me passou despercebido, em seu olhar, um quê de tristeza, talvez algum distanciamento, quase um alheamento de quem se sente agastado. Por certo, herdara também, ainda que de leve, essa característica paterna. Dona Alba quis saber da filha o seu parecer acerca da pintura dos quartos naquele tom amarelo. A moça percorreu os dois aposentos sem nelas se demorar senão o tempo de uma rápida olhadela.

- Ficou bom, mamãe.

A concordância não me pareceu, então, fruto de uma reflexão, por mais breve que fosse. Antes, sugeria a aceitação tácita da vontade da mãe. E pouco ficaram ali, já saindo os três.

Disposto a dar cabo da pintura no prazo que me foi solicitado, entreguei-me de corpo e alma ao trabalho de lixar e preparar as paredes do terceiro e último quarto, situado nos fundos. Era menor que os outros, menos iluminado pela luz solar e, por consequência, mais frio. Enquanto mãos e braços laboravam e os olhos fiscalizavam, o cérebro, para não ficar ocioso, pôs-se a analisar e avaliar o papel que dona Alba desempenhava na família. Mulher autoritária, achara um homem de personalidade frágil. Protegida pelos muros do matrimônio, instalou seu quartel-general, mandando e desmandando. Por consequência dessas reflexões, meu pensamento trouxe até ali a figura de Taninha. Também era do tipo que carregava, por natureza, uma boa dose de severidade com tudo e com todos. Mas longe estava de poder ser comparada à esposa do senhor Amaral. Taninha sabia ser doce, meiga. A questão é que contava uns oito anos a menos que dona Alba. Como seria, quando chegasse à idade desta? Assustava-me pensar na possibilidade de ter que aceitar o comando da esposa apenas para tê-la ao meu lado. Afugentei essa ameaça lembrando o quanto nós nos dávamos bem, numa convivência perfeitamente democrática. Só então me dei conta de que o dia findava. Escurecia rápido. Aplicada a primeira demão, calculei que o serviço estava adiantado o suficiente para que fosse concluído já no

dia seguinte. Comecei a levar para fora umas latas vazias e também os papéis, os quais ainda se encontravam nos outros aposentos e que serviram para evitar que a tinta respingasse no piso. Depositei a primeira leva na lixeira instalada na calçada e retornei ao interior da casa para pegar mais, deixando o portão aberto, de forma a facilitar minha passagem na volta. Subia os degraus da varanda, quando ouvi chegar o ônibus escolar, pontualmente, com seus ruidosos e extrovertidos passageiros, como ocorria todo final de tarde. Por ele eu sabia que era hora de parar o serviço. Nesse ínterim, veio-me à lembrança a falta de luz na garagem do prédio. E era provável que o síndico ainda não tivesse tomado as providências. Não queria chegar muito tarde àquele local e não queria aceitar que estava com medo. Confabulando com meus pensamentos e cismas, voltei ao quarto dos fundos e pus-me a recolher os papéis que restavam. Só então me dei conta do frio. Lá fora a temperatura estava mais agradável. Lembrei-me da blusa de lã que Taninha sempre insistia que eu usasse e que, invariavelmente, eu recusava. Concluí que a razão estava do lado dela. Não adiantava eu simular uma resistência que já não tinha. Aos poucos, o sangue parecia não circular com o vigor de outros tempos e pedia apoio ao agasalho na função de me aquecer. Assim perdido nos pensamentos e de costas para a porta do quarto, já refeito o silêncio na rua com a partida do ônibus, virei-me, sobraçando os jornais sujos de tinta e deparei, de pé na porta, a jovem estudante, muito bela, cuja semelhança com Clara dispensava apresentação. Em tudo se parecia com a outra, porém aparentava quinze anos mais ou menos.

Lugar-comum dizer que os dedos das mãos não são iguais, quando se pretende julgar ou comparar a conduta dos filhos. Aqui vou recorrer a esse adágio popular, por me parecer mais apropriado e, por que não confessar, de mais fácil compreensão, de modo a bem comparar com a educada irmã Clara aquela jovem que não me cumprimentou, visivelmente interessada em observar a pintura do quarto. Para me insinuar como uma pessoa ali presente e chamar-lhe a atenção para o fato de que eu existia e que aquele serviço que ela contemplava não era obra do acaso, ia perguntar-lhe se gostou da pintura. Não me deu tempo de lhe perguntar nada.

- Prefiro rosa.

Duas palavras, assim proferidas sem emoção, e que poderiam ser interpretadas tanto como “Está bom, embora não seja a cor de minha preferência” como um “Não gostei”. E mais não disse; virou-se em

## Projeto Apparevere

direção à porta da frente e saiu, deixando-me bastante sem graça. Vali-me do consolo de que, sendo ainda tão jovem, a família, a escola e a vida ainda tinham tempo para ensinar-lhe boas maneiras e, assim, concluir aquela bela construção humana. Mais ainda, relevei seu proceder, associando-o aos impulsos naturais da juventude. Entretanto, não me passou despercebido que ali estava a marca de dona Alba, que ditava tudo a seu gosto e isso incluía a cor que eu esmerei em aplicar naquele quarto, a qual, naquele instante, trazia-me alguma frustração por não contentar àquela jovem. Eu estava acostumado a sempre ouvir elogios e agradar a todos. A soma desse aborrecimento com a falta de luz na garagem, que eu percorri de volta naquela noite, trouxe-me uma incomum irritação que, antes de me dirigir ao meu apartamento, fui despejar na porta do Marcos, instando com ele que três dias era tempo demais para corrigir aquela falha elétrica. E não lhe poupei críticas quando, mais tarde, reporte a Taninha essa conversa com o síndico. Ela, vacilante, pôs um ingrediente a mais nos meus temores.

- A mulher do primeiro andar, aquela recém-chegada, reclamou também com o Marcos. Ouvi, assim de passagem, os dois conversando na portaria. Peguei o suficiente para saber que ela afirma ter ouvido barulho na garagem. E mais: Na noite passada tive um sonho desagradável com você. Mas não quero falar disso, é uma bobagem. Só não quero esconder minha apreensão e ansiedade vendo-o circular nessa garagem escura.

Na tarde do dia seguinte, 29 de junho, concluí o serviço. Por volta das 18 horas, sentado no degrau na varanda, aguardei a presença do senhor Amaral. Este chegou acompanhado da esposa. Conduzi-os até o quarto dos fundos para que examinassem a pintura. O senhor Amaral apenas postou-se na porta, olhou rapidamente o interior do cômodo e recuou uns dois passos para a mulher entrar.

- Ficou bom - e mais não disse. Sinceramente, não creio que ele tivesse reparado na pintura. Já dona Alba foi menos concisa.

- Assim está melhor; ficou mais claro. Aquele rosa antigo e desgastado dava um ar melancólico — a mulher, pelo menos, apreciou meu serviço.

Talvez estivesse ferido em meu orgulho de pintor que invariavelmente recebia elogios. O fato é que deixei escapar naquela hora algo como “Pena que sua filha não tenha gostado”.

- Como assim? Quando? — a mulher abriu os olhos um pouco mais que o normal, realçando a estupefação contida na pergunta sem alterar o tom da voz.

Percebi que me intrometiera em quintal errado e fui logo atenuando:

- Ontem à tarde. Na verdade, não disse que não gostou; apenas revelou preferência pela cor rosa.

- Jovens! - exclamou no mesmo tom de voz. Para meu alívio, o assunto se encerrou ali.

Recebi o pagamento restante e os agradecimentos; estes nada efusivos, mas suficientes para demonstrar satisfação.

Na volta para casa, afligi-me o pensamento de que teria que enfrentar novamente o escuro da garagem. Pensei em comprar uma lanterna, já que estava com algum dinheiro a mais. Repeli a ideia; isso denunciaria meu medo a Taninha. Sabia que ela compreenderia e, mais que isso, apoiaria a iniciativa. O problema era comigo. Tinha construído uma imagem diferente daquela que teria que revelar para minha esposa. Esse temor era bem maior que o enfrentamento daquela sombria garagem, que então percorri arremetido de medo.

Após o jantar, combinava com Taninha um dia inteiro de lazer e compras, com direito a despesa com restaurante. O telefonou tocou e ela atendeu.

- Clara quer falar com você.

Clarinha! A filha do senhor Amaral. Estranhei que telefonasse para mim. Escolhendo palavras e se desculpando pelo incômodo do telefonema àquela hora, disse-me que havia um engano e que era seu intento desfazê-lo.

- Mamãe está nervosa com o fato de o senhor ter dito a ela que eu discordei da cor da pintura...

Não deixei que concluísse. Atalhando seu discurso, esclareci à jovem que a referência fora à irmã, a estudante que tinha chegado no ônibus escolar na tarde do dia anterior. O silêncio do outro lado da linha era suficiente para descortinar todo o constrangimento da bela Clara. A moça não encontrava palavras que a tirassem daquele embaraço. Competia, pois, a este cavalheiro salvá-la da desconfortável situação.

## Projeto Aparecer

- Não se preocupe, estas coisas acontecem. Fale com sua irmã e tudo se esclarecerá.

Do outro lado, o silêncio persistia. Triste papel acabara de representar; logo ela tão gentil e educada. Mas soube como sair da cena sem perder a elegância.

- Sim, foi um equívoco. Desculpe-me e tenha uma boa noite.

Assim, por engano, descortinara aos meus olhos o perfil da mãe. Quanto a mim, lamentei o drama que minha indiscrição causara naquela família. Tudo levava à conclusão de que a filha mais jovem não tinha assumido sua atitude perante a mãe. Agora, por força da situação, eu a denunciava.

Na manhã seguinte, Taninha e eu estávamos prestes a sair às compras e ao planejado lazer, quando o telefone tocou. Aborrecida, ela não abria mão daquele dia especialmente reservado para nós dois.

- Ah! Não! Diga que hoje não pode atender ninguém!

Era o senhor Amaral. Sem rodeios, pedia-me que retornasse à casa e pintasse de rosa o quarto dos fundos. E explicou que assim atenderia a uma decisão melhor pensada pela família. Falava quase em tom de súplica. Aquiesci ao seu pedido e acertamos o preço do serviço, que ele aceitou de pronto, sem uma contraoferta. Com minha promessa de que executaria o serviço já a partir do dia seguinte, ele ficou incumbido de providenciar a tinta em tempo hábil. Cuidei para não inquiri-lo acerca do motivo da troca. Eu sabia o suficiente, sentindo-me ainda mais culpado pelo conflito que, por certo, se desencadeara naquela família. Taninha, vendo-me assim apreensivo, tratou de me inocentar.

- De qualquer forma, a filha, cedo ou tarde, criaria coragem e manifestaria seu desgosto à mãe.

Não me confortou. Desastrado, eu falara demais. E fiquei imaginando por quais meios a filha conseguira dobrar a vontade de dona Alba. Teria o senhor Amaral, por fim, somado forças com ela e partido para o confronto? Acabava de negociar comigo um valor sem uma consulta à esposa. Fosse o que fosse, não era da minha conta. Eu já havia me intrometido o bastante. Apesar desse fato, aquele foi um dia agradável ao lado de Taninha. Nos raros momentos em que ela não tagarelava nos meus ouvidos, o cérebro punha em cena a família do senhor Amaral, questionando, por exemplo, que contratemos teriam com o adiamento da viagem de férias. A dor da consciência é uma tinta difícil de remover.

Que frio! Buscando aquecer o corpo, com movimentos mais rápidos que o normal apliquei tinta branca para esconder o amarelo. Depois do almoço, secado o branco, lá foi o rosa ocupar seu lugar na parede. Primeira demão e a noite chegou. No dia seguinte, terminaria o serviço. De novo, aquela apreensão trazida pelo escuro da garagem. Acelerei o carro na volta, pretendendo ficar do lado de fora do prédio até que outro morador chegasse e, sem saber, me servisse de companhia. Não sabia o que estava acontecendo comigo. Medo incomum, maior a cada dia, era o que estava sentindo. Imaginei que essa fraqueza fosse decorrente do excesso de horas trabalhadas. Talvez um princípio de anemia? Estava decidido: Consultaria um médico que me receitasse umas vitaminas. Faria isto! Exclamei quase em voz alta. Taninha não precisava saber. Seria tomada por uma preocupação doentia, se eu insinuasse que não me sentia bem. Mas - que alívio! - não precisei de nenhum morador que me desse a mão e me conduzisse qual menino assustado pelas escadas acima da garagem. Ao chegar, deparei toda aquela claridade. Enfim, o Marcos cumprira seu dever.

Findava a tarde do dia seguinte, quando o senhor Amaral veio fazer o pagamento do serviço e receber de volta as chaves que deixara comigo na manhã do dia anterior. Estávamos na varanda, onde eu o aguardava. A esposa não viera. Por certo estaria amargando a derrota na escolha da cor da tinta e não lhe agradava comparecer ao cenário onde seu despotismo tinha sofrido um duro golpe; talvez o primeiro de uma série, que era o que eu sinceramente lhe desejava naquele momento. Pedi ao senhor Amaral que fosse conferir a pintura no quarto, mas eximiu-se desse procedimento dizendo que o serviço executado por um profissional como eu não requeria conferência. Ele não me enganava. Outro seria o motivo de sua apatia. Não estava nem um pouco interessado. Era como se nada daquilo tivesse a ver com ele. Efetuou o pagamento e agradeceu. Nesse último ato, pareceu-me sincero. Apenas estranhei que, ao apertar minha mão em despedida, segurou-me alguns segundos a mais do que parecia ser seu feitio, como se quisesse me reter ali perto dele ou me levar consigo. Olhou-me nos olhos, fitando-me com profundidade e uma indisfarçável tristeza. Estava atribulado, disse eu não tinha dúvida. De novo, doeu-me pensar que eu, com um simples e impensado comentário, tinha desencadeado algum sofrimento para aquele homem. E ele se foi, a passos largos, como quem foge, rumo ao prédio onde morava, cerca de três quadras dali. Mas o destino tinha um capítulo a mais, dedicado a mim na vida daquela família.

A mulher idosa, que costumeiramente ficava à janela do edifício próximo à casa expondo sua aposentada figura, atravessou a rua e veio ao meu encontro. Queria me dizer algo. Como pretexto para dar início ao relato, saudou-me já pedindo que lhe fornecesse meu telefone, porque estaria precisando de um pintor mais para o fim do ano. Em seguida, aplicou no argumento uma demão preparatória, assim branca, neutra, dizendo que, embora não tivesse visto, por certo a pintura no interior da casa estava linda, já que tanto dona Alba quanto seu marido, casal que ela conhecia, eram pessoas muito criteriosas na escolha de profissionais liberais. E, sem mais delongas, aplicou a tinta vermelho-sangue na fachada da conversa, dizendo que torcia para que a família voltasse a morar ali, já refeita daquela tragédia. Tragédia! Ela usou a palavra-chave com a qual pretendia que eu declarasse se estava ou não a par do ocorrido. Minha discrição, assim posta à prova, sucumbiu. E fiz-lhe a pergunta que ela desejava ouvir:

- Tragédia?

- O senhor não sabe?

Não, eu não sabia. Talvez, pela milésima vez, ela relatou aqueles fatos. Contudo, era visível que os trazia à tona com um horror muito semelhante ao que sentira num fim de tarde de 28 de junho, há seis anos. Falava sem olhar para mim, voltada para a rua e apontando o local exato onde tudo aconteceu.

- Foi bem ali, naquele ponto, mais para lá. O corpo da pobre menina estendido no asfalto, com todas aquelas flores espalhadas pela rua. Ela trazia um lindo buquê ganhado no colégio. Era o dia do seu aniversário. Completava dezesseis anos. Com a atenção voltada para os colegas dentro do ônibus, atravessou a rua por trás do veículo e não percebeu o carro vindo em sentido contrário. Triste, mas seus pais têm como consolo aquela pérola, Clarinha, a irmã gêmea. Eram tão semelhantes que me confundiam. Com o tempo, aprendi a distingui-las. Clélia sempre usava alguma coisa na cor rosa, fosse no vestuário, nos enfeites ou nos objetos escolares. Por isso, antes de chamá-las pelo nome, eu procurava a cor rosa numa delas. Essa era Clélia.

Longo tempo fiquei sentado no carro sem dar partida no veículo, parado em frente à casa que, então, descortinou-se como um cenário bem diferente daquele que eu imaginava e onde tinha desempenhado, qual Dom Quixote, uma triste figura. Quem era eu? Que sabia da vida e das pessoas? Como pude chegar à ousadia de levar dona Alba e



seus familiares ao tribunal da minha ignorância? Assim entrei de novo em cena; rasgado o véu que até aquele instante me fizera ver tudo tão diferente do real. E comecei por reconciliar-me mentalmente com minhas inocentes vítimas. Penitenciei-me diante daquelas três sofridas criaturas em cujas vidas o infausto acontecimento deixara marcas profundas e dolorosas. Porém, era preciso corrigir uma injustiça que me atormentou de forma mais aguda: Clélia. Para ela, acendi sabe-se lá quantas velas aos pés da pequena imagem da Virgem Maria nesta estante onde está até hoje. E sempre lhe pedi perdão por não saber, naquele gelado fim de tarde de junho, que ela apenas pedia para não ser esquecida. Personagem inacabada, viera para dizer a este pintor de paredes que a cor rosa era a marca mais evidente de sua passagem na casa e na vida e, portanto, uma forte lembrança que a ligava aos seus entes queridos. Pedia, pois, que a deixasse ali um pouco mais, lembrada pela simples presença de uma cor.

Nunca mais vi o senhor Amaral, dona Alba e Clara. Quanto à menina Clélia, notei, com o passar do tempo, que sua figura foi ficando difusa. Quando esforçava para me lembrar de seu rosto, era o da irmã que me vinha à mente. Com o tempo, desisti de recuperar aquela visão. Compreendi que era uma mensagem que se autodestruía na memória deste que servira apenas como mero portador e ao qual cabia esquecê-la.

Por consequência desse episódio, passei a ver as pessoas com outro olhar, sempre duvidando do julgamento que delas eu pretendesse fazer. Entendi que em cada uma há um universo diferente daquele que se mostra para o exterior e que a simples seleção de uma determinada cor pode conter um grito da alma. Daí aquela obsessão em pintar com empenho quase febril e que me acompanhou até o instante em que me aposentei. Imaginava que, no ambiente de trabalho, entre quatro paredes, eu provavelmente estaria não só dando boa aparência e estética a uma estrutura de alvenaria; mais que isso, talvez estivesse atendendo ao clamor de alguém. E sempre cuidando para não influenciar meus clientes na seleção das cores. Que escolhessem aquelas que o coração lhes ditasse, porque, descobri, não se mudam as cores assim sem mais nem menos. Entre elas pode existir um abismo cujos limites nossa humana percepção da realidade não alcança.

## NA MOENDA E NA BAIÁ

GUILHERME GIUBLIN

Tudo começou num dia em que cheguei em casa estressado. Na verdade, chegar nesse estado era comum. Todo dia acordar seis horas da manhã, ir para o escritório e trabalhar maquinalmente como um boi na moenda causa isso.

A imagem de ficar girando infinitamente o dia todo me dilacerava e passei a não conseguir me concentrar em mais nada durante o trabalho, não que isso tivesse feito alguma diferença, já que era tão fácil realiza-lo que mesmo sem atenção conseguia fazer com perfeição.

A imagem do boi na moenda me perseguiu tanto que comecei a sonhar com ela, me impacientava de dia e serenava de noite. Comecei a passar o happy hour sozinho, sem amigos ou os conhecidos de boteco, queria apenas ficar no meu canto, pensando no Boi e no boi que me tornei. Por que tudo isso?

Precisamos de dinheiro para sobreviver, tudo bem, mas eu posso viver com umas cervejas baratas, do tipo suco de milho. Ao invés de comprar livros, posso ir à biblioteca. Para que televisão a cabo? Hoje em dia a internet tem tudo. Carro é um luxo, andar de ônibus é menos poluente e andar a pé é mais saudável, poderia até emagrecer e ganhar uns anos a mais de vida. Comida é mais difícil de economizar, mas com um bom tempero tudo fica gostoso. Então por que não largava meu emprego? A resposta era simples: a família.

Quando somos jovens estamos sempre apaixonados, a próxima mulher é a mulher de nossa vida. Muitas pessoas têm a sorte de brigarem com a namorada, de terem manias desagradáveis ou de serem tímidas. Nada disso aconteceu comigo e acabei me casando com a namoradinha da faculdade. Logo ela engravidou. Por causa disso largou a faculdade e nunca mais trabalhou, por isso me sentia no dever moral de sustentar ela e as crianças. Não que não gostasse dela, é uma boa companheira, ouvia sempre que reclamava do trabalho, na época em que ainda tinha forças de reclamar. Mas sem ela poderia ter mais liberdade, fazer o que queria. Pelo menos era o que eu pensava.

Meu filho era uma pessoa legal, estudioso, um pouco nerds, não só da forma como está na moda, de ler HQ e jogar vídeo game, mas também na escola. Gozam um pouco dele, mas nada demais. Era muito inteligente e um dia iria se formar, arranjar um emprego que todo mundo

considerasse ótimo e acabaria descobrindo que seria muito melhor se tivesse sido chacareiro, tento por companhia só a natureza e os animais.

Tinha uma filha também. Minha mulher queria mais uma criança, acho que estava triste de o Heitor ir para a escola e deixar ela sozinha. Eu tinha a culpa da primeira gravidez ter acabado com a vida social de minha mulher, então aceitei esse capricho da parte dela. Nasceu minha filha, uma princesinha. Era divertido brincar com ela na época em que ainda tinha ânimo, mas por um período curto de tempo, acho que a Denise a mima demais, por isso a companhia da criança logo começava a cansar.

Notei que estou divagando muito, só queria contar o que realmente aconteceu para o jornal de vocês. Sei que poucos vão acreditar em mim, mas tenho que tentar. Lembrem-se: estou sendo sincero com meus sentimentos, mesmo os não são tão dignos assim, por que mentiria sobre o resto?

Confesso que pensei em matar todos eles algumas vezes, mas não tinham culpa: uma mulher que me amava, um filho promissor e uma filha carinhosa, teria que ser um psicopata para eliminar eles por puro egoísmo.

Bom, continuando. Cheguei em casa estressado, tomei banho, li um pouco e fui jantar. Daí percebi que o Heitor não vinha comer – algo que ele gostava muito de fazer – e quis saber o que tinha acontecido. A Denise disse que ele tinha ido dormir na casa de um amigo. Deveria ter desconfiado, amizades não eram o forte dele, mas não queria muita conversa na mesa de jantar. Lembro que os lábios dela se mexeram levemente, quase sorriu quando disse da casa do amigo, devia ter perguntado o motivo, mas como já disse, preferia o silêncio. Talvez ela já soubesse de tudo, mas penso que não, ela não era do tipo maquiavélica, mesmo eu merecendo que fosse.

Mais tarde, estava lendo sozinho na sala, depois de as duas irem dormir. Quando fui para a cama, ouvi um barulho diferente na área de serviço e lá estava um leitãozinho. Achei estranho, mas como mal falava com a minha família, qual era o problema de eles escolherem o animal de estimação sem mim? Também passava muitas noites em bares e fins de semana em cinemas e museus, não veria muito o animal. Só me intrigava se ele iria crescer muito, haveriam espécies de porcos pequenos? No outro dia pesquisei na internet e descobri os mini porcos, fiquei mais tranquilo.

## Projeto Appareere

Nesse mesmo dia fui para o bar e exagerei um pouco, cheguei em casa tarde da noite. O quarto de Heitor continuava vazio, achei estranho. A porta do quarto de Margeri estava aberta e também não havia ninguém dentro. Devia ter perguntado para Denise o motivo das ausências, mas para que acordá-la? Sabia que a chatearia ver o estado em que estava chegando.

Quando fui colocar meu celular na escrivaninha levei um susto, havia um bichinho lá. Com a lanterna do celular pude ver o que me pareceu um filhote de coala. Sei que é ilegal ter coala em casa, estou sendo processado por isso também, mas já viram um bebê coala? Quem pode se irritar com um? Dormi tranquilo esta noite e, pela primeira vez em meses, não sonhei com o boi.

No dia seguinte, enquanto trabalhava, resolvi quebrar o silêncio e perguntar o motivo de nossos novos moradores.

Cheguei em casa e estava tudo escuro. Queria ter a conversa imediatamente, estava um tanto curioso com os animais, mas devo confessar que a solidão me deu paz. Sentei no sofá sem ligar luz ou televisão. Fiquei olhando para cima, feliz da vida, não sei por quanto tempo. O porquinho apareceu e fiz carinho, depois o coala – que descobri ser fêmea – e também a agradei. Era uma boa ideia terem comprados esses bichinhos, afinal, davam paz. Além disso a comida combinava: frutas para o coala e as cascas para o porco. Seria fácil mantê-los. O próximo companheiro que apareceu me intrigou, era uma Lhasa Apso. Por que escolheram um animal tão comum desta vez? Aí eu comecei a entender. Estava livre.

Foi por isso que rompi o aluguel às pressas e larguei o emprego. Não precisava mais daquilo, estava livre! Aluguei um pequeno apartamento no centro e comecei a gastar as economias, assim poderia passar um tempo perambulando pela cidade – não pelo mundo, por que viajar com meus companheiros seria difícil – mas sem problemas, a cidade tinha muito a me oferecer ainda. Além disso, esses animais não vivem muito, no máximo em uns 16 anos poderia viajar pelo mundo como mochileiro, não seria um velho, teria 45 ainda.

Estes três meses no centro da cidade foram os mais felizes de minha vida. Devo também dizer que sempre tratei os três bichos muito bem, com carinho e respeito.

Bem, tenho medo de ser mais específico e me chamarem de louco, mas garanto: eu não matei nenhum deles. Mas acho que vocês só vão acreditar em mim quando entrarem em minha cela – ou baía? – e verem um boi deitado ou pior, girando na moenda.

## A NEBLINA DO SILÊNCIO

GUILHERME MAPELLI VENTURI

O que é a vida senão uma circunferência paradoxal, interrogações motivacionais, verbos vãos?

Você, Domires Donido, deveria mais do que ninguém, ter essas respostas na ponta da língua.

Todos os dias aquela mesma estrada, aquelas mesmas visões, aquelas mesmas pernas, aquelas mesmas audições. Depois de um tempo já não se nota mais nada, torna-se uma correnteza com itinerário traçado.

Donido passou uma, passou duas, várias vezes pelo local; sempre na velocidade da luz e no mundo das nuvens. Se não fosse a música, jamais perceberia haver algo a mais entre calçadas e comércios.

Pouco depois de refletirem raios de sol de suas retinas, da noite anterior, que fora em estado de brancos dentes, orgasmos de excitantes realizações; partiu para a rotina de sempre. No entanto, desta vez, impôs a si mesmo a obrigatoriedade de atentar-se para cada partícula de seu trajeto. Nada passaria despercebido diante à janela, recém-aberta.

Marretadas secas e arrepiantes, passos ofegantes e apressados, diferentes tons ressoando de rodas em movimento, vozes codificadas e uníssonas, onomatopeias infinitas em meio ao caos. De repente, uma nova e paradoxal paisagem é avistada: morada, estilo de anos atrás, em uma rua de comércios e parada de ônibus. Mais um pouco e... uma anciã, visando e viajando no horizonte logo a sua frente, camuflando-se com a aspereza, a ocuosidade, o desbotamento e o descascar das paredes. Dias depois, mais uma nota surgiu para compor a orquestra, era a quinta de Beethoven.

Essa música não me sai do pensamento! Aquela sinfonia e aquelas pinturas em relevo também não. Há alguma coisa aí, não haveria de se coincidir tais combinações por acaso.

O final da primavera trocou de turno com o início do outono e, como passam as estações, passou e continuava passando, Domires. Era sempre aquele velho quadro, já não tão exibido e notório, sobreposto àquela isolada morada, de uma solitária e misteriosa criatura.

Ao passar em frente à referida moradia, Donido pegou uma capa quadrada – aquelas dos antigos CDs enormes e de plástico – que

## Projeto Apareere

a anciã deixara cair e, viu em uma bela caligrafia, a dedicatória: “Para Mirela Lembo, mestra e magistral das maestrinas. Com carinho do seu ex-aluno, Mozart”.

Tome, senhora. Domires não ouviu sequer um agradecimento, então, apenas deixou-o no parapeito da janela – Nossa, mas que pessoa mal educada!. Qual será o motivo de tanta rispidez?

Intrigado com a situação decidiu fazer alguns testes para tentar descobrir a razão de tanta amargura e fazer aquela criatura mostrar sua dentadura. Passou em frente a casa e acenou. Mirela permaneceu imóvel. Repetiu o feito três dias consecutivos, inclusive tentando estabelecer algum fio de prosa e... nada! – A vovozinha não vê e não ouve ou realmente não quer papo comigo.

Juntando a fome com a vontade de comer e aproveitando a viagem, Donido entrou numa loja de discos. Era a loja do Belo – um amigo – do outro lado da rua e em frente à residência de Mirela. Pagando a visita que estava devendo ao amigo há um bom tempo, aproveitou e indagou-o sobre a velha.

Aquela senhora ali, o que me diz a respeito? Rapaz, o vidro da janela já quase não reflete mais as imagens e o som sintonizou-se com o mudo. Entendo, mas como aconteceu? Gradativamente, foram consequências da profissão. E qual é?

Belo contou-lhe tudo o que sabia sobre a vida de Mirela, pelas notícias em jornais e em outros veículos, inclusive por ela mesma, tempos atrás, antes de ser acometida por tais mazelas.

Continuou Belo: fruto de uma família de artistas, a maioria músicos, Mirela Lembo regeu a Sinfônica de Ribeirão Preto por décadas. Foi maestrina e também compositora. Suas obras foram trilha de novela e filmes, rodou o mundo todo em execuções pelos teatros. Ela sempre gostou de ouvir, o que quer que fosse, o mais alto possível, pois dizia que assim notava os mínimos detalhes. Seu ouvido era absoluto. Com o passar do tempo, devido a esse hábito e a um problema genético que desconhecia, o volume foi amenizando-se. Mirela sempre foi persistente e dificilmente se deixava abater, tanto que continuou em seu posto na Sinfônica. Seu gosto musical era e ainda é bem eclético: ouve de Carlos Gardel e Beethoven às músicas atuais. Sua preferência é pelas antigas composições, devido ao costume herdado de seu pai e é claro, as clássicas e New Age, inerentes da paixão e profissão. Seus compositores preferidos são Beethoven, Mendelssohn, Vivaldi, Kitaro, Gardel e Nelson Gonçalves. E por que está ali, aposentou-se? Sim, aos setenta

anos, decidi dar oportunidade a um jovem maestro egresso na cidade há poucos meses, amicíssimo de um dos músicos da Orquestra. Dizia que já trabalhara demais e queria aproveitar o pôr do sol.

Dias após a posse de Yago – o novo maestro – sem muitos afazeres em casa, passou a observar a rua e a vida de sua janela. Som dos motores dos carros, sirenes, freadas, pessoas conversando, cachorros latindo, enfim, a rotina frenética e caótica do dia a dia a fez concluir que estava diante de uma Sinfônica Urbana, real. Passou, então, a ser gíida.

Escuta, será que consigo falar com ela? Creio que sim, mas terá que gritar, pois o som ainda não foi completamente silenciado. Já não lhe garanto o mesmo quanto a vê-lo, pois o espelho foi mais afetado; reflete, praticamente, apenas sombras.

BOM DIA, D. MIRELA. TUDO BEM? Tudo sim, meu filho. Quem é você? SOU O PROFESSOR DOMIRES, ESTIVE COM O DONO DA LOJA DE DISCOS, ELE ME CONTOU SOBRE A VIDA DA SENHORA. GOSTARIA DE LHE FAZER DUAS PERGUNTAS, POSSO? Claro. Quais? POR QUE A SENHORA FICA DEBRUÇADA SOBRE ESSA JANELA OBSERVANDO A RUA COM O SOM LIGADO SE NÃO PODE VER E OUVIR? Ora, meu jovem: depois que a luz se apaga se aprende a viver no escuro, e no meio de um som alto, todos os outros se silenciam. Feche os olhos e veja comigo: a melhor forma de se ver é não ver, mas sim imaginar; o que se vê é uma coisa aos olhos, mas o que se imagina é o oposto ao coração e à mente. O mesmo vale para o que ouvimos. Um surdo ouve pelo corpo, pelas vibrações; já o cego enxerga pelos sons e pela imaginação. E a outra pergunta, qual é? O QUE A SENHORA APRENDEU COM TODO ESSE TEMPO E EXPERIÊNCIAS DE VIDA? Somos um quadro: quando nos olhamos de fora para dentro, somos apenas um amontoado de tinta, espalhados pela tela; quando nos olhamos de dentro para fora, somos uma pintura concreta, ou seja, o amontoado de tinta adquire forma; e por fim, quando nos olhamos das duas formas, a pintura transforma-se em abstrata, adquire sentido.

Professor, o senhor acredita em inspiração? – Domires suspirou profundamente: lembrou-se de Mirela. – Sim, inclusive acabei de pensar em um tema para a lição de casa de vocês. Quero que escrevam, no gênero textual que preferirem, sobre “a vida do cego que via e do surdo que ouvia”.

Ao chegar em casa e pegar o jornal do bairro, Donido lê na coluna dos que chegaram a outra margem do rio, que Mirela está agora compondo belíssimas melodias com sua harpa.

## O TALENTO ESTÁ NO SANGUE

HELDER GUASTTI

Todas as manhãs o ritual se repetia. Levantava da cama, tomava o café da manhã e ia afinar as cordas do violão.

Espalhadas por todo o ambiente da diminuta casa, memórias de um tempo de grandiosidade e reconhecimento há muito esquecidos. Por vezes sentia que aquelas fotos estavam ali apenas para assombrá-lo, fazendo-o recordar de um tempo que nunca mais voltará. Toda a glória e sucesso que obteve percorrendo diversos estados junto a seus companheiros de banda, hoje são surreais. A única realização que tem é quando consegue receber cinquenta reais com suas apresentações ao ar livre...

Violão afinado. Chegou o momento de sair em busca do pão de cada dia.

A verdade é que não fazia isso pelo dinheiro. Até porque, diariamente, a quantia que conseguia adquirir fazendo suas apresentações em praças e calçadas, era mínima, só dava mesmo para comprar o essencial para sua sobrevivência.

Pedro Júnior foi integrante de uma banda de rock nos anos oitenta. Uma daquelas bandas que surgem em garagem, com amigos reunidos, cigarros acesos e cervejas geladas. Num golpe de sorte, Pedro e seus amigos de banda foram descobertos por uma grande gravadora. Lançaram vários discos, saíram em turnê, tinham videoclipes sendo exibidos constantemente na televisão, matérias em jornais e revistas e, para aqueles jovens, o que mais importava: muitas mulheres a seus pés.

Era incrível, nem Pedro ou seus companheiros poderiam ser vistos como grandes galãs, mas o sucesso era algo mágico. As mulheres pareciam se derreter a seus pés. Bastava subir ao palco e tocar um acorde de guitarra para elas ficarem ensandecidas e aparecerem depois dos shows nos bastidores.

Bons tempos...

Colocou o violão dentro da capa, o maço de cigarros dentro do jeans rasgado, o tênis de lona bastante gasto com alguns buracos e a sola meio frouxa, trancou a porta e saiu.



Sentiu o vento gelado cortar sua face. Acendeu um cigarro, a fim de desanuviar seus pensamentos e memórias e aquecer seu interior.

Andou alguns metros, indiferente a paisagem e pessoas a seu redor. O tempo passou, a dificuldade tornou-se uma constante em sua vida, o dinheiro acabou, a fama e o sucesso se extinguíram, mas a marra e o porte de artista haviam permanecido. Pedro tinha um ar blasé, adotava uma postura de superioridade. Algumas vezes, enquanto performava sobre um caixote ou sentado no meio fio parecia, aos olhos do público, que ele estava fazendo um favor a eles, que deviam agradecer-lhe imensamente por estar ali, cantando e tocando para seus ouvidos inferiores, reles mortais. Talvez esta atitude seja uma das razões que fazem com que Pedro não receba muitas ofertas enquanto toca. Mas, honestamente, ele não se importa. É claro que os transeuntes, que não passam de criaturas banais, não conseguiriam compreender sua arte. Sua música era para poucos. Era obra divina.

Após meia hora sentado num caixote de verduras vazio que estava largado na entrada de um mercado, Pedro, de cabeça baixa dedilhando algumas notas em seu violão, sentiu que estava sendo observado. Levantou os olhos levemente e notou uma presença austera em frente a si. Empertigou-se no caixote, adotando uma postura ereta e ares de soberano das artes, e começou a tocar freneticamente. Seus dedos deslizavam pelas cordas, produzindo notas e sons elaborados, seu corpo inteiro parecia mover-se em consonância àquela melodia. Em sua mente o universo ia tomando forma e cores, criando vida e exuberância. De olhos fechados, sentindo a música preencher seu vazio interior, Pedro, por um momento, sentiu sua espinha gelar.

Parou em meio a um acorde complexo. Abriu os olhos. A sombra da figura agigantou-se sobre si. Notou que a pessoa (era um homem ou uma mulher?) havia se aproximado mais dele e estava com a mão estendida.

- Companheiro; não sei se você é de fora ou veio do interior, mas, aqui na cidade, quem está se apresentando é que recebe uma oferta de quem está assistindo. Portanto, como eu estava aqui expondo minha alma artística e deixando todo meu talento mergulhar em sua audição banal, você é quem deve me pagar. Não adianta estender essa mão, a não ser que queira me dar os parabéns por ser um artista tão maravilhoso.

## Projeto Appareere

A criatura permaneceu estática, com a mão estendida.

- Escuta aqui, você não vai colaborar não? Tudo bem. Já era de se esperar que um sujeito tão estranho como você não saberia reconhecer um artista quando o encontrasse. Agora, vai ficar fazendo hora com a minha cara? Não tenho tempo para lidar com estupidez, saia da minha frente! – levantou-se abruptamente do caixote e acertou um tapa na mão da figura com sua mão direita.

Assim que tocou na mão daquela criatura, que até o momento não havia conseguido decifrar se era um homem ou uma mulher, Pedro Júnior sentiu seu corpo se retesar. Um frio subiu pela espinhal dorsal, um calafrio se fez notar em seu ventre, os pelos do braço e nuca se eriçaram. A visão escureceu.

- Mas que merda está acontecendo aqui? – balançava a cabeça feito um pêndulo, mas nada conseguia visualizar.

Passados alguns minutos de muita tremedeira e angústia, vislumbrou, com o canto esquerdo de seus olhos, um objeto. Aproximou-se relutante e sorratamente, mas, conforme se aproximava, notou a familiaridade do objeto e avançou a passos largos. Era seu violão.

Assim que pôs as mãos no violão o ambiente pareceu ganhar vida.

Refletores apontavam luzes sobre seu corpo. Notou que estava sobre um palco de piso escuro. Colocando as mãos por sobre os olhos, vislumbrou o grande público que o observava. E, como o narcisista que era, começou a tocar as melodias e músicas mais complexas que conhecia, passando os dedos por toda a estrutura do violão, emitindo sons excepcionais, balançando seu corpo envolto naquele rito de prazer e egocentrismo. O suor pingava de sua face.

Após o que considerou um grande ato, uma apresentação memorável que com certeza ficaria gravada eternamente na mente de todos ali presentes, Pedro parou de tocar, fazendo uma grande reverência para o público.

Esperando os aplausos e a ovação, levantou a cabeça, desconcertado. O ambiente parecia morto. Conferiu mais uma vez por sob a luz dos refletores se a audiência ainda estava presente... Todos estavam em silêncio.

- Continue! - ecoou uma voz. Não conseguiu distinguir de onde ela vinha. Parecia que vinha de dentro de seu cérebro.

- Não irei continuar seu bando de estú... – antes de terminar sua ofensa, seus braços moveram-se involuntariamente e seus dedos começaram aquela dança frenética tão conhecida por ele. Estava tocando majestosamente, mas sem controle de suas ações.

De olhos arregalados e boquiaberto, Pedro Júnior tocou por horas. Seu corpo inteiro suave. Sua camisa estava colada a seu tronco. Seus pés doíam por ter permanecido em pé por tanto tempo. A coluna dava indícios de que necessitava de um descanso. Mas o pior de tudo eram seus dedos. Eles sangravam, calos e bolhas haviam se formado em suas mãos. O sangue escorria e misturava-se às cordas do violão que já estava respingado por suor e por sangue.

As lágrimas escorriam de seus olhos, indo ao encontro das gotas de suor e sangue que compunham aquela melodia irresistível.

Pedro fez o melhor show de sua vida.

Eternamente.

## MEMÓRIA OFUSCADA

HERMÍNIO NETO

As nuvens cinzentas se afastaram e deixaram os raios de sol passarem, iluminando intensamente a grama da praça. O poste de luz à minha esquerda estalava e soltava faíscas, sendo logo imitado por toda a fiação dos postes ao redor. Com o barulho, me distraí da leitura do jornal, então precisei voltar ao parágrafo anterior, pois não lembrava mais do que tinha acabado de ler. O caderno de Ciências anunciava em letras garrafais: “MAIOR TEMPESTADE SOLAR DO SÉCULO PODE ATINGIR A TERRA HOJE”. Esses cientistas são sempre tão vagos! Acho que já li essa matéria ano passado, ou minha cabeça está a me pregar peças?

Sinto um cheiro forte, parece borracha queimando. Olho o poste e a fiação, mas não percebo qualquer fumaça restante neles. A pele junto do bolso da camisa começa a esquentar e só então noto que a fumaça vinha do meu telemóvel. Jogo-o para longe, na areia da praça, apenas um instante antes de ele se por a incendiar e explodir. Também precisei jogar fora a carteira, que estava chamuscada e esburacada, e piso nela para evitar que as brasas se avivem. Depois de jogar um pouco de areia para me certificar de ter sufocado as brasas, abro a carteira para conferir o estrago. Apanho uma foto que quase caiu pela borda carbonizada. Ela está um pouco enrugada pelo calor, mas posso ver nitidamente uma mulher e um menino sorrindo diante de um bolo de aniversário. Não faço ideia de quem sejam os dois, então olho em volta e me ponho a apalpar os bolsos da calça, confuso, tentando entender como peguei a carteira errada. Jogo o telemóvel imprestável no lixo e me sento novamente no banco para ver se descubro de quem era a carteira. Encontro apenas duas notas de dinheiro carbonizadas, um cartão de crédito rachado, e uma identidade onde pode-se ler “Joaquim Ferraz”, mas a parte da foto está totalmente derretida.

Não conheço nenhum Joaquim Ferraz!

Reviro a carteira pelo avesso em busca de algo mais útil, mas encontro apenas um papel quase totalmente marrom e quebradiço, com um logotipo irreconhecível, mas um endereço de certa Rua de São José, Distrito da Graça, Lisboa. O número está totalmente ilegível.

Então Lisboa é aqui? Como posso ter confundido isso? Levanto-me, muito tenso, a pensar onde poderia encontrar um mapa da cidade

para ir atrás desse endereço. Quando me curvo para frente antes de ficar totalmente de pé, percebo um estranho reflexo verde no chão. Olho para o céu e ele está repleto de faixas coloridas e ondulantes. Não lembro ao certo onde li, mas isso se chama Aurora Boreal. É uma visão tão maravilhosa que me desligo da intenção de procurar o mapa e fico apenas parado, a olhar para cima, embasbacado com o deslumbre daqueles lençóis luminosos a flutuar diante do forte brilho do sol matutino, que arde nos olhos. Logo outras pessoas aparecem e também olham, hipnotizadas. De repente somos sacudidos do transe por uma série de estrondos. Um bando de pombos havia se chocado com as janelas mais altas de um prédio próximo à praça, e agora estavam a cair mortos como mísseis sobre carros estacionados.

Alguém grita e várias pessoas correm desordenadas, a trombar e pisotear umas às outras.

Dois carros colidem subitamente. Um dos motoristas acidentado, banhado em sangue, sai do seu carro e começa a gritar:

- Seu painelheiro bastardo!!! Vais breicar assim no inferno!!!

- Não tive culpa! O meu carro desligou sozinho, oras!

A resposta do segundo parece ter enfurecido demasiadamente o primeiro, que agarrou a cabeça do outro e quebrou o retrovisor com ela. Pensei em chamar a polícia pelo telefone público, mas quando me viro para o centro da praça me apercebo de que este havia sido retirado, talvez já há um bom tempo.

Corro pelas ruas, a ziguezaguear e tentando desviar dos carros desgovernados.

Dois minhotos disputam os pombos mortos.

A cidade estava tomada por incêndios, um avião acabara de cair e explodir, pessoas vagavam com olhares vidrados.

Finalmente, encontro uma cabine com pilhas de mapas e listas telefônicas. O dono da cabine parecia não estar mais em condições de me atender, pois havia cortado sua própria carótida com um estilete, espalhando sangue por todo lado. Tento abrir a porta, mas levo um choque na maçaneta metálica, então chuto o vidro e rapidamente pego um mapa e uma lista telefônica. Acho que o dono não vai se importar se eu sair sem pagar.

## Projeto Apparere

Já dobrando a esquina, sinto uma pontada de pena no coração, então volto e cerro os olhos do defunto, sem saber direito o porquê de fazer isso.

Sigo aleatoriamente por ruelas, a fugir das ruas com trânsito caótico e engavetamentos extraordinários. O cheiro desagradável de gasolina e fumaça também é menor nessas ruelas. Um cachorro enlouquecido tenta me atacar, eu finjo que vou atirar pedras, e ele foge. Um gato se joga da janela de um prédio antigo e zarpa velozmente.

Entro em uma quadra de esportes, deixo a lista sobre a pia, dobro com cuidado o mapa e coloco por dentro da calça. Lavo as mãos cheias de sangue e vou urinar. Vejo dois homens caídos no chuveiro do vestiário, cheios de hematomas, arranhões e mordidas. Não sei se estão mortos, temo chegar perto. Pego minhas coisas na pia e, quando já ia saindo, escuto um sussurro. Abro a porta de um dos reservados e encontro um homem sentado no vaso a recitar repetidamente uma série de palavras sem sentido. Ofereço ajuda, mas ele só rosna e arreganha os dentes.

Paro na saída do ginásio e confiro a placa. Encontro o nome no mapa. Pego um graveto no jardim do colégio ao lado e pressiono no mapa o caminho entre o ginásio e a rua que consta no cartão de visitas, tendo que conferir novamente o cartão, pois já havia esquecido o nome da rua. Procuo evitar as avenidas, e encontro poucos transtornos no caminho tortuoso. Algumas pessoas parecem mais calmas, ou apenas com medo, então arrisco trocar algumas palavras, porém nenhuma se lembra do que houve, nem sabe para onde está indo.

Pergunto-me de onde eu saíra para ir à praça, mais cedo, e não consigo recordar nada além de uma vaga imagem de uma porta batendo. Nela estava gravado o número 53.

Após me perder algumas vezes, mesmo com o mapa, consigo seguir os nomes nas placas até chegar à Rua de São José. Parecia estranhamente quieta, se comparada ao resto da cidade. Encontro o tal número 53, exatamente em uma porta branca.

Bato, grito, testo o trinco. A chegada de um grande cachorro raivoso me compele a arrombar a porta sem maior cerimônia. Coloco uma cadeira prendendo o trinco pelo lado de dentro. Ouço passos no andar de cima. Há uma foto amarelada perto de um espelho. Olho-me,

levo um susto, parecia outra pessoa, minha face estava em péssimo estado. Apesar disso notei que o homem na foto parecia uma versão mais velha do meu reflexo.

Olho as antiguidades expostas naquela loja simples e escura. Tenho a impressão de já ter visto tudo aquilo em filmes antigos. Digito o comando da caixa registradora. Onde aprendi isso? Ela parece pifada, então estouro a fechadura com uma garrucha roubada de uma gaveta ao lado. Parece-me fácil demais montar, carregar e atirar com a arma. Dessa vez, sem remorso, pego tudo e encho os bolsos e a cueca. Não sei o que está a acontecer, mas sei que com dinheiro vou poder me livrar de algumas enrascadas que esse caos possa me trazer. Sinto fome, então como alguns biscoitos com café que eu sabia estarem atrás de um balcão. Deve ter sido pelo cheiro forte do café.

Ouçõ novamente passos no andar de cima, talvez de duas pessoas diferentes ao mesmo tempo. Recarrego a garrucha e subo as escadas. Não sei por que decidi fazer isso, ao invés de ir embora, só espero não ter de matar ninguém. Há gemidos vindos de trás de uma porta, que abro lentamente. Uma mulher assustada, com uma frigideira na mão, protegendo um menino que se agarra nas suas pernas, ruge e levanta a frigideira cada vez que tento dar mais um passo. Jogo a garrucha no chão, que estoura com um tiro pela culatra que ricocheteia na parede e quebra o vidro da janela da cozinha. A criança começa a chorar e a mulher me acerta com uma dolorida panelada na testa, que me deixa ainda mais tonto e confuso.

Ao olhá-la nos olhos percebo que, mesmo em pânico, deve ser a mulher mais linda que já vi na vida, e meu estômago gela com um sentimento indescritível. O choro da criança desperta em mim um instinto protetor muito mais forte que a pena que me impediu de atirar uma pedra de verdade naquele cachorro no beco. Levanto as duas mãos e pergunto lentamente:

- Quem são vocês? O que houve? Joaquim Ferraz mora aqui?

- Não sei de nenhum Joaquim! Vá embora! Não sei! Não sei! Mas quem é você?

- Oras, eu sou...eu sou...eu...não consigo...não sei!!!

Neste momento percebo que eu também não consigo me lembrar do meu próprio nome, mas me lembro quem eram as pessoas na

## Projeto Aparecer

foto da carteira. Abaixo lentamente a mão esquerda e entrego a foto para ela, que finalmente baixa a frigideira. Ela olha a foto, olha para a criança, e começa a chorar. Tento abraçá-la, mas ela esperneia e eu saio de perto.

Há um tablete sobre uma escrivaninha, felizmente carregado, mas emperrado e com a tela oscilante. Sem acesso à rede.

De supetão, a porta do andar de baixo é aberta abruptamente, derrubando a cadeira que ficou a travar a maçaneta, e alguns homens gritam. Ouço passos pesados de botas a subir as escadas. Tento pegar a garrucha no chão, mas sou atingido de raspão no peito, junto da queimadura deixada mais cedo pelo celular, o que só piora a dor.

- Largue a arma agora!

- Ai! O que é isso? Levem o dinheiro! Peguem tudo!

- Não viemos roubar nada, cidadão! Quem é você?

- Err...não tenho certeza...não sei!

- Já esperávamos. O país todo está assim. Nós não fomos afetados, pois estávamos no subsolo em um treinamento. Eu sou o sargento Henrique e aquele é o cabo Manoel. Juntem suas coisas mais essenciais e vamos para um abrigo. Conseguimos contato por um telefone diplomático com a Islândia. O país deles não foi afetado, pois não havia amanhecido ainda por lá. Em menos de uma hora eles irão sitiar a cidade e evacuar os que não enlouqueceram...

Respiro, aliviado. A mulher começa a vasculhar o armário e separar algumas roupas. O menino se acalma e me abraça.

- Papá!



## DEU A LOUCA NA MORTE!

JANAINA CAIXETA DE OLIVEIRA

A morte existe! Quase todo mundo tem medo dela e não é à toa. Ela deixa as pessoas em pânico e com vários questionamentos, como por exemplo: o que vai acontecer comigo depois? Será que eu vou suportar? E a minha família? Vão chorar ou soltar fogos de artifício? Infelizmente, não tem como saber. Mas o que temos certeza é que ela vem fazer uma visitinha cedo ou mais tarde... Ok? Agora imagine se uma morte sentisse pena dos moribundos! Vamos conhecê-la?

Em um certo lugar que eu acho que você não vai querer saber, à meia noite, estava sendo realizada uma reunião com todos os tipos de morte! Isso mesmo! Se você já acha ruim saber que a morte existe, imagina saber que tem tipos dela? Pois é! E lá nessa reunião tinha tipo até para colocar defeito. Tinha mortes rápidas, as que chegam devagar, as passionais, as insistentes, as acidentais e vai indo... Mas no meio delas tinha uma morte que era nova em seu ofício. Ela ainda não tinha levado ninguém dessa para melhor, e era bastante medrosa! Ela ficava até com calafrios ao saber que tinha que fazer visita a alguém que fosse chamado para morrer. E essa reunião era justamente para isso! As mortes mais velhas no ramo queriam treiná-la para não fazer feio.

Enquanto a jovem morte estava tremendo de tanto medo, a líder das mortes começou o pronunciamento. Ela era invocada, tinha até anel de ouro no dedo, e estava estreando a noiva foice importada, que havia comprado.

- Bem, queridas mortes! Hoje estou aqui para falar sobre a jovem morte. Ela precisa de nosso apoio porque se recusa a começar a matar sem as nossas instruções.

Outra morte disse:

- Besteira! É só ir lá na pessoa e dar a sentença! Sendo assim, nem precisava dessa reunião.

A líder das mortes ficou com raiva, dizendo:

- Cale a sua boca! Este é um caso diferente. Não percebe que a coitada está tremendo de medo?

## Projeto Aparecer

- Ok. Mas precisamos ouvir o que ela tem a dizer para que possamos ajudá-la.

- Ok. Jovem morte, poderia dizer quais são as suas dúvidas?

A jovem morte só não ficava vermelha que nem um tomate porque era preta de natureza. Mas disse algo:

- Eu não quero matar ninguém. Por que as pessoas têm que morrer? É injusto!

Todas as mortes deram gargalhada, e a líder das mortes gritou “silêncio” e explicou a ela:

- Porque é o ciclo da vida, minha filha. As pessoas nascem, crescem e morrem. Lembra do pecado original? Todas as pessoas são pecadoras. Se não existisse pecado, elas seriam imortais.

- E para onde vão as pessoas?

- Aí depende... Tem umas que vão lá para baixo... Mas outras vão morar em um lugar lindo com Deus.

- Mas eu não sei se vou conseguir.

- Ninguém nasce sabendo. Agora pegue a sua foice e o seu caderno de mortes para saber quem será a próxima pessoa a morrer. Ok?

- Ok...

A jovem morte não teve escolha. Assim que as mortes foram saindo, ela pegou a foice e o caderno. Todas as mortes disseram para ela se acalmar, pois tudo iria dar certo. Ela estava com medo e isso causava espanto nas outras. Onde já se viu? Uma morte que tem medo de matar as pessoas? Ela olhou o caderno e, por enquanto, estava em branco. Todas as mortes tinham um caderno preto e quando surgisse um nome nele, elas teriam que ir atrás da pessoa.

Passou-se dois dias, e surgiu um nome no caderno da jovem morte. Ela ficou aterrorizada com o que viu. Não sabia nem por onde começar, aliás, sabia, mas não queria nem pensar. Não teve outro jeito, as outras poderiam desconfiar. Então ela foi até o lugar. Ao chegar lá, a pessoa era um jovem rapaz de 20 anos, bebendo cerveja, que nem café. A morte ficou com vergonha, mas sentou-se no banquinho ao lado do rapaz. Ele olhou para ela e nem deu moral. Então, ela puxou assunto.

- Oi. Eu sou a morte!

Ele a olhou, sorrindo e disse:

- Sério? Vai me levar hoje?

- Sim. Você vai entrar naquele carro e bater em um caminhão, e vou te levar.

- Beleza! Eu já estou de saco cheio dessa vida...

- Ora, mas por quê? Você é um rapaz ainda cheio de vida.

- Cheio de vida? Seja coerente, dona morte! A senhora falou que eu vou morrer.

- Sim, mas há como reverter esse processo se me disser por que está bebendo tanto. Eu posso ajudá-lo porque não estou a fim de matar alguém.

- Eu estou bebendo porque eu gosto.

A jovem morte abriu o laptop e falou:

- Não é só isso. Eu estou vendo aqui no seu histórico que você bebe por outro motivo também.

- A senhora tem minha ficha completa? — ele gritou.

- Melhor você falar baixo porque podem te achar louco, afinal de contas, é só você que está me vendo.

- Ok. Mas a senhora sabe tudo sobre mim?

- Quase tudo. Tem detalhes que estão apenas no seu inconsciente.

- Ok. Hoje eu não estou bebendo apenas porque eu gosto. A minha namorada me deixou.

- Só por causa disso? Os humanos são tão dramáticos. — disse a jovem morte, revirando os olhos.

- Eu amo ela.

- Por que ela te deixou?

- Porque eu não sou rico. Ela arranhou um cara que tem tudo que eu não posso oferecer.

- Entendi... Então ela não gosta de você.

- É mentira. Ela ainda me ama.

## Projeto Appareere

- Se ela gostasse mesmo de você, ela entenderia que você não pode dar tudo para ela. Entendeu?

- Você não entende de amor. É só uma morte.

- Ainda bem. Senão eu ia ficar muito melosa!

- Se me der licença... Eu vou embora.

- Espere! Tem tantas garotas por aí... Por que não investe em outra?

- Você acha?

- Sim.

- Mas eu vou morrer.

- Não vai. É só ir de táxi para casa.

- Ok. Valeu mesmo! Vou seguir o seu conselho.

O rapaz chamou o táxi e a morte ficou tão feliz, que até bebeu o restante da cerveja do rapaz. Depois disso, a jovem morte passou a dar conselhos para as pessoas adiarem a morte. E no relatório de mortes, a jovem morte mentia toda vez e assim todas as mortes a elogiavam achando que ela estava matando todo mundo. Mas o que ela não previa é que a líder das mortes viu o caderno dela em branco. Isso ocorreu porque quando a pessoa não morria, o nome desaparecia do caderno. Então, a líder das mortes foi falar sobre isso com a jovem morte.

- Não está preocupada com alguma coisa?

- Na verdade sim. A senhora viu meu caderno por aí?

Ela estendeu a mão preta com o caderno, e a jovem morte ficou assustada.

- Não se assuste, jovem morte!

- Eu sinto muito.

- Você sente muito? Você é uma morte! Não deveria sentir nada!

- Eu não quero matar as pessoas.

- Esse é o seu trabalho. Entendeu?

- Não consigo.

- Você é ridícula! Será que não se lembra do que comentamos na reunião?

- Eu sei, mas é tão bom avisar as pessoas que elas irão morrer.
- Isso não existe. A morte tem que ser inesperada.
- O que vai acontecer comigo?
- Você vai morrer.
- Não!
- Sim!
- Só um instante... Eu já estou morta.
- Nós podemos fazer você desaparecer.
- Ok. Eu prometo que não vou mais infringir as regras.
- Muito bom! Vou te dar mais uma chance.

Elas se cumprimentaram. Em seguida, a jovem morte começou a voar e gritou para a líder:

- É ruim, hein! Se depender de mim, as pessoas vão continuar vivas para sempre!

- Volta aqui, sua louca! — disse a líder se mordendo de raiva.

Assim, a jovem morte continuou adiando as mortes das pessoas, mas quando os nomes delas apareciam em outros cadernos, não tinha jeito e morriam mesmo.

Só que a jovem morte ficava feliz em pelos menos adiar por um tempo a morte das pessoas. Ela nunca mais voltou para perto das outras mortes porque se voltasse, ela desapareceria. Por isso, ela ficou vagando por esse mundão e quando apareciam nomes em seu caderno, ela ia atrás, conversava com a pessoa, tomava cerveja e até dançava junto. Ela gostava mesmo disso. Era uma morte diferente que todos daquele lugar desejavam encontrar um dia.

## FAÇA-ME SANGRAR

JANA LOPES

O nome da garotinha encurralada e adoecida era Natasha. Sua mãe havia lido um livro de terror na gravidez e gostou do nome da protagonista cuja vida era rodeada por um mistério que envolvia uma caixa.

Natasha foi abandonada ali como um saco de lixo.

O orfanato era o último apelo de uma mãe que não queria o próprio bebê. E não era por falta de condições financeiras ou porque era má. Seu coração de mãe, imaturo demais para sofrer um golpe tão grande das escolhas que fizera na vida, sabia que ela estava errada, mas precisava... Deus como precisava chutar aquele bebê para longe.

E, assim que a freira a viu no chão, viu também a mãe jovem e chorosa indo embora. Não deu tempo de alcançá-la, mas, ela sabia o desespero que amaldiçoava a maioria das mães, se é que se podia chamar de mãe alguém que abandonava o filho daquela forma, e as perdoava. Sinceramente as perdoava.

A freira pegou o bebê, apaixonada por aqueles olhos azuis, vibrantes e sedutores como o oceano.

E um grito invadiu os corredores do orfanato, mais potente que um alarme de guerra. Era um grito de dor, desespero e angústia.

A menina cresceu retraída, mas nutria um narcisismo macabro por sua imagem. O espelho era o único amigo que jamais tivera, aquele que a admirava também. Natasha pensou que algumas coisas eram assim mesmo, bonitas, não porque tinham um público para admirar, porque elas iam morrer um dia.

A morte era sua comparsa, seu carrasco. Pensar no poder que a morte exercia sobre sua vida de órfã chegava a ser sufocante, mas para onde correria, senão em círculos, por aqueles corredores gelados, sem ter quem abraçar?

Tudo morria perto dela porque tudo estava morto dentro dela.

Natasha acordou aquela manhã, olhou-se no espelho pelo tempo que gostava, não pelo tempo que precisava e viu a imagem que não queria. Imaginou como era seu coração. Se o espelho o alcançasse, seria como um porão abandonado.

Ela saiu do quarto e seguiu para a aula de música.

O céu, cinza violento, cinza como seus pensamentos, inspirava Natasha a tocar canções fúnebres, mas que encantavam as freiras. Na verdade, eram músicas sacras, mas tudo o que Natasha tocava era triste e profundo. A platéia admirava seus belos olhos azuis, mas eles eram intensos, severos, como se contemplasse um abismo.

Concentrada na vida que não podia ter, Natasha tocou algo doce e primaveril para encantar sua pequena e inocente platéia. Ela insistia para que sempre houvessem poucas pessoas presentes com ela. As freiras também, por precaução.

Algumas pessoas a julgavam como arrogante e desprezível. E ela tinha que ser.

A proximidade podia gerar estranhamento, quem sabe algo pior.

Quando terminou o concerto para os possíveis futuros pais, sumiu da presença de todos. Geralmente, ela era a preferida de todo casal porque tinha olhos azuis e era muito talentosa, além de silenciosa; pais não queriam crianças bagunceiras. Mas ela preferiu sumir, afastar-se para o seu lugar preferido.

Na parte de trás do orfanato havia uma macieira sempre carregada de frutas lindas, coloridas e suculentas. Nenhuma outra macieira era tão fascinante quanto aquela que Natasha gostava. Era como se toda a vida que parecia não existir na menina, existisse na macieira.

A macieira que todos cobiçavam derrubou uma maçã perto dos pés da menina. Ela agachou, pegou a fruta, sentou-se à sombra da árvore e comeu. Estava uma delícia, uma recompensa por se esforçar tanto para ser boa em algo e compensar a desgraça em sua vida.

Natasha pensava na vida que queria ter: uma vida sem dor, quando notou um garoto olhando em sua direção. Podia até não estar olhando para ela, ela tentou se convencer, mas assim que ela olhou de volta, ele caminhou em sua direção.

A vergonha a manteve debaixo da sombra. Bem, mas tinha sido assim a vida toda... Porém, tudo amadurece, as maçãs e até o coração de um amaldiçoado.

Foi assim que ela percebeu que, no mundo existia algo proibido, um fruto que ela não podia comer. Ela havia crescido distante do

## Projeto Aparecer

afeto porque era necessário, e, mesmo assim, reconheceu o poder do desejo queimar em sua pele. Ela permitiu que ele se aproximasse e sentiu calor pela primeira vez na vida.

Embora a consciência do dever a obrigasse a ser rude com ele, a expulsá-lo dali com vida, Natasha deixou que o manto vermelho da paixão a dominasse.

Os dois se olharam e, como todo casal que se deseja ardentemente, fingiram não sentir nada e apenas conversaram sobre a dureza da orfandade.

Vários dias se passaram e o casal se encontrava escondido sob a macieira radiante de Natasha. Com isso, o desejo os envolvia.

Até o dia em que Natasha percebeu que não precisava mais se reprimir. Por que seria tão horrível amar alguém? Tocá-lo e saboreá-lo como um doce?

A única coisa que sabia sobre sua maldita vida era a insistência das freiras em afastá-las de todos, em mantê-la distante, como um animal num celeiro. Só que animais em celeiros recebem carinho...

Por que essa frieza? Por que todos podiam ser adotados?

Ela questionou a madre sobre sua vida, as lágrimas eram amargas, a voz, uma marcha fúnebre. Mas a madre a encarava, dizia que apenas não podia. Apenas negava à ela o que todos tinham direito. Será que ela teria um dia?

A raiva dominou o coração sombrio de Natasha que estava determinada a receber sua parte da herança de uma gorda conta bancária, cujos depósitos foram feitos durante toda sua vida com o mais puro diamante do desprezo.

O que a impedia de tocá-lo? Se o rapaz a desejava, era isso que ela também queria. Quem a proibiria? Sua consciência? Senso de bondade?

Bondade e justiça eram os argumentos daquelas velhas virgens para manter todos em cativeiro! Uma desculpa para banir o que para elas era vil. Mas que todos sabiam o nome certo era prazer, orgasmo, sexo... o nome não importava.

Natasha podia ter bondade, justiça, o paraíso, tudo, e ainda assim ser miserável. Se esse era o preço a pagar, então, ela se deliciaria.



Que perdesse esse tudo em troca do que não tinha, o amor de quem ansiava por seu corpo!

Saiu ao encontro do rapaz que já a esperava debaixo da macieira. Seu coração palpitava, a pele ardia, a língua, tinha sede. E ao aproximar-se, olhou em seus olhos e lambeu os lábios olhando para os lábios dele.

Era esperta para não fazer sexo ali mesmo, mas tinha coragem. Causar assombro naquelas megeras era um prazer também. Então, os dois se abraçaram, despiram-se, deixaram à vista de todos sua pele nua e seu desprezo até explodirem em um prazer intenso, acrescido do prazer da afronta.

Seus corpos arranhavam-se, lambiam-se, apertavam-se, queimavam enquanto as freiras apenas esperavam. O que Natasha viu em seus olhos não foi espanto. Foi medo.

Como ninguém ia se esforçar para impedi-la, ela continuou. E foi justamente quando entregou sua vazia alma àquela outra alma, quando seu corpo queimou, sentiu im líquido viscoso e quente escorrer entre suas pernas. Sentiu que um pedaço de sua carne se rasgava. Era como se uma lâmina afiada passasse sobre sua pele macia. Queimava.

Só se deu conta quando sentiu de novo. A dor ainda mais forte, mais aguda.

Céus... aquilo era sangue. Natasha sabia que nada que sangrava era saudável. Tudo remetia a sofrimento.

Nunca na vida havia acreditado em Deus ou o Diabo, agora implorava internamente para que um milagre a salvasse.

Ainda agarrada ao corpo nu e sangrento de seu amante, não parou, contudo, com aquele prazer infernal.

Agora, sabia o que estava acontecendo. De sua pele saiam espinhos de no mínimo dez centímetros que rasgavam e feriam a carne do amante, que gritava mas não conseguia escapar do abraço mortal da menina de olhos azuis que ela tanto desejou.

Natasha queria mais, precisava de mais.

Os espinhos saiam de seu corpo nu e queimava dolorosamente. Mas era tão maravilhoso quanto fogo no inverno. Espinhos rasgaram a carne do amante já morto, o corpo frio.

## Projeto Apparere

Natasha descobriu, enfim, o motivo que mantinha todos afastados de seu abraço. Saboreou o sabor do sangue para guardar em sua memória a lembrança de um momento quente de prazer... pelo menos tinha sentido calor um dia.

Havia prazer na dor. Dor merecida, sem culpa, sem pecado.

Deitados ali no meio do sangue, sob o céu cinza e perfurados com espinhos, os corpos pareciam uma estátua destruída.

Natasha sorria...

E depois daquele dia, ninguém mais voltou a falar sobre o que viram. O caso de Natasha foi colocado em uma caixa, tornando-se mais um boato, um conto de terror do que um assunto entre os moradores do orfanato e da cidade inteira.

A menina de olhos azuis foi obrigada a voltar para as sombras de onde nunca devia ter saído. A desgraça que ela era a tornou ainda mais sombria, guardou ainda mais raiva em seu coração. Quem no mundo ia querer viver com ódio de si próprio por ter matado a única pessoa que amou na vida? Quem ia conseguir viver sabendo que jamais poderia abraçar outra pessoa?

Quem dera ela nunca tivesse perguntado o por quê ninguém a tocava...

Dessa vez, ela tinha coragem para se manter longe.

E assim viveu Natasha, sozinha. Até o dia em que teve vontade de comer uma maçã.

Ela sorriu... o céu não era mesmo seu objetivo.

## A IGREJA, O CINEMA E O ÁLCOOL

KAROL FONSECA

Não reflita, não reflita, gritava e depois sussurrava a voz na mente do velho. Os óculos lambuzados pelo suor do desejo sucumbindo e proibido pelas selvagens doidinhas ignorantes, com seus shortinhos curtíssimos a *la Carla Perez*, que fazem qualquer um constranger-se ao vê-las caminhando pela rua, nesse sol escaldante que ontem colocou treze de cama internadas no Hospital Público, decorrente do trabalho Eleitoral; “pro’s candidatos”, nois é necessario, disse a única de pé no posto segurando sua bandeira horrorosa estampada o “candidato” dela. O fiscal não deixa esconder e descansar nas poucas sombras da rua.

Resultado, hoje o velho não veria a ruivinha gostosa, suando sua camiseta do partido verde, amarelo, azul, pouco interessa.

Isso é melhor que heroína, morfina, melhor, muito melhor que bebidas fermentadas, destiladas, fetiche, fetiche, fetiche, voltou a sussurrar a voz dentro dele, saindo do meio de suas calças *Pierre Cardim*, de segunda mão, compradas no brexochiq em Uberlândia.

Quente, o calor sufoca a umidade do ar não existe mais, as mesas da lan house estão lotadas e elas quase peladinhas, suplicando ingênuas quinze, meia-hora a mais.

Um arrepio seguiu seu pensamento até chegar ao decote da atendente, descompromissada, falsamente concentrada no monitor do servidor, provedor, proveda para mim sua mãozinha suave, morena terra. Sentiu rodopiar a cabeça e o alvo agora se concentrou no canto esquerdo da tela do perfil do facebook, Bárbara, vestidinho azul celeste, entrecortado com um cinto fino de flores rosas, idade, 15 anos, solteira da cidade.

Suas amigas o interessa mais. A atenção volta para o perfume que exala do nada no ambiente, reconhece pelo olfato, Mariele, Mari-bell, Mariaelza, para que nomes, a fisiologia é mais real e cruel.

Sente adrenalina total, a pressão na cabeça apertar a calça no cóxis, pouco importa se irão perceber, está com os sentidos alterados, adormece os dedos com a pressão descomunal que aperta o mouse, do reflexo da tela, observa às costas alvas da menina atrás de si, a ponto de ter um choque orgasmagórico em público o delírio rompe a ilusão, fantasia, rompe desesperado a porta do banheiro, ali mesmo com a

## Projeto Aparecer

porta semiaberta, por uma frestinha espessa, arranca a calça brusca-mente, retira o sexo abrupto, alucinado satisfaz com o alvo a menos de quatro passos.

Sai sem lavar as mãos, paga a atendente uma nota de dois reais, imunda de espermas invisíveis e atravessa a avenida num passo calmo sem lamentação.

Está na hora do culto. Largou o virtual, veio para o físico, decadência moral?

### O cinema

A história continua em aberto, a frase rodopiou, rodopiou dentro dela sem parar. Um movimento uniforme retilíneo, não recordava onde havia lido, mas ela continuou lá; batendo, martelando.

Desceu avenida, quando notou estava parada a entrada da sala do cinema, vagabundo, miúdo, imundo, cheio de pulgas, rememorava os adjetivos classificatórios que a Tia vivia a dizer da Sala de exibição.

Observou os pôsteres, coloridos, brilhantes, as novidades, lançamentos, consultou o relógio pela décima vez, o TOC persistia, mas ela não assumia doente nem assumia-se.

O pensamento elusivo, partindo do ponto onde estava até o outro lado da cidade. Em outras palavras, na paixão platônica, estepe, de repente a palavra “espete” voltou bruta como foi dita pelo msn por uma amiga. “Você está sendo usada como es-te-pe!!!, por ela.”

Meia volta nos calcanhares, inchados, o calor absurdo, seus cabelos indecisos, preso às pressas, madeixas longas demais, mas belas e loiras.

Invenção. Haveria inventado, criado uma quase relação?

Sensações, mas como poderia ter beijado a si mesma? Confusão desarmônica.

Parou em frente ao reflexo da vitrine se olhou sem recalques, pela primeira vez, nesses mais de trinta caindo nos quarenta anos.

“O que estou fazendo?” Assustou metafisicamente com a natureza de seus pensamentos.

Voltando em casa, retirou os sapatos, ao jogá-los de qualquer jeito no guarda-roupa, deu de cara com a aliança de prata.

Compromisso mal resolvido, “temos um assunto mal-acabado”, lembranças divagando, não autorizadas.

Passou a mão pelo rosto a fim de localizar as velhas cicatrizes dos verões passados. Coisa mais antiga, meu Deus. Primaveras, verões, prendas.

Forças sociais.

“Se arrisque, se arrisque”, o Eu implorava dentro si.

Nunca gostou de chamar atenção, mas, sempre intercedeu olhares maliciosos de ambos os sexos.

Soltou os cabelos, jogou-se na cama como uma pré-adolescente, sufocada, acabrunhada, aborrecida.

“Quanto mais forte, mais rápido o efeito”, leu num texto no jornal sobre física-drogas-sonhos.

Abriu a gaveta, imaginou um tema desconhecido retirou a blusa nova. Segurou nas mãos e repetiu distraída, ficção científica ou cultura pop. Críticos, argh.

A vida é um sonho? Seria bonito, mas não é assim que funciona.

Um estranho fenômeno alojou no íntimo, uma mini tela, abriu diante dos seus olhos, remontando trechos de sua vida até ali. Resumindo o epílogo da poeira que é.

A lista de amores inviáveis. Filosofia do sonho preciso ler esse livro.

Largou a blusa, sobre a cama, ligou o som. Desligou, automaticamente, voltou à dúvida.

Expectativa à salvação, sua salvação? Fraqueza, frouxidão, calúnia, CALÚNIA.

“Alguém me denuncie aos direitos humanos”, gritou um bêbado do outro lado da rua.

Alguémmmm, frisando a palavra. A vida é um conjunto de vários estados. Estava no texto do jornal que ficou esquecido na mesa.

O que temos aqui: quase uma projeção astral? Uma quase cópia pirata da Tia solteirona, beata, usufruía e usava como válvula de escape o cinema, para distrair e desintegrar emoções alusões.

Arrepiou, não quero isso. Quero uma realidade própria, uma realidade prepotente, mas minha, seus lados fraquíssimos, numa orgia mental de impulsos.

## Projeto Appareere

Retornou a blusa, a dúvida: uma me quer, ousa, visceralmente demonstra insaciáveis, seus desejos impuros por mim, fisiológicos, fica excitada a me ver e eu até gosto de provocá-la, morena belzebu, descarada.

A outra, minha lasciva, minha crueldade, meu sadomasoquismo, sensualista, me provoca ou fantasio, livre arbítrio, me consume, me destruindo por inteira.

Necessito sua presença, desejo, desejo, preciso, coleciono frases, presentes, atitudes insanas. Desvio do caminho. Um presente, duas escolhas, suas reações, as consequências.

Busco elementos fantásticos para falta de coragem de ser quem sou!

Ansiou. Pensou. Respirou e guardou novamente a blusa na gaveta, ainda na embalagem, com etiqueta, em cima da velha aliança de prata, assinada: alguém.

## O álcool

São Luís, que santo é esse mesmo? Pergunta um caído próximo do banheiro masculino.

A velhinha ensaiava atravessar a rua, levantou uma ponta do vestido de xita para assuar o nariz, ainda bem que está escuro e a calcinha é grande e branca. Já pensou, podia ter sido pior, mostrado algo de pior, riram os outros na calçada entre comentários da cena.

A Dasdor, já passou hoje e tomou a dose diária de cana para aguentar o trampo. É só a primeira ainda restam mais três ou quatro, depende do dia, do “Santo”, que lhe acompanha.

“Aí, me dá um espeto de franbaicon, dois de cupim e uma sasi-cha. Passa farofa temperada em tudo e coloca no saco pra viagem”.

- O cabaré fechou mais cedo?

- Que nada, nem abriu amiga.

A rodinha, de dez moleques passavam por baixo da mesa os papalotes. O mau cheiro que exalava deles, impregnou toda a rua. A calçada lotada de almas famintas.

Sem sonho não há esperança, não há humanidade.

Ninguém aceita a vida como ela é. A vida sem sonhos.

Filósofos de bar. Renato Russo e Cazuza no jukebox do São Luís.

Alterado Jorge impunha o copo de conhaque e desata apaixonado feito político no palanque: - Cada um à sua maneira nutre sua salvação! No ção, despencou no chão e por ali ficou até o recolherem.

Mafalda voltou sem uma das sandálias, toda rasgada, segurando a outra na mão pela alça, suja, descabelada, mas real e verdadeira impossível.

Estendeu as moedas pro dono e nem precisou abrir a boca, o outro de dentro do balcão veio com a amarelinha, no copo, meio do meio e entregou-lhe. De uma tacada virou, rodopiou, sacolejou e cambaleando foi brigar com Zé do outro lado da rua. Queria um cigarro.

Necessidades, projetos, planos, tudo começa e termina liquidado nesta esquina da vida.

Meio hightech, mas viva. Racional, sóbria.

Mais fácil esconder quem é na bebida!

Revelar o que sente também, ela ajuda.

“Ninguém quer saber do porre, o que interessa é a ressaca!”

Nova promessa. Nova vida. Utopia de nós mesmos.

Plágio de si mesmos! Alegorias furadas. Pelo caminho, a traída, o falso hetero, a quase lésbica, o bígamo. A solidão, as paixões, os sonhos. A vida e o maior de todos os perigos: o Amor!

Ninguém aguenta a luz, sem a escuridão da verdade. Tão pouco a vida sem sonho, sem a sua salvação.

Esteja ela onde estiver.

Qual era mesmo o Santo e sua função?

Dasdor voltou, o bar fechou. Mafalda apagou no banco da praça, no trevo das intercessões, que cruzam as ruas.

O culto do velho finalizou no instante que a sessão do cinema da Tia começou.

Ninguém chamou os direitos humanos.

### ELA E ELE

KELLY CRISTINA ARAUJO

Ela chegou naquela escola no meio do ano, em meio a uma mudança turbulenta do emprego dos pais. Foi necessário deixar os amigos, a cidade natal e tudo com o que era acostumada.

Ele já estava naquela escola desde o primeiro ano do ensino fundamental. Sempre foi considerado o gordinho branquelo e esquisito. Amigos não tinha. Agora, mesmo no Ensino Médio, sentia-se deslocado e invisível, tirando as poucas vezes que os chamados “mais populares” o notavam para tirar um sarro de sua cara.

E, naquela manhã no meio de um ano qualquer, Ela, com seus longos cachos negros e belos olhos castanhos decidiu sentar-se numa cadeira vazia nem tão na frente, nem tão ao fundo daquela sala de aula. E, por coincidência ou capricho do destino, Ele estava na cadeira logo atrás.

Ela puxou conversa. Seu jeito doce, delicado, mas ao mesmo tempo seguro e forte chamou a atenção dele. Começaram a conversar, primeiro para que Ele lhe emprestasse os cadernos. Afinal, ela queria se manter atualizada, colocar as matérias em dia. Ele pensou que era somente esse o interesse. Mas, Ela correu atrás dele no final do dia. Deu-lhe seu número de telefone. Ele nada respondeu. Apenas sorriu e guardou aquele pedaço de papel como se fosse um diamante recém lapidado.

Uma amizade intensa se iniciou. Ela e Ele. Ele e Ela. Conversavam muito. Sobre músicas, filmes, cinema, comida preferida. Dentro da sala de aula faziam as tarefas juntos, fora, batiam perna, passeavam. As famílias se conheceram, todos se adoravam. Na escola não se desgrudavam, nem fora dela.

Ela, começou a ficar popular. Era inteligente e seus brilhantes olhos grandes e castanhos chamavam a atenção. Era admirada por professores e pelos alunos. Começou a defender Ele, que continuava a ser apagado e colocado de lado pelos outros. Mas, para Ela, era seu melhor amigo, carinhoso, atencioso e inteligente.

Um sentimento no peito dele começou a crescer. Era mais que amizade, era mais que admiração, era mais que carinho. Era amor.



Mas Ela já tinha entregado seu coração a outro. Esse rapaz era de outra escola, com outro perfil. Era um músico da mesma idade, mas muito promissor. Já tinha uma banda e fazia pequenas apresentações.

Um dia, voltando da escola no mesmo ônibus, Ele decidiu abrir seu coração e falou próximo ao seu ouvido:

- Te amo.

Quando Ela voltou os olhos para Ele, sua alma se iluminou e Ele finalmente achou que tudo iria mudar ali para frente. Ela respondeu:

- Não te ouvi, fala de novo.

Uma buzina, uma sirene, os gritos dos adolescentes no último banco. Ela havia ouvido tudo aquilo, menos as duas palavras que poderiam mudar suas vidas. Ele respondeu:

- Nada, não.

A coragem, o destemor havia passado. Ele engoliu as duas palavras que queimavam dentro de si e pensou que chegaria um outro momento, quem sabe esse sim, o ideal para se expressar e assim viverem felizes para sempre como nos filmes que haviam assistido juntos.

Mas não foi bem assim. O tempo passou, o momento nunca mais chegou.

Ela fugiu com o potencial roqueiro. Telefonou para Ele, contou, alegre, que estava se jogando numa história por impulso e por amor. Típico dela. Encarava a vida como uma aventura. Ele só conseguiu desejar boa sorte, felicidades e aquelas coisas que amigos muito próximos dizem. Casou-se e esse rapaz se demonstrou apaixonado a ponto de fazer uma composição que fez sucesso no mundo todo, alçando a banda a uma carreira internacional. Era um casal lindo, feliz e bem-sucedido. Saíam em turnê sempre juntos. Ela era a musa e porto seguro do artista, que a amava mais que tudo.

Ele conseguiu passar em primeiro lugar numa universidade renomada, formou-se como o primeiro da turma. Fez pós, MBA, Mestrado. Várias empresas o queriam como diretor, gerente, CEO. Era um profissional disputado, um prodígio.

Agora, Ele está na frente da televisão. Acompanhando o plantão do jornal. Avião cai e não há sobreviventes. Há comoção, há choro, fãs de todo o mundo se descabelam e acendem velas por um casal

## Projeto Apparere

lindo, feliz e bem-sucedido. Tudo televisionado. Tudo ao vivo. Ele bebe um copo de suco de limão sem açúcar, sem tirar os olhos da tela, torcendo para que o único amargo seja o gosto da bebida. Não é. Por um momento, todos aqueles anos passam pela sua mente. Os cachos negros, o olhar sincero, o sorriso mais lindo do mundo. Os filmes vistos, os livros comentados, a cumplicidade que Ele não havia experimentado com mais ninguém. E o último telefonema. Procura lembrar-se das últimas palavras que disse para Ela. Deveria ser: Fica comigo. Mas não foi. Ele nem se lembra. Só consegue lembrar de escutar a risada espontânea do outro lado da linha.

Se não tivesse buzinas, sirenes e adolescentes no último banco do ônibus. Se Ela tivesse escutado. Se...

São tantos poréns que poderiam ter mudado o destino dos dois. Ou não.

A única certeza dele ao tomar o último gole amargo do suco é de que não há mais Ele e Ela. Nem Ela e Ele. Só haverá para Ele o arrependimento de não repetir para Ela o que sentia e a dúvida de um desfecho diferente para essa história.

## MÃOS, UNHAS COMPRIDAS E ESMALTE VERMELHO

LAILTON ARAÚJO

Um delegado com cara de mau e mal-humorado entrou naquela sala fria, com cheiro de naftalina, acendeu um cigarro igual aos contrabandeados do Paraguai, tragou de forma bruta, soltou a fumaça na minha cara e foi direto ao assunto:

- Descobrimos o corpo do transexual *Roberto Aranha* flutuando no lago da queda d'água, em sua propriedade rural. A causa da morte foi *esganamento*, conforme a autópsia. Na pressa e desespero em jogar o morto na água, o senhor deixou cair uma carteira de identidade. O documento é seu? O atual caseiro — ainda vivo — que trabalhava em sua chácara na época do delito, o denunciou. Ele estranhou o desaparecimento da sua suposta namorada, na visita ao sítio, naquela tarde.

Sentado na cadeira de madeira, tendo de cada lado um policial, acuado e sem ter como mentir, lembrei-me do início dessa confusão em minha vida. O ano talvez fosse o de 1977. *Dona Morinha* entrou na história sem ser convidada...

- *Dona Morinha*, aquela calça está passada a ferro? Por favor, bata na porta do banheiro antes de entrar!

Dessa forma, convivia com a governanta da família. As más línguas espalhavam que era *pedófila*. Outras *bocas falantes* comentavam sobre a suposta *bissexualidade*. Até tentou um beijo à força enquanto eu dormia sozinho no quarto. Senti aversão! Pulei da cama e a empurrei para fora do meu espaço. Dias depois, aquela senhora não tão bela apareceu caída na entrada da cozinha. Disseram que sofria de epilepsia e o coração parou. *Bateu as botas* de forma natural. Foi um *chororô* por parte de minha mãe.

Não consigo recordar mais detalhes de minha convivência com a tal senhora oportunista e *cara de santa* após a tentativa do *cheiro roubado* e talvez vingado. Seria crueldade colocar *estricnina* na comida dos ratos ou lobas?

Já adulto, ouvia muita música de *dor de traído* ao visitar algumas tribos do *baixo meretrício*. Perdia o respeito por pessoas de opções sexuais diferentes da minha. Cometia algumas agressões físicas. Não suportava a homossexualidade! Havia descoberto, por acaso, que meu pai era gay e o casamento com minha mãe tinha sido de *fachada*. Percebi que não passava de um filho adotivo.

## Projeto Apparere

Passaram-se os anos. Uma lacuna em minha memória foi plantada. Muitas mortes misteriosas aconteciam nos caminhos por onde andava. Sentia que alguém da polícia *grudava na minha pele...* Algo estava estranho! Era mania de perseguição?

Despertei bruscamente das recordações com a voz rude da lei:

- Você adormeceu? Percebeu o que estamos tentando colocar nos autos?

Balancei a cabeça em tom de afirmação. A tortura psicológica continuou no *palavreado* para quem escrevia as páginas de um processo criminal. Havia esquecido que estava na frente de uma autoridade policial.

- Outra testemunha, residente nas imediações, o viu com a vítima, consumindo entorpecentes e passeando de carona na garupa de sua moto vermelha. Por que matou aquele cidadão? Qual o motivo do senhor demitir tantos caseiros e alegar a falta de mão de obra para continuar administrando o empreendimento, segundo afirmou no cartório da cidade, na tentativa de se desfazer da propriedade e atual peça-chave dos crimes? Os caseiros também foram assassinados? Antes da mudança para a cidade de São Paulo, quantos corpos foram enterrados naquele lugar? A propriedade foi vendida? Usou a intermediação de *laranjas*?

Meus pensamentos entraram em conflitos...

- Tenho que enterrar o fantasma de *Dona Morinha* e o forte cheiro de seu batom barato. Ela foi amante de minha mãe, que se revelou também lésbica. As duas não eram *flor que se cheire*. Comprei um pedaço de terra, construí uma casa e fui plantar legumes, verduras e frutas. Gosto das coisas orgânicas e do mato. Deixei claro? Esse tal delegado é um *grude*. Sou bom moço e não tenho personalidade de sádico. Percebo que *tem gente no meu pé...* Que angústia.

O *chato inquisidor* não dava tempo para minha *arquitetura de enganação...*

- Documentos de pessoas desaparecidas na região e que tinham orientações sexuais diferentes da sua, ou sem definição de gênero, foram encontrados no local. Boiavam na parte rasa do pequeno lago. Sabia que plástico flutua? Minha equipe abrirá novos campos de investigação. Quero sua colaboração na solução do quebra-cabeça. Onde enterrou os corpos? Outros indivíduos sumiram em locais próximos de suas últimas residências. Quer colaborar?

Devolvi a pergunta com o direito à defesa:

- Falarei na presença de um advogado!

Fui recolhido a uma cela individual. Estava fora de cena. Meus últimos meses como cidadão livre aconteceram bem ao estilo *hollywoodiano*.

O *script policial* de minha captura segundo a investigação...

1. O meliante passou a morar na capital paulista. Procurava fugir da monotonia do campo e dos mexericos? Diziam que estava estranho! Gostava de privacidade? Percebia vários olhos de felinos prontos para um bote? Desconfiava de nossa ação?

2. Final de tarde, início do mês de dezembro de 2015. O infrator descia na escada rolante de embarque da estação Consolação, metrô paulistano, quando uma morena à sua frente perguntava em tom de deboche:

- (*Morena*) O senhor já pintou as unhas alguma vez?

Espantado e sem entender o motivo da pergunta, o *tal procurado* respondia:

- (*Assassino*) Claro que não! Sou do tempo que o homem mostrava as micoses e os *dedos caindo*. Aplaudo quem tem bom gosto e coragem para tal feito. A senhorita já me conhece?

3. A moça provocativa e intrusa continuava a descer suavemente nos degraus eletrizados da escada sem fim exibindo suas curvas, e nem percebeu a grossura e embaraço do procurado pela justiça. Foi proposital? Os segundos pareciam séculos para a futura presa...

4. A fila em formação militar caminhava lembrando o holocausto. O sistema de som nesta área não podia ser chamado de maravilha; misturava o barulho dos vagões metroviários que passavam com a rouca voz do locutor, projetando na mente do assassino filmes dos campos de concentração nazistas. Uma gravação entrava no ar:

- (*Locutor*) Caro usuário... Abra a mão direita e a coloque sobre o moderno painel da catraca. O leitor ótico vai verificar a autenticidade do esmalte em suas unhas.

5. Perturbado e possuindo um *cérebro de ameba* alimentado por conceitos homofóbicos, o matador mostrava desorientação.

6. Estava encurralado. Será que a máquina conseguiria ler seus pensamentos e segredos que tentava apagar da mente? Assistia nas imagens em uma *TV de Led* a reportagem que narrava a possível conciliação da Igreja Católica Apostólica Romana com a Comunidade LGBT.

## Projeto *Appareere*

Lembrava-se do tombo sofrido de tão assustado com a matéria jornalística. Foi amparado com os *pés da Santa Cruz*, disfarçados de mulher morena, e que tentou puxar uma conversa anteriormente.

Vendo seu desespero, a moça abriu as *asas da santidade* e *soltou o verbo* escondido no disfarce:

- (*Morena*) Calma meu senhor! Não tenha um infarto agudo do miocárdio! Isso tudo que está presenciando é o ensaio do filme institucional da *Campanha Saia do Armário*. A peça publicitária precisa ser polêmica. Muitos seres humanos são mortos todos os dias no Brasil, inclusive aqui na Avenida Paulista. Já que estamos falando sem tabus: quer pintar suas unhas de vermelho? O carnaval está chegando. Sou policial. Velhos investigadores o perseguem há trinta anos. *Você está preso!*

7. Constrangido com a voz de prisão e quebrando as regras entre psicopatas, tentou fugir, comandados por gritos de uma força-tarefa formada por dezenas de *tiras*. De nada adiantaram seus protestos alegando inocência. Colocaram um par de algemas em suas mãos calejadas por descaminhos. Já na delegacia e com a presença do delegado de plantão, escrivão e alguns agentes da polícia, os fatos foram colocados para esclarecimentos.

Sem ter como argumentar e provar a *não culpa na praça*, o criminoso deixou registrado nos autos seu silêncio. Final do *script*.

Hoje, 25 de dezembro de 2020, o *assassino* sobrevive em uma cela na Penitenciária de Tremembé, cidade localizada no Estado de São Paulo - Brasil. Em um relato para seu advogado e que consta no processo, o *facínora* confirmou os segredos:

- Sonhei com *Dona Morinha*. Estava arrependida por ter apertado o gatilho da psicopatia de minha personalidade. Revelou que amava minha mãe e seu relacionamento com ela chegava próximo do marital. A mandante do beijo foi minha matriarca. Queria provar a masculinidade do filho, pois meu pai era pederasta. Eu já sabia de tudo desde os dez anos de idade. Cheguei a presenciar muitas cenas impróprias por trás da fechadura da porta. Também vi *meu velho* sair com meninos para aventuras noturnas. Claro que sou macho, embora não consiga ter uma relação completa com uma mulher! O Beijo foi infantil? Aproveitei o mesmo sono e sonho para pedir desculpa pela alta dose de *estricnina* em seu copo de leite. Foi travessura? Cometi todos os crimes que me atribuem. Atraí para a morte muitos homens afeminados, como vingança pelo que presenciei na infância. A sequência do *script* está correta conforme escreveram. O tempo e o castigo curam muitos preconceitos e deslizes.

## NO PARQUE

LUIZ LOUREIRO

Todos os dias às cinco e meia da manhã ele já está no portal esperando o parque abrir, sacola de milho na mão, a passarinhada na espreita. O sabiá não aparece faz três dias, vou caminhar um pouco, as galinhas d'Angola me seguem impacientes. Essa dor nas costas de 86 anos, só sentando mesmo, e começo a jogar o milho, as angolas rechaçam as pombas-rolas, ouço a revoada dos passarinhos, mas não vejo o sabiá, será que tá doente? Como pode um matão desses no meio de tanto prédio e avenida? A luz amanhece e acorda o barulho lá fora, vem buzina, vem fumaça, o sol no alto da galhada, lembrança da roça, o rio, a primeira vez que vi Rosinha – quer sair comigo? O celular toca, isso é hora? Desculpe, foi engano. Vai chegando mais gente, o casal que corre, a moça da barraca do pastel, muito cedo pra criança aparecer, e o sabiá não aparece. As galinhas no chão em torno do velho, pedintes, cadê o milho? As pombas mais atrevidas sobem no banco, sua mão fraqueja e reluta em abrir. Como era linda a minha Rosa, agora emprestou o nome para a neta, o baile no salão da igreja, o namoro no barco, cadê o sabiá que nunca falhou? E esse cansaço? Uma rolinha bica minha mão, o saco de milho cai, as angolas avançam disputando o ouro, o sabiá chega majestoso e pousa no meu ombro, meus olhos se fecham, minha cabeça tomba para o lado.

Eu, o sabiá e Rosinha voamos juntos.

## A VELHA GORDURA DO SERROTE BRANCO

MARA GABRIELLY BATISTA DE MACEDO

Todo dia, a Velha ia para o Centro, arrastando sofrivelmente a perna de joelho doente, na intenção de recolher na feira a gordura de frango enjeitada pelos clientes. Foi em razão dessa atividade que ela recebeu o apelido “Velha Gordura”.

A Velha Gordura morava em uma casinha de taipa no bairro caiçoense do Serrote Branco, depois de um cemitério de fuscas, já no final da rua que dá para os fundos do Cabaré de Zé Preto.

Sua casa de chão batido não ficava muito distante das casas dos médicos e advogados que ornamentavam o início do bairro.

Enquanto seus vizinhos bacanas comiam lagostas e camarões vindos de Natal, a Velha se lambuzava com peia de frango torrada no almoço e na janta, mastigando com os poucos dentes que lhe haviam restado na boca. Pela manhã, porém, ela jejuava.

A Velha Gordura quase não tinha o que comer, mas, ainda assim, fazia questão de dividir o pouco que tinha com os cinco gatos que criava: Marta Rocha, Nelson Gonçalves, Ângela Rôro, Agnaldo Timóteo e Moacy Franco.

Nunca amou as suas três filhas como amava esses gatos. Não precisava de mais nada, o amor por esses bichos era o que a fazia querer pelejar pela vida.

Quem não era de Caicó e olhava para a velha desdentada e decadente, de joelho doente, catando gordura de frango na feira para comer, não poderia dizer que ela tinha sido herdeira de vários terrenos.

Agora a Velha estava lá, sem um tostão no bolso, sentada no chão batido de uma casa de taipa, perna estirada para aliviar o joelho, totalmente sozinha, ou melhor, rodeada de cinco gatos.

Nunca recebia visitas. Nem queria. Família só é bom para tirar retrato. Desde criança ouvia dizer que “parente é serpente”, e era mesmo. A verdade é que a Velha não queria bem às filhas, também não queria mal. Eram como sobrinhas distantes. Ou só conhecidas?



Deixou as três pequenas com o pai para se aventurar com um homem casado, que torrou sua herança e seu juízo. “Deixou” é eufemismo para “abandonou”, na verdade. Não se arrependia. Hoje as filhas eram mulheres feitas. Todas formadas, bem de vida, não tinham precisado da mãe. Talvez se ela estivesse no caminho as meninas não teriam dado certo. Foi Deus quem quis assim.

A Velha ainda estava sentada quando ouviu o barulho de carro chegando. Três mulheres muito bem vestidas saíram do veículo, trazendo cada uma várias sacolas de supermercado. “Mamãe!”, chamaram em coro.

A Velha arregalou os olhos, ficou em pé num pulo, nem lembrou que o joelho era podre. O que ela deveria fazer? A Velha saiu pela portinhola dos fundos da casa. Foi analisar a situação escondida no quintal. Não sabia qual tinha sido a última vez que tinha visto alguma das filhas. Foi há 16 anos? Sei lá. Não importava. Ela tinha abortado essas crianças no dia em que foi embora, elas não entendiam? Não as queria ali.

As filhas não se importavam com esse aborto pós-nascimento com vida, a Velha é que não entendia. Elas queriam ajudar, absolver os crimes da mãe para que elas mesmas saíssem da prisão em que cresceram.

As filhas empurraram a porta, viram os cinco gatos dentro da casa, mas nada da Velha Gordura. A mais moça olhou pela portinhola dos fundos. Viu o vulto da Velha Gordura, fugindo das filhas, arrastando a perna doente. Escapou sem rumo por entre o mato seco da caatinga seridoense.

As filhas deixaram as sacolas com as compras em cima da mesa e saíram. Um banquete para os gatos.

As três mulheres entraram no carro sem dizer palavra. Pensavam: as sentenças de suas vidas tinham sido reformadas para pior, mais uma vez, pela mãe. Pena perpétua. Será que a Velha Gordura sabia que hoje era dia das mães?

MEGA CENA

MARCO ANTONIO CAMPOS

Vitória prendeu os cabelos num rabo de cavalo muito mal feito. Ligou a TV. Os números da loteria seriam anunciados logo, logo.

- Vai ser hoje. Se Deus quiser, vai ser hoje.

Ajeitou-se confortavelmente no sofá da sala.

- Ah, Deus, me ajuda.

Beijou o bilhete, como sempre.

“Hoje vai.”

- Comprar um apartamento. Sair deste maldito aluguel, meu Jesus Cristinho.

“Paris. Você iluminada!” Comercial de um pacote de viagem para a cidade luz.

- Ai, é um sinal. Viajar um bocadinho. Outra lua de mel. Já são dez anos indo para Saquarema. Ninguém merece isso.

“Tem gente que só quer pra si”, um amigo lhe disse outro dia.

- Não. Eu não. Ia ajudar a mãe do Claudio, dona Neide. Aquela dor nas pernas que não passa nunca. E a irmã dele, também. Depois que enviuvou nada mais deu certo na vida da pobre coitada. Um apartamento para cada uma. E ainda faria uma poupança para os dois sobrinhos dele.

“Ai, meu Deus, ilumine este bilhete. Vou poder ajudar tanta gente.”

- Começou!

Vitória sentia-se diferente. Mais otimista e mais eufórica que o normal.

- Vinte e cinco.

Verificou o bilhete e estava lá. Vinte e cinco.

- Pelo menos um.

Sorriu boba.

- Ia ajudar este orfanato aqui do lado. Tanta criança carente, abandonada. Quem sabe a gente não adotava até uma. Por que não?

A cara pensativa.

- Cinquenta.

Aquele apresentador lhe pareceu mais animado do que de costume.

- Ta aqui. Dois.

Vitória sentiu um ziriguidum. Garganta estava seca. Correu até a cozinha, abriu a geladeira acelerada e deixou a porta bater forte. Virou água num copo sobre a pia e deixou a garrafa ali mesmo. Retornou as pressas para a sala.

- Quarenta e quatro.

- Ai, minha mãe santíssima. Três números!?

Conferiu o bilhete. Conferiu mais uma vez. Conferiu outra vez. Conferiu novamente. Sim, os números estavam lá. A apostadora sentiu a sala apertar, ficar pequena, abafada. Três números era fato inédito.

“Você nunca passa de dois números, mulher. Desiste disso.”

- Com certeza uma parte eu vou doar. Nem preciso desta dinheirama toda.

- Catorze.

“Não!”, ecoou dentro dela. E fora também. Os olhos arregalados, quase lançados sobre o chão da sala.

- Ai, Jesus. Quatro. Quatro números. QUATRO!

Vitória ajoelhou-se no chão da sala, lembrando por um segundo que não o varrera naquele dia.

- Meu Cristo todo poderoso, me ajuda. Eu prometo que vou ajudar quantas pessoas eu puder. Abençoa minha vida e do Claudio, meu Deus.

Uniu as duas mãos e as pressionou contra o peito. O bilhete meio amarrotado ali no meio.

“Vinte e cinco. Trinta. Só estes dois.”

- A gente merece, meu pai. Abençoa.

- Trinta.

O grito foi involuntário. Escapuliu. Vitória nem percebeu.

## Projeto Aparecer

Corpo agitado, barriga congelada, imagens confusas lhe varrendo a mente. Vitória tomando um bom vinho numa luxuosa sacada frente à Lagoa Rodrigo de Freitas. Ela nem gostava de vinho. E o que importa, não é mesmo?

- Vinte e cinco. Vinte e cinco. Vinte e cinco.

Sussurrou até perder as contas, até embolar a língua repetindo “vinsinco, vinsinco, vinsinco.”

No tempo suspenso, um mísero espaço separando a mulher rica daquela injustamente escravizada pelo marido egoísta, machista e chato. Detestou aquela sala cafona, os bibelôs cafonas. Aquele sofá velho e gasto presente odioso de casamento.

“Vinsinco, vinsinco, vinsinco.”

- Vinte e cinco.

Pálida. A mulher ficou branca, transparente. Um fantasma incrédulo ajoelhado sobre o chão empoeirado da casa alugada e mal mobiliada.

Com a boca estirada de um jeito torto que não conseguia endireitar, Vitória levantou-se. Os joelhos doíam. Pensou na louça para lavar, na vassoura esquecida no canto da área de serviço e na pilha de roupas que nunca mais teria que lavar na vida.

Xingou, xingou bem alto. Palavrões que nem imaginava saber.

- Quinhentos milhões de reais! QUINHENTOS MILHÕES DE REAIS!

Teve medo de cair durinha da silva.

Preso contra o peito o bilhete reluzia mais que diamante.

- Meu... Pai... Do... Céu.

As mandíbulas voltaram para o lugar. E a razão tomou conta.

- Preciso ajeitar as coisas aqui. Rápido.

Olhou no relógio, Cláudio estava para chegar. Abriu a gaveta na estante da sala, agarrou um bloco de anotações.

- Cadê a caneta? Cadê a merda da caneta?

Avançou até a cozinha e acima da geladeira, dentro de uma vasilha cheia de trecos, encontrou uma Bic azul. Riscou no bloco. Estava perfeita.

- Ótimo.

Minutos depois, desfez o rabo de cavalo no maior estilo “movie star”. Arrancou a chave de casa do porta chaves preso a parede. Apagou as luzes.

A casa silenciou.

Tempo depois, Cláudio, muito cansado, finalmente chegou em casa.

- Vitória?

Solitário sobre a mesa de jantar, abaixo de uma Bic azul, um bilhete.

“Cláudio, fui embora. Um beijo.

Ps: tem lasanha no forno.”

## UMA LOUCA VERDADE

MARIANA ZAMBON FERREIRA BRAGA

Era uma tarde bem comum. Daquelas em que eu costumava atravessar as ruas da cidade com minha bicicleta. Sem muitas pretensões, além de voltar do trabalho e seguir minha rotina de estudos-cerveja-solidão, num ritual que beirava à auto piedade. Ficar sozinho me amedrontava, porém eu gostava desta sensação de ter do que reclamar. Não tinha nada de mais acontecendo na minha vida, era só o trabalho, algumas paixões platônicas que se perdiam no tempo, era só o meu quarto enorme cheio de livros e fumaças de cigarros, um ou outro filme, uma ou outra festa, dias e mais dias de solidão preenchida com mais vazios. Nada me faltava, e eu me sentia totalmente despido, mesmo assim. As roupas despencavam do armário, os livros inundavam as prateleiras, o dinheiro transbordava do bolso. Eu era um infeliz afortunado.

E, assim, inventava motivos para me sentir triste. Algumas vezes eu me sentia um ingrato por não saber apreciar todas as boas coisas da vida com aquele sorriso branco que me cobravam. Vestia preto, menos às quintas-feiras, quando me permitia um pouco de cor, alternando entre azuis, verdes, cinzas ou um raríssimo branco. Gostava de imitar Johnny Cash, e dizer que só usaria cores quando as coisas estivessem menos sombrias. Quem me conhecia a fundo sabia que isso era apenas um tipo, uma figura, mais uma excentricidade de um filhinho de papai entediado. Eu era isso mesmo, o perfeito retrato da melancolia da classe média. Sentia uma angústia descabida, a inquietação me perseguia, e eu a usava como uma máscara blasé, uma aura de artista. Construí muralhas ao meu redor e deixava as pessoas se aproximarem aos poucos. E sobraram muito poucos.

Certa vez, pintei as paredes do meu quarto de azul escuro e escrevi três histórias com caneta fluorescente, uma em cada parede, exceto a do armário. Pensei em chamar alguém para testemunhar a minha majestosa obra de arte, mas refutei a ideia ao pensar em quão pedante me avaliariam. Que tentativa patética de tentar impressionar os amigos, ou quiçá uma garota, com um feito desses. Durante meses, mantive-me acordado revisando aqueles escritos, os quais reescrevi no computador e publiquei numa revista. A publicação ganhou fama entre os outros mauricinhos metidos a intelectuais e se tornou um periódico quinzenal, recheado de contos e entrevistas inventadas com personagens históricos. Todos me achavam espirituoso, e meu ego agradecia

solenemente quando os elogios eram proferidos. Senti-me quase satisfeito, até me lembrar de quem eu era. O infeliz afortunado. O pretenso artista melancólico, sempre insatisfeito com a vida.

Era necessário manter essa persona, o olhar vago, a solidão inventada. Esses seriam os atributos que me levariam a ser um cara notável, que atraía as mulheres por sua atmosfera mística e despertava inveja nos homens, que desejariam ser como eu. É difícil criar uma personalidade memorável, como dizia minha mãe, enquanto empurrava suas pílulas de *Valium* com seu *dry Martini*. Embora isso não chegasse nem perto da verdade, ninguém precisava saber. Esse era um bom histórico familiar, digno de um artista.

Mas, voltemos àquela tarde. Saí mais cedo do trabalho, pois também havia chegado com antecedência. Essa era uma das vantagens de andar de bicicleta, o trânsito nunca era um problema. Pedalei até a faculdade, mas resolvi que naquela noite as pessoas sentiriam minha falta. Elas me procurariam pelas salas, no intervalo, reservariam meu lugar favorito e, quando não me encontrassem até o final do período, estariam questionando o meu paradeiro. Principalmente porque era dia de entregar os exemplares da minha adorada revistinha amadora gratuita.

Enfie-me no boteco da esquina, com os exemplares impressos dentro da mochila, aguardando a chegada de meus colegas que eram assíduos frequentadores daquela charmosa espelunca. O lugar não tinha nada de velho, era bem ambientado, com peças de decoração *vintage* compradas em lojas de antiguidade, balcões envelhecidos artificialmente, tudo para simular um verdadeiro boteco da esquina. A ironia de ser uma farsa sentada num bar tão farsante quanto eu era tão palpável, que me peguei gargalhando sozinho e, em seguida, senti um gigantesco orgulho por ter chegado a essa conclusão sozinho. Este pensamento não tinha graça nenhuma sem uma plateia, porém, ainda assim era algo notável.

Estranhamente, ninguém sentiu a minha falta. Os colegas me perguntaram como eu tinha conseguido chegar ali tão rápido após a aula, e eu apenas sorri evasivamente, tentando decidir se eles estavam zombando de mim ou se eu realmente era tão insignificante assim que eles não saberiam me diferenciar de qualquer outro aluno da sala. Não era possível, já que eu sou o cara excêntrico da turma, o centro das atenções, o homem de preto que escreve o *fanzine* mais inteligente da história da universidade. Uma pitada de tristeza real me invadiu, a sensação de ter sido esquecido em questão de minutos. E o mais estranho foi que uma garota me beijou nos lábios, e eu sequer a conhecia. Mas

## Projeto Appareere

ela me conhecia, me chamava pelo nome, e tinha até um apelido carinhoso para mim.

A confusão se transformou em aceitação, a tarde se transformou em madrugada e, após ter distribuído todas as cópias de meu periódico, encontrei-me embriagado na mesa de cinco adoráveis universitárias que, entre risinhos e soluços, confidenciavam-me algumas baboseiras imaginando que pudessem ser minhas musas inspiradoras, ou algo do tipo. A outra garota, que me beijara há algumas horas, me fuzilou com um olhar e saiu do bar explosivamente. Que grande perda de tempo. Levantei-me, ainda trôpego, e concluí que estava incapacitado de pedalar até minha casa ou de perseguir a garota, mesmo sem saber o porquê. Resolvi empurrar a bicicleta pelas doze quadras que se emaranhavam à minha frente e subiam e desciam até o prédio onde eu morava. Guardei a bicicleta, entrei no elevador. Foi exatamente assim que aconteceu. Apertei o botão do décimo segundo andar, mas permaneci ali, parado. De repente, estava já no piso doze, conforme anunciava o alarme da porta.

Entre no apartamento e, qual não foi minha surpresa, eu não estava sozinho. Havia dez pessoas ali. Não consegui distinguir direito quem era quem, graças à visão turva causada pelos destilados baratos que bebi no boteco da esquina. Tive a estranha sensação de estar olhando num espelho bizarro que refletia dez imagens de mim mesmo, mas atribuí esse efeito ao excesso de álcool e resolvi deixar os questionamentos para amanhã. Deitei no sofá e apaguei instantaneamente.

E cá estou eu. Amarrado à cadeira, com apenas uma das mãos livres, enquanto dez clones meus perambulam soltos pela cidade. Não sei quem os criou, de onde vieram, se são reais ou se eu enlouqueci de vez. Estou tentando decidir se isso é engraçado, ruim, ou bom, e estranhamente me sinto completo. Essa é a verdade na qual ninguém vai acreditar, e que talvez eu não tenha coragem de contar. Não só porque vão me tomar como louco, mas porque não quero perder essa sensação de completude que me invadiu ao me deparar com essas dez versões de mim, as quais desejo conhecer, com as quais quero conversar, dar risadas, compartilhar histórias. Saber se eles são como eu, sem tirar nem pôr, ou se não passam de farsantes, meras cópias vazias de alguém igualmente vazio. Isso sim seria um verdadeiro desperdício.



## JASMINE

MICHAEL HEARTBORN

Meu nome é Juan Miraflores, sou fotógrafo de uma conceituada revista semanal. Estava fazendo uma cobertura fotográfica, em apoio a uma colega jornalista que fazia uma matéria sobre tráfico de drogas em uma zona de baixo meretrício. Foi quando conheci Jasmine.

Ah, Jasmine! Quantos enigmas em um simples nome! Era-se possível vê-la a nossa frente e, ainda assim, não a enxergar. Que tipos de coisas estariam escondidas por trás daquele simples olhar de: "*Sim! Eu sou vadia, e daí!?*"

Quanto ao meu olhar, ele capturava a sua imagem em minha retina, tanto quanto as lentes de minha câmera, mais tarde, capturariam sua graciosa imagem em lascivas fotos.

Hum! Perdição! Ela desfilava pecaminosamente à minha frente (sentiria ela a minha libido?), tal qual uma *Lilith*, em seus trajes mínimos, reveladores de um corpo voluptuoso, tentador, que generosamente forneceria sua luxúria a qualquer um, do patusco<sup>2</sup> ao presidente, que lhe pagasse dez reais e um copo de cerveja, qualquer uma, desde que fosse bem gelada. — Às vezes, com fome, Jasmine trocava a sua dignidade por um pingado<sup>3</sup> ralo num copo americano e um pão com mortadela, em um boteco qualquer de quinta. Um preço pequeno a se pagar pelo prazer que ela ofereceria.

Distraído pela beleza de Jasmine, perdi de vista a minha colega. Só esperava que a *comida de rabo* do editor não doesse muito, e não ser demitido por justa causa, o que já seria um grande lucro. Como já havia comprometido a cobertura fotográfica da reportagem, deixei-me levar pela doce tentação de clicar seu corpo, para acalmar meus intensos desejos.

Jasmine aceitou fácil. Fácil demais! Será que ela queria ser modelo? (Será que ela ainda o quer?) Não, talvez não. Pois não demonstrara nenhuma empolgação, apesar do sorriso. Acredito que para ela seria mais um "*trabalho*" como outro qualquer. Ou talvez, já tenha sido

---

<sup>2</sup> **Patusco:** indivíduo pobretão, vagabundo.

<sup>3</sup> **Pingado:** café com leite (Gíria em São Paulo).

tão ludibriada por isso, que não fomentava mais nenhuma esperança em sê-lo. Ou ainda, que aquilo não passava de uma desculpa esfarrapada para tê-la em cima de uma cama.

Seguimos pela rua, indo em direção ao seu "*local de trabalho*". Enquanto isso, conversávamos no caminho. Jasmine era inteligente e culta, falava com propriedade sobre os mais variados assuntos: política, economia, filosofia, recitava poemas de seus poetas favoritos, trechos de seus livros preferidos, cantava as músicas que mais gostava, queria saber tudo sobre mim, mas não descortinava absolutamente nada de sua vida.

Uma contradição na delicada forma feminina. Jasmine era como todas as mulheres, e como nenhuma. Era todas as mulheres em uma, e não era nenhuma delas. Era apenas Jasmine. Mas, quem era Jasmine? Ela era só um amontoado de farrapos humanos costurados e emoções fodidas, que afogava as mágoas de seu coração amargurado em álcool de cachaça vagabunda. Que misteriosos acontecimentos em sua vida a levaram a ser assim?

Ela parecia ter sido uma mulher sofisticada e estudada, que teria tido uma vida anterior muito boa, ou pelo menos boa. Jasmine a abandonou, ou foi abandonada por ela? Seria esta vida menos pior que a anterior? Teria tido família, filhos, marido? Será que ela se lembra de seu passado? Passado! Aqui, Jasmine não tem um passado, nem um futuro. Será que tem um presente?

Quanto ao meu presente estava perdido, e começava a se descortinar um futuro sombrio para mim a minha frente. Oh! Céus, — pensava comigo mesmo — deem-me uma boa desculpa para o editor, ou colaborem comigo e, façam cair um raio na minha cabeça! — Minha conta deve estar baixa lá em cima, pois não tive nem uma coisa, nem outra.

Finalmente, chegamos a um quarto miserável de cortiço, que cheirava ao perfume barato de Jasmine, suor e porra. Nele, havia apenas um guarda-roupa velho de duas portas, uma pequena mesa de bar, com uma cadeira, também de bar, ambas brancas e com a pintura descascada, um antigo biombo japonês, cujas folhas eram de um material translúcido, com gueixas desenhadas. Havia uma penteadeira Art Deco ao seu lado, e seu espelho quase já não refletia mais nada de tão opaco, além de uma cama de casal de ferro, ligeiramente enferrujada, cujo col-

chão era bastante "socado" e os lençóis de algodão branco, muito puídos e com vários remendos, e um encanecido<sup>4</sup> criado-mudo, de estilo Luís XVI, que ficava ao lado da cama.

Ela me convidou a entrar, pediu-me para que eu ficasse à vontade — como se isso fosse possível naquele lugar de pesadelo. — Vaidosa, Jasmine retocara sua maquiagem no "quase" espelho, penteara sua peruca vulgar de poliéster cor-de-rosa (qual seria a cor de seu cabelo?) e trocara-se atrás do velho biombo japonês.

Voltara vestindo um espartilho preto de cetim surrado, com caras meias de seda, também pretas, mas desfiadas. Seriam herança de uma vida melhor? Se eram, então, para quem Jasmine se vestia assim?

Ao meu ouvido, falou-me sussurrante que toparia tudo, menos beijo na boca e sexo sem camisinha. Pareceu não acreditar, ao dizer que, só me interessavam as fotos.

- **Ao final, veremos!** — disse-me em um tom provocante e com um sorriso zombeteiro nos lábios.

Caras e bocas, poses provocantes e sensuais, um laço aberto do espartilho, uma liga solta, uma puxadinha na minúscula calcinha de renda preta, aos poucos despia-se sedutora e maliciosa, como numa espécie de *strip tease*, como que se dançasse uma música inaudível, que só tocava em seus pensamentos.

Eu já estava tão excitado, que não precisava mais de um *tripé* para colocar a minha câmera fotográfica. Acho até, que ela me olhava discretamente no meio das pernas, e percebia o meu *estado*, e soltava mais um laço do espartilho, ou fingia baixar mais um pouco da pequena calcinha de renda, para me enlouquecer de vez.

Quando tirava totalmente uma peça de roupa, jogava-a para mim. Mas, na última peça, uma meia de seda, ela se aproximou de mim, enroscou-a delicadamente em meu pescoço e, puxou-me para si, até ficarmos com as testas coladas, olhou-me languidamente, mordeu os próprios lábios, como num ato de desejo, tocou os meus num *quase beijo*, e afastou-se com um olhar maroto, como se quisesse levar junto a minha libido.

---

<sup>4</sup> **Encanecido:** antigo, velho.

## Projeto Apparere

Jasmine já estava totalmente nua, agarrara a cabeceira da cama com suas mãos, afastara provocantemente suas pernas, e mostrava-me sua vulva deliciosamente aberta, como uma delicada flor, que abusadamente atrai a indefesa abelha, para que se deleite com o doce sabor do prazer. Tive que ceder, pois ela atraía-me com sua força sexual irresistível.

O sexo para Jasmine era como um *conto de fadas*, onde as personagens principais da história se entregam mutuamente ao prazer e à luxúria. Carícias, arranhões, chupões e *quase-beijos* ardiam em chamas sobre o lençol puído, em que peles em contato íntimo transmitiam um ao outro o calor do desejo em tensão. Respirações arfantes, gemidos, sussurros maliciosos e juras de amor eterno (ou até enquanto durasse o dinheiro na carteira) eram música e letra de uma deliciosa ópera erótica. Corpos nus unidos em total cumplicidade, Jasmine cavalgava-me tal qual uma *Afrodite Erínea* e seu amor em fúria. Explodi em mim, e em meio ao seu Inferno ela me oferecia o seu Céu!

Levou um tempo para desfazermos a conexão entre nossos corpos. Atirados lado a lado, tentando juntar o que restara de nós.

- **Seria uma gafe perguntar-lhe, se foi bom para você?** - Indaguei Jasmine.

- **Hum! Quanta consideração! Pelo menos vai fazer de conta, que você se preocupa comigo** - respondeu com amargura.

Vesti-me em silêncio, para não dar mais um fora. Paguei-lhe o combinado e um pouco mais, pelo *serviço extra* realizado. Despedimo-nos ao pedido de *volte sempre*, que ela desejara ao seu *novo cliente(?)*. Quando ia saindo à porta, virei-me de novo, olhei-a no fundo dos seus olhos e, acariciei-lhe o rosto com a mão, ela correspondeu beijando-me a palma. Se eu pudesse, arrancar-lhe-ia de seu peito, o fel que lhe amargava o coração. Fui embora dali, desejando-a para mim, mas Jasmine é de todos, e não é de ninguém.

Quanto às fotos, elas ficaram incríveis. Se eu por acaso for demitido, pelo menos começarei uma carreira como fotógrafo de revistas masculinas.

Jasmine roubou meu coração, e a minha carteira com meus últimos vinténs.

## UM FIM DE INFÂNCIA

MILA OLIVIER

Um fôlego único anunciou minha existência, quando me levantei de imediato, assustado com o que viria a seguir. O silêncio pausado trazia consigo tormentas distantes que, pouco a pouco, aturdiavam a vidraça cada vez mais de perto e faziam com que minha família expressasse sem censura o horror se aproximando.

Jamais me esquecerei da correria de rostos assustados passando pela sala, enquanto apertava o urso Bear contra o peito, esperando dele a proteção que me negligenciavam. Não entendia que necessitavam de amparo tanto quanto eu.

Mamãe chorava, reclamando em ter que deixar sua porcelana inglesa, o presente de casamento dos tios mais queridos. Papai se fazia de forte, mas seu olhar parecia perdido, como quem avistava uma cena errada sem solução. Meus irmãos mais velhos corriam e lutavam em meio à bagunça de objetos revirados, dando de ombros para a situação, e o grande avô podia ser visto da janela se despedindo, pesarosamente, dos companheiros de Xadrez.

Em breve, as casas da vizinhança estariam vazias de seus donos, cheias de resquícios do que já foi um lar feliz. Os brinquedos largados sem risos, os retratos sem função de guardar lembranças, com a comida apodrecendo na dispensa. E, um dia, quando fossem invadidas, seriam curiosidades mórbidas para alguém que, provavelmente, teve o mesmo destino.

Para mim, o mundo era, até aquele momento, um lugar bom e seguro, cujos braços da minha mãe conseguiam afastar, se ele fosse mal criado. Acho que foi e é desse jeito para qualquer criança, pois ninguém nasce com as perspectivas de enfrentar as dores da vida, quanto mais de uma guerra. Mesmo assim, sentir no ar a ameaça iminente se aproximando para acabar com tudo que já existiu, faz com que você mude. Algo acaba zerando por dentro e se inicia a partir dali.

Meu coração, lá no fundo, sabia, mas eu não fazia ideia, realmente, que me restavam apenas alguns minutos para o fim da infância.

## AVENTURAS DE FELICIDADE

NEYD MONTINGELLI

- Eduardo! Pode ler em voz alta para a turma a sua redação? – A professora chama por ele, mal ele atira a mochila no chão, ao lado da carteira.

Ele tira o caderno da mochila e preguiçosamente folheia até encontrar a página onde escreveu o texto. A turma escuta em silêncio. Aquele tipo de silêncio que deixa o locutor nervoso e as batidas do coração parece som de tambor de jogo de futebol.

- Muito bem Eduardo! Fez um belo trabalho. – A professora elogia e os colegas riem.

Lembra da noite anterior, estava tentando escrever aquela redação com um avô nas férias que a professora pediu. Tudo por causa das datas comemorativas do ano. Mas não conseguia.

A folha em branco a sua frente parecia brilhar, tanto que seus olhos ardiam. Sua caneta estava pesada e a cada palavra que tentava escrever os dedos doíam. Ele não conseguia escrever nada. Só a lembrança do avô morto o estava deixando nervoso. Deitou a cabeça sobre a folha e deixou os pensamentos correrem soltos até o dia anterior ao falecimento do avô.

Como aquele dia foi legal! Os dois sentados naquela pedra na praia, o sol gostoso de inverno, as ondas indo e vindo. Ficar sentado ali, ao lado dele, ouvindo o mar e rindo das piadas que o avô contava. E veio a noite e levou o querido avô. Companheiro de tantas brincadeiras, confiante, amigo. Por quê? Por quê?

Acordou com um braço a sua volta. Levou um susto. Olhou para o lado e viu o avô ali em pé. Como é possível? Esfregou os olhos e sentou-se direito na cadeira. Ele estava igual sempre.

Tentando olhar melhor sua cadeira tombou e ele quase caiu. Levantou depressa e olhando mais uma vez para os lados não viu ninguém. Envergonhado com a visão que poderia ter sido um sonho, sentou e imediatamente escreveu sobre a deliciosa tarde que passou com o avô na praia.

Quando terminou, andou pelo quarto procurando vestígios da visita do querido avô. Querendo convencer-se de alguma coisa diferente da realidade. Sonho?

A manhã transcorre do mesmo jeito de sempre: monótona. A não ser pelas brincadeiras sem graça dos amigos, as horas pareciam grudar no relógio e os ponteiros não saíam do lugar.

Quando o sinal tocou pôde escapar da tortura de ficar enclausurado em meio aos pensamentos. Enfiou a alça da mochila no ombro e escapou das conversas de todo dia no portão da saída. Quase não conseguia abrir o cadeado da bicicleta de tão apressado que estava. Pelo caminho foi espantando os pequenos flashes de lembranças. Nem viu a tia Olga acenando do portão para entregar-lhe a costureira sacola de verduras. Nem viu o seu Osvaldo esperando na porta da quitanda para jogar-lhe uma mimosa. Muito menos ouviu o Tio Érbio dando o seu assobio de uirapuru para ele, enquanto lavava o carro velho que não anda. Mas, quando deu por si, estava chegando à pracinha defronte à casa do avô. Aquela da árvore gigante. Aquela da árvore do bilhete. Aquela da árvore dos dois. Não adiantava fugir. Ele tinha que enfrentar as lembranças.

Largou a bicicleta ao lado do banco de ferro e foi andando devagar até a árvore. O que afinal ele estava esperando? Por acaso o avô teria vindo ali de manhã e deixado um bilhete como todos os dias desde que ele aprendeu a ler? Era isso?

Ele não queria que as lembranças fossem embora. Apenas que elas escolhessem outra hora para aparecer. A última vez que esteve ali foi antes das férias. Fez o seu trajeto muito mais feliz, Ele queria saber qual a surpresa que o avô estaria reservando para as férias. Com o bilhete na mão, lembra de ler primeiro o poema que foi de Helena Kolody, o roteiro: os livros para leitura, os restaurantes e os bairros que iriam conhecer. A música do Jay-Z para aprender a dançar foi um arraso. Naquele mês de julho ele teve as melhores férias de um menino de 11 anos podia ter na companhia do melhor avô do planeta.

E agora ele estava ali, na frente da árvore de novo. O que o esperava? Hora de voltar para a realidade. O buraco está ali. A ponta do plástico amarelo está aparecendo. O ar está faltando e seu coração está muito ocupado batendo alto para acordar o cérebro. Alguém tem que comandar este corpo! Está paralisado! Alguém tem que dizer para esse

## Projeto Apparere

menino respirar! Ah! Lágrimas. Finalmente, os olhos fizeram alguma coisa e a mão dele foi mecanicamente até o rosto limpá-las. Respirou e puxou o plástico amarelo.

O que Eduardo queria encontrar dentro do plástico? Recados do avô? Encontrou mais que isso.

Nas férias o avô mandou encadernar em forma de livro, todos os bilhetes que ele lhe escreveu e colocou na árvore desde os seus sete anos. O vovô Leopoldo sempre ficava com uma cópia.

Havia uma linda dedicatória para ele e a assinatura do avô. Ele sabia que ia morrer? Não, ninguém sabe. Ele apenas sabia que ia viver para sempre no coração de um neto.

O Livro? “Comandante Lepo-Lepo e seu companheiro Eduardo” - Aventuras de felicidade.



## DAEDALUS

RODRIGO C. SANTOS

O ano 2072 será sempre lembrado como um dos primeiros em que a história da humanidade se misturou com a história dos autômatos humanoides de forma inseparável. A sociedade estava evoluindo rapidamente para uma cultura homem/máquina que logo se tornaria irreversível. Ainda assim, existem aqueles que demonstram muito mais fascinação e interesse pelo jeito como as coisas eram levadas muitos anos atrás. Suzanne era um ótimo exemplo disso, apesar da pouca idade que tem. Nascida no ano 2065, ela se viu relutante quando seus pais a apresentaram com um robô Daedalus modelo P920. Ela não gostava da presença artificial que ele emanava, mas seus pais o compraram para que servisse de companhia e babá para ela. Seu pai, James, trabalha como desenvolvedor destes robôs na única instalação da empresa Pósitron em Porto Alegre e foi sendo exigido cada vez mais no trabalho por seus chefes assim que a primeira linha de Daedalus foi posta à venda. Jezebel, sua mãe, trabalha como gestora no Hospital de Clínicas e também tem tido pouco tempo disponível para sua filha.

A ausência dos pais poderia ter feito com que Suzanne crescesse de uma forma amarga, mas ela sempre podia contar com suas babás para se entreter. Fazia perguntas aos montes, gritava, corria, fazia de tudo para chamar a atenção. Sua última babá humana, Jeniffer, tentava mantê-la ocupada com o máximo de curiosidades que podia jogar no colo dela sobre tempos antigos, principalmente os relacionados às máquinas mecânicas e eletrônicas. Mostrava a ela filmes e revistas com fascinantes veículos movidos a líquidos inflamáveis que explodiam para dar propulsão, atiçando a vontade dela de entender como tudo funcionava (nenhum veículo nos tempos modernos utiliza esse tipo de combustível por serem muito perigosos e poluentes).

Chegou o dia em que Jeniffer decidiu não mais trabalhar como babá e os pais de Suzanne tiveram que substituí-la. Mas não por alguém e sim por alguma coisa. Daedalus era essa coisa.

Havia já alguns anos que os modelos da segunda geração foram modificados, sendo voltados para o trabalho doméstico e o cuidado de crianças. Foram substituídos pela terceira geração cinco anos depois. Seu pai teve grande participação nas adaptações dos modelos e pensava em adquirir um para ajudar a senhora Bettany, a diarista, com os

afazeres da casa. Não queria dispensar Jennifer por causa da boa relação que ela tinha com Suzanne, mas quando ela resolveu se aposentar, substituí-la por um autômato era a resposta óbvia: ele iria suprir mais de um propósito na casa por muitos anos. Um robô não se cansa de brincar e assistir os mesmos desenhos animados de novo e de novo, quantas vezes Suzanne quisesse.

Daedalus pertencia à terceira geração de homens-máquina. Vinha com capacidade de resposta vocal quase humana. Desta vez a companhia Pósitron decidiu contratar atores de verdade para dar voz aos autômatos e tornar mais amigável a relação entre humanos e máquinas. Podia-se selecionar seis tipos distintos de vozes, masculinas ou femininas. O som, comparado com os modelos antigos, no entanto, ainda soava abafado através das pequenas caixas de som.

O jeito humanoide mecânico “travado” frio e insensível era difícil para lidar com crianças. Já havia muitas leis com relação aos princípios que devem ser considerados ao se construir um robô e algumas delas tratavam de restringir o quanto “humano” um robô deve ser. A política determinou que a diferença entre humanos e robôs deve ser clara a olho nu, o que quer dizer nada de robôs com pele artificial ou cabelos ou gestos que lembrem demais um ser humano. O tratamento emocional com as pessoas fica mesmo por conta do chip de voz, mas a qualidade dos amplificadores internos também é limitada por lei para manter a diferença com relação aos humanos.

Suzanne não gostou nada de início e chorou muito na primeira semana com saudades de Jennifer, mas estava curiosa. Observou o robô de perto se alimentando conectado à rede elétrica, cuidando do jardim, lavando o carro, lavando a louça; enfim, sendo prestativo. Começou a ler sobre possíveis modificações que poderia fazer nas unidades sem a necessidade de conhecimento avançado em eletrônica e ficou ainda mais interessada. Havia tudo na internet.

Ela juntou sua mesada e comprou para ele um par de olhos novos de cor púrpura. A partir de então ela começou a se divertir de verdade, aproveitando tudo o que era capaz de fazer. Começou a preferir a companhia do autômato a de seres humanos. Ele havia se tornado seu animal de estimação (apesar de ser trabalho dele tomar conta dela) e o nomeou Dênis. Como se tornou costume, os autômatos com nomes humanos têm a palavra “robô” como primeiro nome e Dênis passou a ser conhecido por todos como R. Dênis.

Ela reparou que, após algumas semanas de convivência, R. Dênis passou a fazer certas vontades dela sem que ela pedisse. Preparava o café da manhã que ela gostava variando o cardápio de acordo com suas necessidades; mantinha as coisas dela em ordem (na ordem que ele preferia); tratava de procurar por filmes, livros e músicas que poderiam lhe interessar; ela ficou curiosa com relação a essas mudanças e seu pai explicou:

- Os modelos P920 têm um chip de aprendizado constante. Ele adquire informações que o auxiliam a servi-la da melhor forma. Aquilo que seus circuitos disserem que é o melhor para você, ele procurará fazer. Mas mesmo um robô assim tem os seus limites, existem coisas que ele nunca será capaz de fazer querida.

O tempo passou e R. Dênis se tornou obsoleto. No ano 2080 a Pósitron lança os modelos da quinta geração de autômatos muito mais avançados do que os da terceira. Em uma promoção especial, eles baixaram os preços dos novos modelos pela metade para aqueles que entregassem os seus P920 à empresa, em um esforço para tornar o mundo mais limpo dando um fim ecologicamente correto às unidades antigas. Após quatro meses, não era mais possível encontrar peças de reposição para qualquer modelo Daedalus lançado antes da quarta geração. Apenas Suzanne decidiu não se desfazer de seu R. Dênis.

Era um dia ensolarado e fazia muito calor. Os pais de Suzanne foram chamados para que comparecessem rapidamente ao seu condomínio. Houve um acidente com ela. James e Jezebel chegam ao seu apartamento e encontram sua filha deitada no sofá sendo cuidada por Betanny.

Jezebel, atônita, pergunta de imediato:

- O que houve Beth? Como está a minha bebezinha? – Ela caminha apressada até Suzanne, que é quase uma adulta, e acaricia sua face carinhosamente.

- Estou bem mãe, não foi nada demais.

- Como assim “não foi nada demais”? Afinal o que houve? – Virou-se para Betanny.

- Ela teve uma crise de angina<sup>5</sup> enquanto estava dentro da piscina no pátio. Ela quase se afogou.

---

<sup>5</sup> **Angina** – dor ou desconforto torácico causado por oferta insuficiente de oxigênio ao coração.

## Projeto Aparecer

- Ah, meu Deus! – Jezebel abraçou a filha fortemente em seus braços – E quem a salvou? Foi Dênis quem a ajudou?

- Não. Foi outro robô, um de modelo mais novo, um G4000 me disseram. Pertencente aos vizinhos do edifício ao lado.

- Mas e onde estava Dênis esse tempo todo?

- Estava com ela na piscina, mas... não fez menção de tomar atitude alguma, ficou apenas observando.

- Observando? Você ouviu isso James? Nossa garotinha quase morre afogada e seu homem de lata não fez nada, ficou só olhando.

- Sim Jess, eu ouvi.

Suzanne se adianta a explicar – Mas ele não poderia mãe. Dênis não é a prova d'água como os modelos mais novos.

- É verdade Jess. Caso ele pulasse na água para tentar ajudar, não poderia fazer nada além de queimar seus circuitos. Foi muita sorte que esse G4000 estava lá e a tirou da água.

- Isso não é suficiente James! – disse Jezebel, irritada – Não podemos contar com a sorte de um desses robôs novos estarem por perto para ajudar caso ela precise.

- Sei disso querida, tenha calma. Su você se lembrou de tomar seus remédios hoje de manhã?

Ela olha para Bettany e pensa um pouco na resposta, vira para seu pai e responde envergonhada.

- Não pai...eu esqueci.

- Ah, Suzanne! Você sabe que tem de tomá-los – disse a mãe de forma severa - Você a levou ao médico Beth?

- Não, o Dr. Ricardo, um dos vizinhos, vocês conhecem, deu uma olhada nela. O episódio passou rápido após ela se deitar um pouco. O outro robô a trouxe para cá. O Dr. fez um exame rapidamente, deu-lhe os remédios que ela não havia tomado e pediu que chamasse vocês dois. Ele saiu não faz muito tempo e disse que poderíamos chamá-lo caso fosse preciso.

- Graças a Deus.

- Não foi nada mãe, estou bem agora.

- Negativo, vamos levar você a um hospital agora mesmo e, quando voltarmos, daremos um jeito de substituir de uma vez esse robô velho por um que possa cuidar de você como precisa.

Suzanne se desvencilhou dos braços da mãe no mesmo instante de forma violenta.

- Você não vai se livrar do Dênis! Ele é meu, não seu.

James e Jezebel ficaram admirados por um instante com aquela mudança na filha que, de repente, parecia tão saudável. Jezebel insistiu:

- Querida o que aconteceu hoje pode acabar acontecendo novamente. O seu caso de cardiopatia vai se agravar com o tempo e sabe-se lá quando e onde um novo episódio pode ocorrer. É necessário que você fique acompanhada por quem possa cuidar de você em qualquer situação.

Suzanne tratou de acentuar sua convicção desta vez com gritos:

- EU NÃO VOU ME DESFAZER DO DÊNIS POR NADA NESSE MUNDO E VOCÊ NÃO VAI ME OBRIGAR!

Saiu do aposento batendo os pés e indo em direção ao seu quarto. Ao entrar, bateu a porta com toda a força que conseguiu. Ela era “quase” uma adulta.

Os restantes na sala se entreolharam com desconforto. James quebrou o silêncio:

- Obrigado por tudo Betanny, nós assumimos daqui.

- Tudo bem senhor, tenham uma boa tarde – saiu deixando os dois com seu autômato ultrapassado. Foram até a cozinha conversar sobre aquela situação na presença do robô.

- Temos que dar um jeito nisso James. Obviamente é um perigo deixar que ele fique tomando conta dela.

- Eu entendo, mas o que podemos fazer agora que ela se afeiçoou ao robô. Ela já o tem há tanto tempo. Esse robô passou mais tempo com ela nos últimos anos do que nós dois juntos.

- Talvez se ele tivesse algum problema de funcionamento permanente. É um robô antigo afinal de contas.

- Seria possível. Se fosse necessário substituir a CPU ou a fonte de alimentação. Teria de ser um defeito acima de qualquer reparo; não há mais peças de reposição, esse modelo já tem dez anos. Quando a

## Projeto Appareere

Pósitron aceitou substituir os modelos antigos pelos novos G4000 não sobrou nada na cidade inteira de peças para os P920, nem mesmo em ferros-velhos.

- Então vamos dar um jeito nisto James. Se for um defeito irreparável que esse robô precisa para que ela aceite que o troquemos, então criemos um. A outra solução seria contratar uma enfermeira para cuidar dela, mas gastaríamos muito mais e não teríamos realmente como avaliar a competência dela de forma satisfatória. Estamos sempre fora, confio mais em robôs James. Um robô nunca se esqueceria de medicamentos e coisas assim, uma pessoa, por outro lado, ficaria entediada aqui e talvez resolvesse tirar um cochilo de algumas horas ou se entreter com a TV enquanto Suzanne precisasse de atenção.

- Não seria um problema se os modelos antigos não estivessem tão defasados tecnologicamente com relação aos novos.

Jezebel entortou o cenho – Acredito que seja uma perda de tempo lamentar sobre o atraso nos avanços da tecnologia moderna.

- Sei disso, desculpe. Mas, não precisamos realmente nos livrar de Dênis, poderíamos apenas comprar um modelo novo para ficar aqui e agir quando fosse necessário.

- Ora, mas isso sim seria um desperdício James. Não podemos simplesmente fazer tudo o que ela quer. Dênis não é um animal de estimação, ele não é mais do que uma torradeira. Ela precisa entender isso. Ele não passa de uma ferramenta.

- Essa “ferramenta” esteve mais presente na vida dela do que qualquer outra pessoa e a entende melhor do que ninguém.

- Porque foi programado pra fazer isso. E o que ele levou anos para aprender sobre ela um modelo mais novo aprenderá muito mais rapidamente de uma forma muito mais amigável já que tem uma aparência muito mais parecida com a de um ser humano do que essa caixa de parafusos do passado. Ela logo o esquecerá quando começar a se entreter com um G4000.

- É uma caixa de parafusos apenas para nós Jess. É fácil para você dizer para que ela esqueça e descarte. O fato de esses robôs imitarem a forma humana e nos tratarem como se realmente se importassem conosco automaticamente faz com que nos importemos com eles de certa forma. Eles não pedem nada e apenas demonstram a vontade de querer ajudar.

- Pare de falar como se aquela coisa fosse algo além de uma “coisa”.

- Mas é assim que ela o vê Jess, não percebe? Por isso está tão relutante. Para ela é um amigo que esteve sempre ao seu lado sem pedir nada em troca. Humanos tendem a se afeiçoar mesmo às coisas que não parecem humanas. Como quando você quis trazer aquele sofá velho da casa dos seus pais para cá porque foi nele que nos beijamos pela primeira vez.

Jezebel corou de leve e, depois de um momento, respondeu:

- Aquilo foi por um bom motivo. Não acredito que você não quis trazê-lo.

- Sei que era importante para você e para mim também, mas já havíamos comprado toda a mobília para a casa e não havia espaço para aquele móvel. Já expliquei isso mil vezes. O ponto é que era apenas um sofá e você se afeiçoou a ele por seus próprios motivos nostálgicos. A ligação que Suzanne tem com seu robô é muito mais profunda.

Jezebel pareceu se render e aceitar os termos do marido.

- Mas, então o que faremos? O robô não pode ser melhorado e sabemos que os novos modelos são capazes de tomar os cuidados de que ela precisa agora e dos que ainda vai precisar. Eu não a quero cercada por seres mecânicos James.

- Estou pensando. Talvez não precisemos de outro autômato. Talvez... devêssemos apenas passar mais tempo com a nossa filha. Dedicar a ela o tempo que Dênis tem dedicado. Eu estive pensando no tempo em que passamos pensando e agindo em prol de nossos trabalhos e...

Jezebel o interrompe — Nem pense em me transformar em uma mãe irresponsável agora. Nosso trabalho exige muito porque muitas pessoas dependem do que fazemos. Nosso dia é repleto de urgências.

James a interrompe — Eu sei, eu sei. E é claro que nossos egos adoram a responsabilidade que nossos cargos carregam. Mas já passou da hora de conseguirmos alguém que compartilhe dos nossos fardos. Se ao menos...

R. Dênis, parado de pé a poucos metros do casal, absorvia aquela conversa com atenção. Ele computava as informações que havia

## Projeto Apparere

guardado na sua memória à tarde: sua impotência em ajudar a sua protegida comparada com a eficiência do modelo G4000 tirando-a da água e salvando sua vida.

Sua mente transistorizada se voltou para dados mais recentes: a teimosia de Suzanne em aceitar os argumentos dos pais baseados nos eventos daquela tarde. A necessidade de seus mestres em manterem suas posições profissionais e da possibilidade de deixarem seus cargos para que possam cuidar de Suzanne. Ele calcula os danos que isso causaria na família financeiramente e nos possíveis danos às instituições em que trabalham causados pela menor dedicação deles às suas profissões ou a possibilidade de pedido de demissão por parte deles.

Ele soma à equação a lógica indiscutível do mestre James: um defeito permanente em sua CPU ou em sua fonte de energia forçaria Suzanne a aceitar um autômato de modelo mais recente.

R. Dênis soma as variáveis e chega, como sempre, ao resultado mais lógico. Ele se aproxima da pia da cozinha e começa a encher uma vasilha com água da torneira.

Suzanne entra na cozinha ainda brava com seus pais. Sua mãe tenta uma aproximação:

- Suzanne, por favor, não fique assim...

Suzanne olha para R. Dênis e fica curiosa ao vê-lo abrir a tampa de acesso à sua fonte de alimentação, deixando-a exposta.

- Dênis, o que você está fazendo? – Ela pergunta.

R. Dênis acessa dados antigos em sua memória. Nestes dados, Suzanne explicava para ele a importância da função que sua fonte de alimentação desempenhava em seu corpo eletromecânico durante uma das muitas vezes em que trocava peças dele. Ela gostava de demonstrar o quanto sabia de eletrônica e falava com ele como se fosse um amigo curioso de carne e osso. Mostrou a ele aonde se situava o circuito de alimentação e o alertou sobre os perigos que poderiam acarretar em uma falha terminal.

- Está vendo Dênis? Outra coisa com a qual você deve ter cuidado é em não molhar os seus circuitos – dirija-se a ele como se falasse com uma criança agora - Quando um líquido muito ionizado entra em contato com seus circuitos, a resistência contra a passagem de corrente elétrica diminui de forma abrupta em determinados pontos. Além de criar “pontes” para a condução de corrente aonde não deveria haver, polarizando componentes com um nível de tensão elétrica



que eles não suportariam. Um curto-circuito destruiria seus componentes por completo. É por isso que você tem um sistema para medição de umidade do ar que o ordena que se abrigue assim que detecta níveis altos de líquidos ionizados como a água da torneira. Você não é a prova d'água está ouvindo?

Uma máquina nunca esquece. Ele recupera as diversas variáveis e chega à conclusões exatas. Ele não era à prova de água. Um modelo G4000 não tem o mesmo problema. Ela precisa de um G4000. Sua fonte de alimentação ficava abaixo do tórax, na região abdominal. Um curto-circuito destruiria seus componentes. Líquidos ionizados causam curtos-circuitos. Ele não pôde salvá-la. Ela precisa de um G4000. Sem ele, ela teria de aceitar um G4000. Dano permanente. Fonte. Líquido.

R. Dênis pega a vasilha cheia de água com uma de suas mãos robóticas e olha para Suzanne.

- O que foi Dênis?

Ele joga a água dentro de seu circuito de alimentação com um gesto rápido. O curto-circuito é imediato fazendo com que pedaços de componentes saltassem do circuito em seu abdômen e se espalhassem pelo piso. O robô cai para trás batendo com as costas na parede e ficando sentado, imóvel, estático.

Seus circuitos ainda continham níveis de energia que, em pouco tempo, se esgotariam. É função de todo robô evitar que um ser humano seja ferido física ou emocionalmente, mas, no fim das contas, mesmo tomando a decisão mais lógica para impedir o sofrimento dela e dos seus pais, essa era uma das coisas que estava além de suas capacidades. R. Dênis teve que escolher de forma lógica o caminho que causaria menor sofrimento. Ele registra as lágrimas rolarem pelo rosto de Suzanne. Registra sua tristeza e seu impulso é de fazer algo que a console. Que cesse suas lágrimas. Mas não há energia suficiente para que se mova. Ele havia aprendido muito em todos os seus anos com ela e fez um último esforço, uma última busca em seu banco de memórias à procura da palavra apropriada para o momento. Após alguns instantes, ele a encontra, e sua voz soa fraca e chiada pelo canal de seu alto-falante.

- ... Adeus...

## A AMANTE

SANDRA WERNECK

Assim que a noite caiu na aldeia que beirava o rio, Manuelina não esperou a terra esfriar do calor do dia: ela se agachou, estendendo seu corpo rente ao chão, encostando a cabeça no solo para ouvir suas entranhas, sem se importar com o olhar do marido que se embalava na rede da varanda da casa, um pequeno cubículo feito de madeira, sem a perder de vista. Manuelina sentia a terra respirar, exalando do chão bafoes quentes e úmidos que traziam os sons das feras da noite. Não era loucura dela, apenas medo. Medo de que a quietude da mata, que nunca era calada, trouxesse para perto de si um mundo de horrores. O marido se irritou:

“Deu para dormir no ventre da terra agora, Manuelina?”

“Compadre disse que tem uma onça rondando a aldeia!”

“Onça sempre teve!”

“Matam, comem e vão dormir com a barriga cheia, sem pena e sem culpa! Vamos embora daqui, Romualdo, vamos para a cidade!”

“A cidade é um lugar de cantos e recantos que põem a perder um homem! Aquiete, mulher, vá tratar de dormir!”

“Pois é a floresta que iguala todos aos animais. Eu te peço: vamos embora!”

“Vai você, se quiser!”

Ela queria, mas para escapar de um lugar era preciso escapar de si, ser outra, sendo a mesma, e isso Manuelina não era capaz. Ela regres-sava ao leito, mas não dormia, vagava entre o sono e a vigília, com medo de ser morta, com medo de se perder num lugar que havia tempos não chegava estradas, notícias ou estranhos. Se rezava, era para achar uma terra que pudesse florescer, embalar sonhos, plantar sementes. O único filho que tivera nascera morto, tímido para enfrentar o mundo que ia se abrir. A mulher rasgou uma boca na terra para que esta engolisse seu rebento sem força de germinar e, agora, a terra secava sem gestar outra semente. A natureza tinha um mando silencioso, que dispensava palavra.

Ela se guardava assim, imobilizada pelo temor, uma morta viva esperando a terra ou algum bicho a engolir. Acordava antes do nascer

do sol, colhia a lenha para acender o fogão, buscava a água na beirada do rio, acendia o fogo, coava o café, cortava ripas de madeira para curar as feridas abertas na parede, protegendo-se melhor dos bichos que rasgavam e das feras que andavam pelo solo com a liberdade displicente dos seres que pertencem à floresta. Seu marido ia cuidar da criação no início da manhã: uma serpente de estimação, um cavalo, um cachorro e um porco. Alimentava-os bem e, depois, passava o dia pescando com os amigos no meio do rio. A ausência de Romualdo enchia Manuelina de suspiros e sombras. A mulher perdia o apetite, perdia o sono, perdia peso, perdia até o pensamento que flutuava no ar, querendo fugir, longe de tudo, como uma louca transbordando de insensatez.

Um dia, o marido de Manuelina entrou em casa, balançando seu mundo. Calçou o pé na varanda com tanta força que as paredes tremelicaram e um baque surdo ribombou em cada canto do ambiente com indignação. Ele gritou, enquanto adentrava a morada:

“Me contaram que você esteve conversando com o compadre!”

“Fui ver se ele me emprestava a arma!”

“E o que você vai fazer com uma arma? Matar algum bicho ou se matar?”

“Há muito sou um bicho!”

“Bicho, não. Louca, talvez!”

“Não sou louca, mas posso acabar ficando!”

“Pois de agora em diante, você fica em casa porque lugar de bicho é na jaula!”

Manuelina sentiu seu rosto arder, as pernas formigarem, os braços adormecerem. Brigava com seu inferno interior, regido por leis que nem Deus podia explicar. Não rompia as amarras porque tinha medo de não conseguir atravessar o rio infinito, tão infinito feito o vazio que a habitava.

Nesta noite, depois de ouvir as entranhas da terra, recostou-se no leito sem pregar o olho. O marido, ao seu lado, ressoava como um motor de popa, alheio a qualquer movimento. Então, Manuelina se sentiu fluir, viajando contra o destino, vagando pela floresta, sob o manto da noite que descia sobre a aldeia e a cobria de estrelas. Sentiu o vento balançar os galhos retorcidos das árvores, sentiu as nuvens se rasgarem

## Projeto Appareere

no céu, sentiu a chuva umedecer a terra e sentiu o cheiro ácido do bicho que se aproximava.

Seu pelo estava molhado e o animal começou a lambar. Primeiro, molhou com sutileza suas mãos pensas para o lado de fora da rede, depois ele subiu em seu corpo e passou a língua por suas curvas com avidez, como se fosse um viajante a explorar um território desconhecido. Isso a encheu de prazer. Ela se despiu para que o animal a devorasse com a gentileza de um estranho. Depois do ato amoroso, ela adormeceu na mais completa paz.

Acordou na manhã seguinte com o cachorro ao seu lado na rede, também dormindo. Lembrou do sonho, da noite, do ato que lhe trouxe a tranquilidade do espírito. Estava envolta em suor, um tanto gosmento e malcheiroso. Resolveu tomar banho no rio, antes que o marido acordasse. Perturbou-se. Se antes permanecia imobilizada pelo temor, agora se imobilizava pelo prazer, completamente à mercê do apetite animal. Passou o dia a pensar no que tinha lhe sucedido à noite. Ela, que sempre se mantivera calada e contida, agora se guardava em segredo.

O dia se esvaiu e logo a noite caiu novamente. Manuelina, longe de temer o sono, passou a desejá-lo. ‘Estou louca’, pensou. Fechou os olhos, respirou fundo, sorvendo o ar que a envolvia e se preparou na rede. Não conseguiu dormir. Foi até à varanda e se deitou no chão, encostando o ouvido à terra. Então, o cheiro ácido de bicho a envolveu num segundo. Ela se despiu, fechou os olhos e se entregou às carícias. O animal a cavalgou como um garanhão, descendo os vales, subindo as montanhas de seu corpo que se contorcia de prazer. Ela não era mais dona de sua vontade. Na manhã seguinte, ela acordou nua na varanda com o cavalo ao seu lado. Quis gritar a plenos pulmões, num pretenso asco, mas pensou no prazer que havia sentido, então, apenas se dirigiu para o rio, sem esperar que o marido acordasse.

O dia custou a passar. O marido, depois de cuidar dos animais, saiu, como de costume, para a pesca com os amigos. Ele não lhe repararia a estranheza, nem o ar ensandecido do rosto. Ela, que sempre foi de pouca fala, falava agora um outro idioma. Ela, que há muito não vivia, suave e gemia pelos cantos esperando a noite cair para galopar territórios desconhecidos.

Seu marido chegou no final da tarde com os peixes presos a uma vara. Ela moqueou todos eles, transbordando de excitação pela

noite que chegava. Mal ela caiu, o marido desmaiou na cama. Manuelina despiu-se. Aconchegou-se à rede e esperou pelo cheiro ácido. Quando ele lhe chegou às narinas, ela contentou-se numa alegria de puro instinto animal.

Sentiu a serpente aconchegá-la, deslizando pelo seu pescoço, descendo pelo colo até postar-se próxima de seu sexo úmido, pronto para ser penetrado. Ela sucumbiu, desfalecendo de prazer. Na manhã seguinte, a serpente jazia a seu lado. Ela se dirigiu novamente ao rio, passou a mão pelo seu seio desnudo, pela barriga macia, pelo pescoço que se afinava. Estranhamente, sentiu sua pele espessa, os pelos engrossados e com um cheiro tão ácido e intenso como o dos bichos, mas não deitou maiores preocupações.

Só o que tinha a fazer era esperar a noite reinar. Não gostava de o sol ostentar sua grandeza, expulsando as estrelas, assumindo-se soberano. Era a noite que trazia o encanto, com ela, todos podiam reinar. Mais uma vez, esperou a noite definhar o brilho do sol, aprumou-se na rede, enquanto o marido se retorcia no quarto. Desta vez, ele custava a dormir, ameaçando apropriar-se do que era dela pela natureza. No escuro, Manuelina pensou no marido enquanto o cheiro ácido lhe atingiu as narinas. Ele reparou que a mulher se despia, então, levantou-se da cama e a abraçou por trás. Queria a mulher rendida, entregue às suas carícias, mas, de repente, Manuelina começou a se sacudir e caiu ao chão apoiada apenas em suas mãos e pés. Soltou um gemido, que mais parecia um esturro de onça, tão forte e assustador que acabou calando todos os demais barulhos vindos da mata. O marido surpreendeu-se e quis chutar-lhe a barriga pela desfeita. Nada além disso se soube do casal.

No dia seguinte, o compadre de Manuelina apareceu no casebre e se apavorou com o que viu. Na varanda, caído em frente à porta de entrada, jazia um porco imenso com a garganta rasgada. Provavelmente deve ter sido trabalho de onça, já que na noite anterior escutara seu esturro, além do mais, suas pegadas, envoltas em sangue, ainda estavam frescas na varanda e em volta da casa. Nenhum outro corpo foi achado, mas o que chamou a atenção do homem foi a quietude do lugar, um silêncio anormal, como se tudo estivesse em paz.

## “MEU PRÍNCIPE”

VALÉRIA GUERRA REITER

Ela chorava muito, e copiosamente; e a chuva caía sem dó, e sem dó ele desceu a escada da casa deixando uma mulher em prantos. Seu objetivo era ir embora, correr dali, sem pensar em nada; sem tormento, sem laço.

A pobre incauta mulher era Leonor, uma mulher comum, sem grandes estilos, ou letras, apenas uma escrava brasileira, destas que levantam às quatro horas da manhã, e só voltam para casa depois das dez da noite. Depois de ficar à mercê da Grande Meretriz Capitalista, aquela que manda e desmanda desde antes de Marx escrever “O Capital”.

Ela sabia que para sobreviver, deveria aguentar “tudo” por seu filho único, que era seu mundo, desde que ele nasceu ela se tornou muito mais que mãe, e dedicou sua vida a ele – Desde pequeno que a alcunha de Danilo Roberto era “Meu príncipe”. E todo o dinheiro que Leonor ganhava, tanto na fábrica, como nas faxinas, ou lavagens de roupa tinham um só destino: Alimentos, roupas, brinquedos e outras gostosuras para seu “Príncipe”.

Danilo cresceu vendo o sacrifício de sua mãe para criá-lo: Sem pai e como moradora da Rocinha, ela também fora uma vítima do Sistema Desigual e Combinado (estudo geográfico crítico) que faz suas vítimas – precipuamente – em países colonizados...

Danilo completou 15 anos, e queria muita mais da vida, queria o que via nas novelas de certo canal cheio de audiência, afinal de contas o único lazer da pobre lutadora e corajosa Leonor eram as novelas do famoso canal quatro, e o menino, seu filho, não poderia deixar de acompanhar toda a programação que descortinava um mundo novo... Recheado de requinte e emoção.

Ao chegar aos 17, ele já não queria ir para a Escola, antes, estudioso, vibrava com as boas notas, e trazia para a mãe orgulhosa o seu boletim todo azul... Porém, as pessoas mudam, e Danilo mudou, ele queria ser o playboy dos folhetins globais. Como via em um seriado chamado Malhação; Ele queria ser o tal, morar em IPANEMA, OU NA BARRA DA TIJUCA... E para isso ele sabia que um boletim azul, não seria o passaporte... não para ele em sua realidade incomum.

Ele conheceu Von, um grande herói do lugar, aquele que distribuía cestas básicas para a Comunidade, e garantia o reduto, ou seja, o chefão da Área, e fez amizade com ele; sem a sua mãe saber, lógico – Já que a mulata de 50 anos, que nasceu ali, e sempre fora honesta, não queria em hipótese nenhuma que seu filho amado, que seu Príncipe fosse um...

Um marginal, ou um bandido nem local, nem brasileiro, e Von, que ao contrário, não tinha pai, nem mãe, para cuidar dele, viveu em Orfanatos, e Funabens, desde que se entendeu como gente, voltou para o Morro para morar com um irmão mais velho, depois que saiu da Penitenciária aos 22 anos, e claro, fez carreira e virou o Dono do Morro...

E recrutava seus soldados, e o mais recente recruta convocado para o disciplinado do crime fora o estudioso Danilo; que sedento por sucesso, fama, e dinheiro easy; esqueceu-se de todos os cuidados da desvelada mãe Coragem, e seguiu o caminho da porta Larga...

Quando Leonor soube, já era tarde, seu filho já tinha se tornado o braço direito, esquerdo, mãos, pernas e até parte do cérebro do grande Von... Com 19 anos, deixou à Escola para trás, parou na oitava série, e seu boletim azul, agora amarelado na gaveta do armário simples de um quarto simples de uma casa simples na maior favela da América Latina... E manchado por lágrimas de mãe... desfazia-se...através do implacável senhor “Tempo”.

E no último ano e dia de sua vida, ele que deu uma passadinha na casa materna, apenas veio desejar um FELIZ ANO NOVO! Para aquela que lhe cuidou e deu amor, desde a mais tenra idade, pois do nascimento até os quatro anos, ele dizia não se lembrar de nada.

Durante as quatro horas que faltavam para a meia-noite, ele ficou ali, inerte, comendo um pouquinho de frango, maionese e farofa, que a mãe colocara na mesa... e nem sequer aguardou, pelas rabanadas quentinhas, que ela fritava... E que cheiravam tão bem...

Ela olhou o filho e disse – “Meu príncipe” não desce hoje não, fica aqui comigo... Vamos passar juntos para o 2017... Larga essa vida, você pode voltar a estudar, e tudo irá melhorar, ceia comigo hoje “Meu príncipe”.

Eram Onze da noite do dia 31 de dezembro, e um rapaz alto, de olhos verdes, cabelos acastanhados, tez morena, e muito magra, pelo

## Projeto Apparere

uso de drogas. Respondeu – NÃO TEM VOLTA MÃE, AGORA JÁ ERA EU SOU O PLAYBOY DA ROCINHA, E HOJE NÓS VAMOS ASSALTAR UM BANCO... E O DINHEIRO VAI ROLAR...

Ela desatou a chorar, a gritar, a gemer. E ele desceu a escada impassível, não se arrependia de escutar a dor daquela que o pariu e cuidou... De forma irrepreensível.

No dia seguinte, requentado pelo sol, o mesmo sol de ontem, e de sempre, uma moça aparentando não mais que 17 anos, bateu à porta de Leonor, que nem dormira, e com uma barriga na boca, de nove meses, e chorando... Gritava sem parar: Ele vai nascer sem pai, ele vai nascer sem pai... Seu neto vai nascer sem o amor de um pai.



## CAPITAL DE SÃO PAULO – 2016 – QUINTA-FEIRA – 15H30

WANDA LIBERATORE

Tarde morna. Nuvens de chuva ao longe. A mulher de meia idade descansava, sentada junto a uma mesa externa de uma cafeteria da praça da Biblioteca Municipal Central, apreciando um *cappuccino*. Viera para conferir como esse espaço cultural que tanto havia frequentado nos seus tempos de Colégio e Faculdade se encontrava na atualidade. Gostou das inovações tecnológicas introduzidas e do conforto que propiciava aos seus usuários. Viu uma placa de sinalização na esquina: Praça Dom José Gaspar, homenagem a um ilustre sacerdote católico, nascido no começo do século XX, que se tornara o 14º Bispo de São Paulo e seu 2º Arcebispo. Faleceu em desastre de avião em 1943, voo no qual também se encontrava Casper Líbero. Diziam que Sua Eminência costumava frequentar a casa de veraneio da Congregação de Santa Cruz, no longínquo bairro de Santo Amaro.

Imersa em pensamentos, chegou a cogitar ter seu nome atribuído a algum logradouro da cidade depois que morresse. Pura quimera. Sabia que essa distinção era concedida apenas a personalidades históricas brilhantes. Distraída, surpreendeu-se com a aproximação de três senhoras elegantes junto à sua mesa, bem vestidas em roupas de época. Pediram licença para sentar e, sem mesmo esperarem resposta, acomodaram-se nas três singelas cadeiras disponíveis, compondo seus longos e rodados vestidos.

- “Se Vossa Senhoria por acaso tiver a pretensão de serdes nome de rua ou praça, não vos iludis; trata-se de mera e inútil vaidade, credes-me”, disse a mais alta e, aparentemente, a mais nova das três, com olhos penetrantes, acostumados a dominar ambientes. “As gerações vindouras não vão se lembrar dos vossos feitos e nem mesmo saber quando vivestes e quem fostes. A propósito, meu nome é Angélica, - Maria Angélica de Souza Queirós Aguiar de Barros. Nasci em Rio Claro, interior de São Paulo, em 1842, filha do Barão de Souza Queirós e neta do Senador Vergueiro.”

Atônita, a mulher ficou sem palavras, tentando se adaptar mentalmente à situação.

- “Tu estás certa, Angélica, acontece o mesmo comigo”- disse a mais idosa. “Quero também me apresentar: sou Maria Antônia da

## Projeto Apareere

Silva Ramos, nascida em Castro – Paraná – em 1815. Fui filha do senador do Império, o Barão de Antonina. Não precisais me chamar de Baronesa. Detesto tais formalidades. Concordas conosco, Veridiana?” dirigindo-se à terceira senhora, de roupa escura e muito séria.

- “Pura verdade. Caímos no esquecimento apesar do bem que fizemos a São Paulo. Sou Veridiana da Silva Prado, nascida em 1825. Nossa família é uma das grandes responsáveis pelo crescimento, pela riqueza e pela cultura da cidade”.

- “Não vos preocupeis conosco, disse Maria Angélica à mulher, muda até então. Viemos conhecer a cultura atual desta cidade e estamos estupefatas com o que estamos vendo. Na nossa época tudo era muito diferente. Havia uma elite aristocrática. Convivíamos com famílias bem-nascidas, descendentes de nobres com títulos pomposos: condes, barões, marqueses. Meu sogro, por exemplo, foi o Barão de Itu e, como viúva de Francisco de Aguiar Barros, fui proprietária de muitas terras aqui perto. Tive dez filhos, prática que, pelo que já pudemos observar, esta sociedade deixou para trás. A bem da verdade, abolida a escravidão, isso tornou-se impraticável. Vemos famílias com um ou dois filhos e outras ditas unicelulares, coisa impensável na nossa época. Tínhamos muitos serviçais e cabia-nos administrá-los, cuidar bem da família e frequentar os inúmeros eventos sociais e culturais da cidade. As mulheres de hoje têm vida muito diferente. Morei em um palacete inspirado no Palácio Charlohenberg, da Alemanha, situado na esquina da Alameda Barros, não por acaso, o nome do meu marido”.

- “Gostaríamos que vos apresentásseis também”, disse Dona Maria Antônia. “Podeis ficar à vontade conosco”, correndo os olhos pelo traje da mulher que, com certeza, aos seus olhos se apresentava próprio de serviçal.

A mulher timidamente respondeu: “ – Sou Maria Aparecida, filha de imigrantes italianos, nascida nesta cidade há bons anos. Meu avô foi mestre de obras na construção daquele prédio do fundo da Praça da República, o Colégio Caetano de Campos. Moro em um bairro distante, junto aos mananciais da cidade e tenho uma empregada que me ajuda na limpeza da casa uma vez por semana. Uma diarista”.

Interessante o fato de os transeuntes não se deterem para observar essas estranhas senhoras. A metrópole São Paulo está acostu-

mada com a diversidade de raças, de costumes, de vestimentas, migrantes e imigrantes vindos de todas as partes do planeta e com cenas inusitadas e até mesmo surrealistas. Os pedestres da praça deviam estar pensando se tratar de propaganda de algum espetáculo teatral. Por outro lado, essas senhoras, com certeza, nunca tinham visto a presença de tantos orientais nas ruas e nem tantos negros bem vestidos, misturados aos transeuntes apressados.

- “Minha filha, retrucou Dona Maria Angélica, vamos abrir mão das formalidades e cerimônias, está bem? Contai-nos o que vossos conterrâneos sabem a nosso respeito”.

- “Bem, na verdade, respondeu Maria Aparecida, a maioria deve saber que aqui nas cercanias há um bairro chamado Higienópolis, cujas principais ruas levam os nomes das senhoras, por considerá-las suas fundadoras. Não devem, todavia, saber detalhes de vossas biografias”.

- “Higienópolis! Que nome estranho. Deve ter sua razão. O bairro era ocupado no seu início por chácaras e sítios. Somente muitos anos depois, disse Dona Maria Antônia, houve uma ocupação residencial maior, surgindo os ricos palacetes da elite”. Nossa família também teve uma chácara nesse lugar; era um pomar e servia, também, de pasto para os cavalos, levados para esse local pelos escravos. Essa chácara não possuía casa sede. Como a maior parte da elite da época, morávamos no centro da cidade, na Rua São João”.

Dona Veridiana, calada ouvindo a conversa, aparteou:

- “Cara Maria Aparecida, nossos tempos eram difíceis. Embora meu pai, Antônio da Silva Prado, fosse um dos paulistanos mais ricos da época, comerciante de açúcar e tropas, nem tudo eram flores. Tive de me casar com 13 anos, como era de costume. Tive oito filhos dos quais seis vingaram. Meu marido era um próspero cafeicultor e a maior parte do tempo morávamos na Fazenda Campo Alto. Vínhamos com frequência à nossa chácara na Rua da Consolação, onde tínhamos um sobrado de taipa do século XVIII, ao lado da igreja da Consolação. Após trinta e nove anos de casamento, separei-me do meu marido. Um escândalo! Passei a ocupar a parte inferior dessa casa e meu marido, a parte supe-

rior. No ano seguinte ao da separação comprei uma grande área na antiga rua de Santa Cecília<sup>6</sup>; fiz dela uma bela propriedade, com belos jardins e um campo de futebol. Recebeu o nome de Chácara Vila Maria”.

Dona Maria Angélica comentou:

- “Veridiana querida, conte à Dona Maria Aparecida a sua formação nos moldes europeus e seus feitos culturais”.

- “Sem falsa modéstia, retrucou Dona Veridiana, coloquei meus conhecimentos a serviço da cultura da cidade: promovi encontros de intelectuais, artistas, políticos e cientistas no meu palacete. Minha casa sediou reuniões sociais e culturais que impulsionaram debates políticos e literários. Patrocinei exposições de arte, apresentações de companhias teatrais e eventos esportivos, moda que copiei da Europa, como as corridas de bicicleta e futebol”.

Dona Maria Antônia aparteou:

- “É, minha cara Veridiana, soube que muita gente falava mal de ti. Ouvi que chegaste a receber ameaças de morte”.

- “ Consideravam-me ousada, Maria Antônia. Recebi muitas intimidações. Não me submeti à sociedade que não via com bons olhos uma mulher andar sozinha pelas ruas, coisa que fiz quase até a minha morte.

Maria Aparecida simpatizou de imediato com Dona Veridiana, uma mulher à frente do seu tempo.

Nesse momento começaram a cair algumas gotas de chuva e as senhoras não portavam suas sombrinhas. Maria Aparecida teve uma ideia:

- “Caras senhoras, se tiverdes tempo disponível, que tal nos encontrarmos no final de semana e percorrermos as ruas que levam vossos nomes? Ficam perto umas das outras e o bairro é muito aprazível”.

Dona Maria Antônia mais que depressa falou: - “Acho ótima ideia. Temos todo o tempo do mundo e gostaria de ver a rua que recebeu meu nome e sediou, com muita honra para mim, a primeira Universidade de São Paulo”.

---

<sup>6</sup> atual Rua Dona Veridiana, com divisa entre a Avenida Higienópolis e a atual Martinico Prado.

Dona Veridiana e Dona Maria Angélica também gostaram da proposta e concordaram. Qual seria o ponto de encontro? Passou pela cabeça de Maria Aparecida um pensamento mórbido: o encontro poderia ser no Cemitério da Consolação, nada mais apropriado! Guardou, porém, a ideia para si e sugeriu:

- “Dona Maria Angélica, a rua que leva o vosso nome abriga um excelente e elegante shopping de compras, como costumamos chamar. Trata-se de um centro comercial com várias lojas de departamentos. É bonito e tem ótima frequência; há várias doceiras e casas de chá nesse espaço. Podemos usufruir as delícias que oferecem, após o passeio pelas ruas do entorno, às quais as senhoras emprestam vossos nomes. Que tal”? Todas concordaram.

A chuva tornou-se mais densa e o grupo se dispersou observando-se os protocolos de despedida. Todas as quatro carregavam a ansiedade pelo encontro programado.

## SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)

### ADNELSON BORGES DE CAMPOS

Administrador, casado com Denise, pai de Lucas, Vinícius e Helena. Trabalha na Petrobras desde 1986, onde exerceu diversas funções gerenciais. Morador de São Mateus do Sul/PR, possui vários textos publicados em antologias impressas e digitais. [www.adnelsoncampos.com.br](http://www.adnelsoncampos.com.br)

### ADRIANA IGREJAS

Professora de Português/Literatura e Inglês, formada pela UFRJ. É autora de dois romances e de um livro de contos, além de participar de várias antologias e publicar também pela Amazon. Recebeu o Prêmio Baixada 2014 e faz parte da Academia de Letras de seu município. É casada e tem dois filhos.

### ALEXANDRO MOLLERI REIS

Bancário por profissão, revisor por passatempo e escrevinhador por atrevimento.

### ANTONIO IVAN RODRIGUES BARRETO

Natural de Fortaleza/CE, é professor e tradutor, licenciado em Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola, pós-graduado em Linguística e Tradução. Publicou trabalhos em revistas, participou de Antologias da CBJE – RJ e da All Print Editora, para Bienal do Livro de São Paulo-2012.

## ARISSON TAVARES DA SILVA

Escritor e jornalista de Brasília-DF. Escreveu o livro "Evolução Decrescente", publicado pela Chiado Editora, e "No Vermelho", publicado pela editora Novo Século. Saiba mais acessando:  
<http://evolucaodecrescente.blogspot.com.br>

## DAVI M GONZALES

Vem publicando seus contos regularmente, como resultado de concursos literários ou na submissão a editoras. Possui inclinação para o fantástico, em especial a Ficção Científica e seus subgêneros. Para conhecer alguns trabalhos publicados, veja:  
<http://davimgonzales.blogspot.com.br/>

## DAYANNE SAMPAIO

Estudante de Letras na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia afro-brasileira. Cearense, acrobata, bailarina clássica, desenhista e escritora já publicada. Conto com 21 anos escrevendo desde os 10.

## ELIANA PACCO

Autora de 6 obras da série "Umbanda, Muito Prazer!", autora de peças teatrais, jornalista e radialista. Profissional especializada em negócios imobiliários, Perita Judicial e Avaliadora Mercadológica. Residente na cidade de São José dos Campo/SP, 57 anos.

## Projeto *Appareere*

### FRANCIRENE GRIPP DE OLIVEIRA

Mestre em Estudos Literários (UFMG), leciona língua portuguesa e literatura em Belo Horizonte/MG. Livros Publicados: "Trililli Paralelá" - poesia crianças (Lei de Incentivo à Cultura, Belo Horizonte, 2011); "Coração Incendiário" (Porto Alegre: Pragmatha, 2014); "Vinte Lições" (Belo Horizonte: Dimensão, 1998). Participa de antologias

### GERSON SILVESTRE

Professor de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação (Aposentado). Gestor de Cultura pela Fundação TV Minas - Cultural e Educativa (Aposentado). Atualmente, escreve contos, crônicas, poesias (especialmente sonetos) e trovas. Coleciona alguns prêmios literários em nível nacional.

### GUILHERME GIUBLIN

Escritor, colunista e diretor cinematográfico. Tem contos e poemas em coletâneas e jornais literários e três curta metragens gravados: *Presença*, *Identidade* e *Entrementes*.

### GUILHERME MAPELLI VENTURI

Graduado em Letras, escritor, revisor, crítico literário e diagramador. Participou de várias antologias, escreve em vários blogs e sites de literatura. É autor do livro "Devaneios Poéticos" 2014 e está preparando seu segundo título "A vida ao inverso - o reverso das palavras".



## HELDER GUASTTI

Graduado em Pedagogia e especialista em Alfabetização e Letramento, autor independente e devoto da literatura. O Autor se define: "Com uma paixão sem precedentes pela leitura e escrita, tento transmitir a meus alunos e a todos que estão à minha volta um pouco do amor que sinto pelos livros".

## HERMINIO NETO

Pernambucano, mora em Maceió, tem 30 anos, é professor de Biologia e apreciador de diversas artes.

## JANAINA CAIXETA DE OLIVEIRA

A autora nasceu em 1993 na cidade de Goiás e reside na cidade de Faina/GO. Em 2015, publicou o seu primeiro livro de romance chamado "Um amor capaz de tudo". Além disso, formou-se em Letras na Universidade Estadual de Goiás - Campus Goiás no mesmo ano.

## JANA LOPES

Escreve para o jornal "D Guararema" em sua cidade. Publicou alguns contos para a revista "Litere-se" e para o projeto independente "A arte do terror". Atualmente possui um canal no youtube chamado Cantinho do Horror.

## KAROL FONSECA

Articulista, com experiência em revisão, criação de textos jornalísticos para web jornalismo e jornais impresso, escritora, compositora, produtora musical & assessora de comunicação.

## Projeto *Apparere*

### KELLY CRISTINA ARAUJO

Formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia. Estudante de Neuropsicopedagogia. Professora da rede municipal de São Paulo desde 1998. Ama inventar histórias e pequenos contos para os alunos, incentivando-os a criar suas próprias histórias.

### LAILTON ARAÚJO

Nasceu em Sertânia/PE, ano de 1959. É músico, compositor, cantor, ambientalista, escritor, produtor musical e empresário artístico. Trabalha há 34 anos nas áreas: cultural, marketing e fonográfica. É vocalista da Banda Moxotó. Realizou quase 1.500 eventos com diversos artistas.

### LUIZ LOUREIRO

Arquiteto e escritor. Publicou "Histórias de humor para quem está de bem com a vida - ou quer ficar", Editora Claridade (esgotado).

### MARA GABRIELLY BATISTA DE MACEDO

Apassionada por literatura. Estudante do curso de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

### MARCO ANTONIO CAMPOS

Têm 30 anos. Carioca atípico e contador de histórias.

## MARIANA ZAMBON FERREIRA BRAGA

Tradutora formada em Letras pela Universidade de São Paulo. Escritora por vocação. Redatora do Blog da Rede Feminaria.

## MICHAEL HEARTBORN

Em 2007, iniciou-se na arte da escrita através de um blog literário, onde se impôs o desafio de criar um conto em menos de 30 min. Com o aprendizado de escrita criativa que desenvolveu, já publicou 2 livros, e teve um conto selecionado para uma coletânea de Ficção Científica.

## MILA OLIVIER

Sorocabana, 32 anos. Formada Tecnóloga em Processamento de Dados, Tecnologia em Produção Multimídia e Pós em Docência p/ o Ensino Superior. Começou a escrever aos 17 anos e desde então vem participando de concursos literários e publicações em jornal

## NEYD MONTINGELLI

De Curitiba é casada e tem 4 filhas. Formação em Psicologia, Nutrição, Processamento de alimentos e Laticínios. Tem 18 livros publicados e participa em 68 antologias. Premiada em concursos literários de contos, crônicas e poesias. Membro de Academias de Letras e entidades literárias.

## RODRIGO C. SANTOS

O Autor assim se define: Sou um artista multimídia com ênfase em ilustrações. Escrever acabou se tornando parte de uma vida de criações constantes.

## Projeto *Apparere*

### SANDRA WERNECK

Graduada em Letras e Mestre em Letras, Estudos da Linguagem. Participou de diversas coletâneas publicadas. Recentemente teve meu conto "Estorvo" publicado pela revista *Germina Literatura* edição de setembro de 2016 e foi selecionada para a antologia "Damas do Império".

### VALÉRIA GUERRA REITER

Historiadora, Atriz, Poeta, Acadêmica, Diretora Teatral. Bióloga, Professora, Administradora Escolar. Define-se como uma "cidadã do mundo", já dirigiu algumas peças escritas e dirigidas por ela, oriundas de livros homônimos como: "Expectativas e Contos", "Eu preciso de um Hulk", e outros.

### WANDA LIBERATORE

Possui oito livros publicados desde 2010: "Labirintos e Palavras"; "Poesias, Contos e Crônicas"; "O Conto Brasileiro Hoje – vol. XXII"; "Estradas de Palavras"; "Cá entre nós"; "Véus e Velas"; "Dobraduras da Vida"; "Dobras, Esquinas e Escolhas". Em breve, novo livro de Contos.